UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq)

Gladys Mary Santos Sales

**ESTRUTURAS DE PODER – patronato, honra e prestígio nas representações
discursivas das moedas de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC**

São Paulo
2018

Gladys Mary Santos Sales

**ESTRUTURAS DE PODER – patronato, honra e prestígio nas representações
discursivas das moedas de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa
de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq), do
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade
de São Paulo – MAE/ USP, sob a orientação do
Prof. Dr. Vagner Carneiro Porto

Linha de Pesquisa: Arqueologia e Identidade

**São Paulo
2018**

Gladys Mary Santos Sales

**ESTRUTURAS DE PODER – patronato, honra e prestígio nas representações
discursivas das moedas de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/ USP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Data da aprovação: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vagner Carvalho Porto (Orientador)
Doutor em Arqueologia
Universidade de São Paulo – MAE/USP

Prof. Dr. Marcio Teixeira Bastos
Doutor em Arqueologia
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Profa. Dra. Eliane Alves de Sousa
Doutora em Linguística Aplicada
Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo – SEE-SP

Dedico essa dissertação à minha amada mãe Merenice Santos Sales, que como exemplo de perseverança e amor incondicional, possibilitou a continuidade de meus estudos na pós-graduação.

RESUMO

O presente projeto tem por objetivo a compreensão das estruturas de poder – patronato, honra e prestígio – observadas a partir das moedas cunhadas em duas províncias da Palestina Romana (Aelia Capitolina e Cesareia) no século III EC. Pretende-se por meio desta análise numismática, obter dados referentes à emissão, circulação, iconografia e legendas monetárias, para o entendimento dos possíveis padrões de interações político-administrativa, sociocultural e religiosa de Roma com as elites locais e vice-versa relacionados ao patrocínio provincial. O discurso de poder representado nas moedas, refere-se ao elemento linguístico que é construção social, por isso, as análises desta pesquisa apoiam-se nas epistemologias arqueológicas, numismáticas, antropológicas, sociológicas, históricas existentes, e na contribuição da teoria linguística da Multimodalidade, para a verificação da intencionalidade persuasiva presente nas moedas, associada ao contexto sociocultural do século III EC. na Palestina Romana. Faz-se necessário a reflexão da cultura material (moeda) e suas representações imateriais (estruturas de poder), para o entendimento de dois questionamentos principais: i) quais princípios socioculturais alicerçaram o patrocínio das elites locais em relação a comunidade provincial na Antiguidade Tardia? ii) qual a contribuição da amoedação da Palestina Romana para veiculação e legitimação das estruturas de poder na região, no século III EC?

Palavras-chave: Monetização; Iconografia Monetária; Palestina Romana; Poder e patronato.

ABSTRACT

The present work aims at understanding the power structures – patronage, honour and prestige – observed in the coins struck in two provinces of Roman Palestine (Aelia Capitolina and Caesarea) in the 3rd century AD. Through this numismatic analysis we intend to obtain data related to the emission, circulation, iconography and monetary legends, in order to understand possible patterns of political, administrative, sociocultural and religious interactions between Rome and the local élites and vice-versa, related to provincial patronage. The discourse of power embedded in the coins is related to the linguistic element, which is a social construct. Therefore, the analyses contained in this research are supported by the existing archaeological, numismatic, anthropological, sociological, and historical theories, as well as contributions by the linguistic theory of Multimodality, seeking to verify the persuasive intentionality present in the coins, associated to the sociocultural context of Roman Palestine in the 3rd century AD. It is necessary to reflect upon the material culture (coin) and its immaterial representations (power structures), in order to investigate two main questions: i) Which sociocultural principles constituted the foundations of the local élite's patronage toward the provincial community in late Antiquity? ii) What was the contribution of Roman Palestine coinage to the channelling and legitimation of the power structures in the region in the 3rd century AD?

Keywords: Monetization; Monetary Iconography; Roman Palestine; Power and patronage.

AGRADECIMENTOS

Ao onipotente Deus, pelas oportunidades e por dar-me forças para a realização do sonho de cursar o mestrado em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/ USP.

Ao Prof. Dr. Vagner Carneiro Porto, pela incansável orientação no processo de desenvolvimento de minha dissertação, constante dedicação e pelas excelentes aulas ministradas, que abordaram métodos teóricos significativos de muita relevância social, cuja aplicação no âmbito escolar será de grande valia, e consequentemente contribuirá para um ensino de qualidade, resultando assim em uma educação transformadora e mais humanitária.

Aos docentes Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos, Dr. Marcio Teixeira Bastos e Dra. Silvana Trombetta, pela contribuição e arguição na Qualificação.

À secretária Regina Estela Leopoldo e Silva do Departamento de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, pelas incessantes informações e orientações prestadas ao longo do Curso.

À minha família: à minha mãe, a qual sempre me incentivou nessa caminhada; ao meu amado esposo Nelson Conegundes dos Santos que muito além do apoio durante as horas de leituras e noites não dormidas, acompanhou-me às aulas no meu cansativo período de resguardo e mostrou-se verdadeiramente como meu “ponto de equilíbrio e força”; à minha filha Ashley Sales Conegundes, a qual desde o ventre tem transformado minha vida; aos meus irmãos Eduardo, Elaine, Gleidsilane e Helton, os quais contribuíram nessa jornada.

À minha amiga e irmã Eliane Alves de Sousa, pela ajuda incessante que me proporcionou ao longo dessa pesquisa.

Aos professores e colegas do mestrado, com os quais compartilhei por meio dos seminários e das aulas, momentos de muita reflexão e aquisição de conhecimentos.

“A construção das relações sociais por meio de discursos materiais é uma estratégia eficiente da reprodução do poder.”

Zarankin (2002)

Lista de Quadros

Quadro 1 – Moedas de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia.....	192
Quadro 2 - O contexto dos dados.....	193
Quadro 3 – Moedas de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia.....	194
Quadro 4 – Procedimentos de análise.....	194
Quadro 5 – Análise das legendas da moeda de Aelia Capitolina/ Jerusalém.....	197
Quadro 6 – Análise iconográfica da moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém.....	199
Quadro 7 – Análise das legendas da moeda de Cesareia.....	205
Quadro 8 – Análise iconográfica da moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém.....	207

Lista de Figuras

Fig. 1 – Mapa da Palestina do século I ao III EC – em destaque as províncias de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia.....	07
Fig. 2 – Detalhe do Arco de Tito.....	09
Fig. 3 – Plano arquitetônico de Aelia Capitolina.....	13
Fig. 4 – Reprodução de Jerusalém no mapa de Madaba.....	14
Fig. 5 – Desenho do mapa de Madaba.....	15
Fig. 6 – Vestígios arqueológicos do Cardo de Aelia Capitolina.....	15
Fig. 7 – Placa explicativa referente ao Cardo de Aelia Capitolina.....	16
Fig. 8 – Vista aérea de Jerusalém a partir do Sul.....	20
Fig. 9 – Mapa do reino de Herodes, o Grande.....	24
Fig. 10 – Reconstrução do Monte do Templo de Herodes.....	25
Fig. 11 – Maquete de como seria Jerusalém no período do Segundo Templo – Museu de Jerusalém	25
Fig. 12 – Placa explicativa sobre a maquete de Jerusalém no período do Segundo Templo – Museu de Jerusalém.....	26
Fig. 13 – Extremo sul da parede leste do Monte do Templo, mostrando a parede anterior à direita e a extensão de Herodes, à esquerda.....	27
Fig. 14 – Muro das Lamentações – Kotel.....	27
Fig. 15 – Fragmento honorífico ao imperador Adriano encontrado em Jerusalém.....	29
Fig. 16 – Vista aérea de Cesareia.....	29
Fig. 17 – Vestígios arqueológicos de torre circular em Cesareia.....	30
Fig. 18 – A inscrição de Pôncio Pilatos encontrada em Cesareia.....	32
Fig. 19 – Yehud com lírio judaico e falcão – período persa: 375-333 AEC.....	52
Fig. 20 – Yehud com imagem do rei persa coroado e falcão – período persa: 375-333 AEC.....	52
Fig. 21 – Série monetária de Hircano I.....	53
Fig. 22 – Moeda de Aristóbulo I.....	54
Fig. 23 – Série monetária de Alexandre Janeu.....	54
Fig. 24 – Moeda de Matatias Antígono.....	55
Fig. 25 – Reino de Herodes, o Grande e os territórios de seus filhos.....	56
Fig. 26 – Moeda de Herodes, o Grande.....	57
Fig. 27 – Moeda de Herodes Arquelau.....	57
Fig. 28 – Moeda de Herodes Antipas.....	57
Fig. 29 – Moeda de Herodes Filipe.....	58
Fig. 30 – Moedas da Primeira Revolta Judaica.....	63

Fig. 31 – Tesouro monetário da Primeira Revolta Judaica.....	64
Fig. 32 – Moeda de Gamla.....	64
Fig. 33 – Conjunto monetário da Segunda Revolta Judaica.....	66
Fig. 34 – Série monetária <i>Judaea Capta</i>	68
Fig. 35 – Moeda romana referente a visita de Adriano à Judeia.....	70
Fig. 36 – Moeda referente à fundação da colônia Aelia Capitolina.....	71
Fig. 37 – Quatro moldes de pedra encontrados em Jerusalém.....	73
Fig. 38 – Mapa dos achados arqueológicos em Jerusalem e moldes de pedra para produção de moedas.....	74
Fig. 39 – vestígio material da produção de moedas em Jerusalém.....	75
Fig. 40 – Moldes de pedra para produção de moedas.....	75
Fig. 41 – Molde e moedas produzidos em Jerusalém.....	76
Fig. 42 – Judeia/Síria Palestina, Arábia Ocidental do século I ao III EC – em destaque as províncias Jerusalém/Aelia Capitolina e Cesareia.....	79
Fig. 43 – Mapa de sítios arqueológicos de período romano em Israel.....	80
Fig. 44 – Legenda do mapa de sítios arqueológicos de período romano em Israel.....	81
Fig. 45 – Moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém, sob Trajano Décio.....	201
Fig. 46 – Moeda de Cesareia, sob Hostiliano.....	208

REPERTÓRIO NUMISMÁTICO DE AELIA CAPITOLINA

Fig. 1 – Moeda de Aelia Capitolina – Caracala, Tyche e templo tetrastilo.....	82
Fig. 2 – Moeda de Aelia Capitolina – Caracala e águia.....	83
Fig. 3 – Moeda de Aelia Capitolina – Caracala, grinalda e águia.....	84
Fig. 4 – Moeda de Aelia Capitolina – Caracala, grinalda e águia	85
Fig. 5 – Moeda de Aelia Capitolina – Geta e Dionísio.....	86
Fig. 6 – Moeda de Aelia Capitolina – Geta, Dionísio e <i>thyrsos</i>	87
Fig. 7 – Moeda de Aelia Capitolina – Macrino.....	88
Fig. 8 – Moeda de Aelia Capitolina – Diadumeniano.....	89
Fig. 9 – Moeda de Aelia Capitolina – Heliogábalo.....	90
Fig. 10 – Moeda de Aelia Capitolina – Heliogábalo e Serapis.....	91
Fig. 11 – Moeda de Aelia Capitolina – Heliogábalo e refundação da colônia.....	92
Fig. 12 – Moeda de Aelia Capitolina – Heliogábalo e quadriga.....	93
Fig. 13 – Moeda de Aelia Capitolina – Alexandre Severo.....	94
Fig. 14 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Tyche.....	95
Fig. 15 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Herênio Etrusco.....	96
Fig. 16 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Concordia.....	97
Fig. 17 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio.....	98
Fig. 18 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Serapis.....	99
Fig. 19 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio, Tyche e Vitória.....	100
Fig. 20 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Tyche (coroa de torres).....	101
Fig. 21 – Moeda de Aelia Capitolina – Etruscilla e Concordia.....	102
Fig. 22 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Herênio Etrusco.....	103
Fig. 23 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio, Serapis e Cerberus.....	104
Fig. 24 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio, águia legionária e Vitória.....	105
Fig. 25 – Moeda de Aelia Capitolina – Etruscilla e coroa de flores.....	106
Fig. 26 – Moeda de Aelia Capitolina – Etruscilla e Tyche.....	107
Fig. 27 – Moeda de Aelia Capitolina – Hêrenio Etrusco, loba e gêmeos.....	108
Fig. 28 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco e Tyche.....	109
Fig. 29– Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco, javali e águia legionária.....	110
Fig. 30 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco e Tyche.....	111

Fig. 31 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco, águia legionária e <i>vexillum</i>	112
Fig. 32 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco e Júpiter.....	113
Fig. 33 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco, loba, gêmeos e águia legionária.....	114
Fig. 34 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano e Tyche.....	115
Fig. 35 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano e Baco.....	116
Fig. 36 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano, sacerdote e bois.....	117
Fig. 37 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano e Salus.....	118
Fig. 38 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano, loba e gêmeos.....	119
Fig. 39 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano, águia legionária, loba e gêmeos.....	120
Fig. 40 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano, loba, gêmeos e <i>vexilla</i>	121
Fig. 41 – Moeda de Aelia Capitolina – Hêrenio Etrusco, Hostiliano e Salus.....	122
Fig. 42 – Moeda de Aelia Capitolina – Hêrenio Etrusco, Hostiliano e Tyche.....	123
Fig. 43 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco, Hostilino e águia legionária.....	124
Fig. 44 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco e Hostiliano.....	125
Fig. 45 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco, Hostiliano e Júpiter.....	126

REPERTÓRIO NUMISMÁTICO DE CESAREIA

Fig. 01 – Moeda de Cesareia – Caracala e águia.....	128
Fig. 02 – Moeda de Cesareia – Caracala, águia e grinalda.....	129
Fig. 03 – Moeda de Cesareia – Macrino, águia e sigla SPQR.....	130
Fig. 04 – Moeda de Cesareia – Macrino, águia e grinalda.....	131
Fig. 05 – Moeda de Cesareia – Diadumeniano, águia e grinalda.....	132
Fig. 06 – Moeda de Cesareia – Diadumeniano, águia e grinalda.....	133
Fig. 07 – Moeda de Cesareia – Alexandre Severo, águia e sigla SPQR.....	134
Fig. 08 – Moeda de Cesareia – Alexandre Severo e águia.....	135
Fig. 09 – Moeda de Cesareia – Alexandre Severo e inscrição SPQR.....	136
Fig. 10 – Moeda de Cesareia – Alexandre Severo laureado e águia.....	137
Fig. 11 – Moeda de Cesareia – Felipe I sobre pantera.....	138
Fig. 12 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Tyche.....	139
Fig. 13 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e altar.....	140
Fig. 14 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, Tyche e deus Rio.....	141
Fig. 15 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio a cavalo.....	142
Fig. 16 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, Tyche, altar e bois.....	143
Fig. 17 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Baco.....	144
Fig. 18 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, Javali e <i>vexillum</i>	145
Fig. 19 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Ceres.....	146
Fig. 20 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, Ceres e cista.....	147
Fig. 21 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, cavalgando sob um inimigo.....	148
Fig. 22 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Vitória.....	149
Fig. 23 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, águia legionária e <i>vexillum</i>	150
Fig. 24 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e águias adossadas.....	151
Fig. 25 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e galé.....	152
Fig. 26 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Júpiter.....	153
Fig. 27 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Marte.....	154
Fig. 28 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Netuno.....	155
Fig. 29 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Roma.....	156
Fig. 30 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Salus.....	157
Fig. 31 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, águia e Tyche.....	158

Fig. 32 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, águia e Tyche coroada com torre.....	159
Fig. 33 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, Tyche e busto humano.....	160
Fig. 34 – Moeda de Cesareia – Herênia Etruscilla e Roma.....	161
Fig. 35 – Moeda de Cesareia – Herênio Etrusco, Javali e <i>Vexillum</i>	162
Fig. 36 – Moeda de Cesareia – Hostiliano e Tyche.....	163
Fig. 37 – Moeda de Cesareia – Hostiliano e Tyche coroada com torres.....	164
Fig. 38 – Moeda de Cesareia – Hostiliano e Tyche coroada.....	165
Fig. 39 – Moeda de Cesareia – Volusiano e pantera.....	166
Fig. 40 – Moeda de Cesareia – Treboniano Gallo e Tyche.....	167
Fig. 41 – Moeda de Cesareia – Treboniano Gallo e Dionísio.....	168

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Iconografia de reverso – Aelia Capitolina séc. III EC.....	173
Gráfico 2 – Representação dos imperadores romanos no anverso das moedas.....	174
Gráfico 3 – Caracterização dos imperadores no anverso das moedas.....	175
Gráfico 4 – Metais das emissões monetárias.....	175
Gráfico 5 – Legendas monetárias.....	176
Gráfico 6 – Iconografia de reverso – Cesareia séc. III EC.....	176
Gráfico 7 – Representação dos imperadores romanos no anverso das moedas de Cesareia.....	177
Gráfico 8 – Caracterização dos imperadores no anverso das moedas de Cesareia.....	178
Gráfico 9 – Metais das emissões monetárias de Cesareia.....	179
Gráfico 10 – Legendas monetárias de Cesareia.....	179

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 HISTÓRICO – POSIÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRIA DA PALESTINA SOB DOMINAÇÃO ROMANA (SÉC. III EC)	6
1.1 A origem histórica de Jerusalém/Aelia Capitolina e Cesareia	20
<i>1.1.1 História de Cesareia</i>	29
2 APRESENTANDO AS ESTRUTURAS DE PODER – PATRONATO, HONRA E PRESTÍGIO EM JERUSALÉM/AELIA CAPITOLINA E CESAREIA NO PERÍODO ROMANO TARDIO	34
2.1 Noções de evergetismo e patronato	38
2.2 Contribuições da Escola de Polanyi nas análises de economias antigas	45
3 HISTÓRICO DA PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO MONETÁRIA EM JERUSALÉM/AELIA CAPITOLINA E CESAREIA	49
3.1 Emissões monetárias do período persa	52
3.2 Emissões monetárias do período hasmoneu	53
3.3 Emissões monetárias da dinastia herodiana	55
3.4 Emissões monetárias do período romano na Palestina (63 AEC-268 EC).....	58
3.4.1 <i>Emissões monetárias da Primeira Revolta Judaica (66-70 EC)</i>	63
3.4.2 <i>Emissões monetárias da Segunda Revolta Judaica (132-135 EC)</i>	65
3.4.3 <i>Emissões monetárias das séries Judaea Capta</i>	67
3.4.4 <i>Emissões monetárias de Aelia Capitolina</i>	69
3.5 Oficinas monetárias e autoridade emissora de moedas em Jerusalém	72
4 REPERTÓRIO DE MOEDAS DE AELIA CAPITOLINA E CESAREIA – SÉCULO III EC	78
4.1 Análise e discussão da iconografia monetária	169
4.1.1 <i>Análise iconográfica das moedas de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC</i>	172
4.1.1.1 <i>Iconografia de Aelia Capitolina</i>	173
4.1.1.2 <i>Iconografia de Cesareia</i>	176
4.1.2 <i>Discussão dos resultados das moedas de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC</i>	179
5 ANÁLISES ARQUEOLÓGICAS COM APORTE DA LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF)	182
5.1 As Metafunções - Ideacional, Interpessoal e Textual	184
5.2 Noções de Tema e Rema na Linguística Sistêmico-Funcional	185
5.3 A disseminação das estruturas de poder	186
5.4 A Legitimação como meio persuasivo nas cunhagens dos séculos III EC.....	186
5.5 A Multimodalidade presente nas cunhagens da Palestina romana	189
5.6 As legendas monetárias como recurso persuasivo	189
6 METODOLOGIA	191
6.1 Dados.....	192
6.1.1 <i>Amostragem numismática</i>	194

6.2 Procedimentos de análise.....	194
6.3 Análise e discussão dos resultados	196
6.3.1 <i>Análise da moeda multimodal de Aelia Capitolina</i>	196
6.3.1.1 Análise da legenda monetária.....	196
6.3.1.2 Análise iconográfica da moeda de Aelia Capitolina.....	199
6.3.1.2.1 Metafunção Textual – Tema, Rema e Legitimização	199
6.3.1.2.2 Fator Contato, Atitude e Distância Social.....	201
6.3.2 <i>Discussão geral</i>	203
6.4 Análise da moeda multimodal de Cesareia	204
6.4.1 <i>Análise da legenda monetária da moeda multimodal de Cesareia</i>	205
6.4.2 <i>Análise iconográfica da moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém</i>	207
6.4.2.1 Metafunção Textual – Tema, Rema e Legitimização	207
6.4.2.2 Fator Contato, Atitude e Distância Social.....	208
6.4.3 <i>Discussão geral</i>	209
6.5 Discussão dos resultados.....	211
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	213
REFERÊNCIAS.....	217
ANEXO	

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa arqueológica tem por objetivo a compreensão das estruturas de poder – patronato, honra e prestígio, observadas nas moedas das províncias da Palestina Romana (Aelia Capitolina e Cesareia) no século III EC, para a constatação da posição ideológica presente na amoedação¹, associada ao contexto sociocultural desse século.

Sabe-se que os estudos arqueológicos desenvolvidos nos séculos XIX e início do XX sobre o Mediterrâneo Antigo, especificamente as pesquisas referentes à Palestina Romana, foram amplamente marcados pelo unilateralismo da experiência do domínio do Império Romano nesta região. Tratavam-se de pesquisas cuja visão polarizada da relação existente entre Roma e a comunidade provincial de Aelia Capitolina e Cesareia, promoviam o uso constante de oposições binárias – ‘centro/ periferia’; ‘civilizado/ bárbaro’ – na compreensão das realidades antigas.

De fato, diversos estudos, nos últimos anos, têm ressaltado o impacto duradouro dessa herança colonialista sobre os modelos e os conceitos utilizados desde então pelos estudiosos da Antiguidade (BERNAL, 1987; HINGLEY, 2000). No entanto, nenhuma tradição foi tão profundamente marcada pelo moderno colonialismo e pelo processo de descolonização que se seguiu do que os estudos sobre o Império Romano.

Essa identificação contrastante entre passado e presente resultou, por parte dos ideólogos, divulgadores e estudiosos do período colonial, na criação do termo ‘romanização’, conceito em desuso, uma vez que, se sabe que no processo de conquista, houve por parte da comunidade local, uma série de revoltas contra o Império Romano, que têm evidenciado a resistência das províncias à ocupação estrangeira (MATTINGLY, 1996; MUNZI, 2001).

O presente estudo, relaciona-se assim, às pesquisas arqueológicas desenvolvidas no século XXI, com o rompimento dos pressupostos e preconceitos imperialistas do século XIX, que marcaram a constituição da Arqueologia enquanto ciência.

Dessa forma, essa dissertação, está orientada pelas novas perspectivas dos estudos referentes ao Império Romano e suas relações com as províncias de Aelia

¹ O termo *amoedação* está relacionado à materialidade da cunhagem de moedas, e suas instâncias imateriais representadas no anverso e reverso do disco metálico conhecido por moeda.

² Ao utilizar o termo *Antiguidade Tardia*, refiro-me a dimensão temporal de mais de três séculos compreendidos entre os séculos III EC até o VI, que está associada aos últimos séculos do Império Romano no Ocidente. Assim, recorre-se ao conceito originário do pós-guerra, na obra do historiador irlandês Peter Brown, publicada em 1971 – *The World of Late Antiquity*, o qual define as fronteiras do

Capitolina e Cesareia, na esteira das preocupações dos estudos pós-coloniais, e dos recentes trabalhos arqueológicos desenvolvidos sobre o Mediterrâneo Oriental.

Segundo Bastos (2015) o estudo da Arqueologia Romana ainda é muito recente no âmbito acadêmico brasileiro. Foi a partir da década de 1960 como uma maneira de acessar as coleções do Museu Nacional do Rio de Janeiro e do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo que os primeiros estudos científicos nesta área do saber foram realizados.

Os arqueólogos brasileiros dedicados a esta especialidade, devido à natureza de seus estudos, logo estabeleceram vínculos de pesquisa com importantes centros europeus de investigação, principalmente italianos, britânicos, espanhóis, franceses e portugueses.

A formação de arqueólogos brasileiros dedicados ao estudo da cultura material no mundo romano ocorreu paralelamente ao desenvolvimento e a formação dos demais arqueólogos brasileiros. Especialmente durante a década de 1970, período em que mais brasileiros receberam formação científica em Arqueologia, através do programa de estudos arqueológicos do território nacional, PRONAPA (MENESES, 1973).

Neste período formativo no desenvolvimento da Arqueologia Romana no Brasil, os arqueólogos centraram maiores esforços em analisar os usos ideológicos da cultura material mais do que à prática arqueológica.

Os estudos produzidos em Arqueologia Romana, nesse sentido, contribuíram diretamente para disseminação do pós-processualismo no cenário acadêmico nacional (GUARINELLO, 1985, FUNARI, 1988, 1997, 2008a) face ao desenvolvimento abrangente do processualismo no país.

No final da década de 1990 e início dos anos 2000, a Arqueologia acadêmica do mundo romano no Brasil experimentou grande vigor (GUARINELLO, 1994, 1995, 2005, 2006; FLEMING, 2001; FUNARI, 2005, 2006, 2008b), e além da participação de alguns brasileiros em escavações de sítios romanos no Ocidente (GARRAFFONI, CAVICCHIOLI, SILVA, 2001); uma equipe brasileira escavou pela primeira vez um sítio romano no Oriente (MARSHALL, 2003).

As fronteiras de pesquisa foram dessa forma estendidas para Israel e o trabalho realizado na área E do sítio romano de Apollonia desenterrou um edifício que foi identificado como uma *villa maritima* (RECH, 2003; ROLL; TAL, 1999), datada entre o primeiro e início do segundo século EC.

Ressalta-se nas atuais discussões brasileiras sobre o Império Romano, a importância das atividades desenvolvidas na Universidade de São Paulo – USP, no Laboratório de Arqueologia Romana Provincial, coordenado pela Profa. Dra. Maria Isabel D’Agostino Fleming e Prof. Dr. Vagner Carneiro Porto – que tem pesquisadores que se dedicam a estudar essa região, como os recentes estudos de Marcio Teixeira Bastos (*Cristianização dos Espaços na Antiguidade Tardia: O caso de Apollonia-Arsuf*, dissertação de mestrado, 2011; *Análise e distribuição espacial de lamparinas romanas de disco: o caso das províncias da Palestina e do norte da África*, tese de doutorado, 2016). Há ainda o projeto conjunto da USP com a *Durham University*, referente à *Patronage and Power, East and West – comparative perspectives on secular and religious transformations in Late Antiquity* Coordenados por Anna Leone da *Durham University*, Oren Tal da *Tel Aviv University* e Vagner Carneiro Porto do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Recentemente, o Laboratório de Arqueologia Romana Provincial – LARP/USP foi representado pelas pesquisadoras Profa. Gladys Mary Santos Sales, Claudia Gradim e Dra. Lygia Ferreira Rocco nas escavações em Israel, organizadas pela Universidade Hebraica de Jerusalém – Projeto Tiberíades em 2018, sob a coordenação da Profa. Dra. Katia Cytryn-Silverman.

Os estudos referentes ao Império Romano desenvolvidos na Universidade de São Paulo, ocorrem também no Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo – LEIR-MA/USP, com um grupo de pesquisa de História Antiga, Arqueologia e Letras Clássicas sediado no departamento de História, cujos interesses vão da Idade do Bronze à Antiguidade Tardia², da cerâmica à poesia épica, do urbanismo às rebeliões camponesas, mas cujo denominador comum é a consideração da presença romana no Mar Mediterrâneo como questão teórica e metodológica.

Como pode-se observar, cada vez mais pesquisadores brasileiros têm participado de escavações e produzido estudos sobre as coleções e os sítios arqueológicos relacionados à ocupação romana em sua total área de extensão.

A produção teórica para esta área do saber, principalmente relacionada aos cursos de História no país têm favorecido o aumento da participação ativa dos

² Ao utilizar o termo *Antiguidade Tardia*, refiro-me a dimensão temporal de mais de três séculos compreendidos entre os séculos III EC até o VI, que está associada aos últimos séculos do Império Romano no Ocidente. Assim, recorre-se ao conceito originário do pós-guerra, na obra do historiador irlandês Peter Brown, publicada em 1971 – *The World of Late Antiquity*, o qual define as fronteiras do que seria o mundo tardo-antigo.

brasileiros no cenário de pesquisa arqueológica acadêmica (MACHADO, 2006, 2010, 2012; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, 2011, 2012; FAVERSANI 2007; PORTO, 2009, 2013; GARRAFFONI, FUNARI, 2011, 2012; MENDES, 2009; MENDES, CORREIA, 2007; BUSTAMANTE, 2002, 2009, 2014; SILVA, 2006, 2010, 2013).

Muitas vezes ainda entendida como uma ciência “apolítica e claramente reacionária” (FUNARI, 1997); ou ainda, sem propósito prático na sociedade brasileira, uma vez que “os sítios não estão dentro do território nacional”, a Arqueologia Romana, tributária da Arqueologia “Clássica” no país, cumpre no sentido mais amplo, o papel básico e fundamental de analisar a materialidade, entender as práticas e a ocupação dos espaços; bem como as apropriações das paisagens, as representações culturais, as emergências de poder, as práticas de poder material, a conectividade e a multiplicidade de contatos sociais, religiosos e étnicos no Mundo Antigo.

Isto somente para mencionar alguns dos alcances do estudo de Arqueologia Romana no país; além, é claro, do entendimento do uso ideológico da materialidade e do passado por grupos humanos em sociedade, e os estudos sobre Imperialismo e as organizações sociais, como pontos de contribuição ao conhecimento e à educação brasileira.

Assim, a proposta dessa pesquisa em termos teórico-metodológicos relaciona-se aos estudos brasileiros referentes ao Império Romano, bem como, aos pressupostos pós-processualistas de Hodder (1985) e seus colaboradores, na compreensão de que o estudo da cultura material fornece informações fundamentais no entendimento da multiplicidade das expressões simbólicas e estéticas que se manifestam no registro arqueológico. Por isso, a conceituação de cultura material que direciona essa pesquisa, alinha-se às proposições de Ian Hodder (1982), que sugeriu a concepção de cultura material “*como um sistema de representação*”.

Compreende-se que a Arqueologia se refere à construção do passado em consonância com o presente, em uma perspectiva crítica do futuro, por meio da convicção de que o registro arqueológico é algo socialmente construído, o que na definição de Funari (2003:15), a Arqueologia “[...] *estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico*”.

Portanto, essa pesquisa tem por objetivo a compreensão das estruturas de poder observadas nas moedas cunhadas em duas províncias da Palestina Romana (Aelia Capitolina e Cesareia) no século III EC, em uma perspectiva pós-colonialista.

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira: **Introdução**, trata dos objetivos e da corrente teórico-metodológica da presente dissertação de mestrado. O capítulo 1, **Histórico – posição geográfica e história da Palestina sob dominação romana (séc. III EC.)**, aborda a posição geográfica e o contexto histórico da Palestina sob dominação romana no século III EC, que por ser um período de transição, permite a análise das mudanças e permanências na região, com enfoque nas províncias de Aelia Capitolina e Cesareia. O capítulo 2, **Apresentando as estruturas de poder – patronato, honra e prestígio em Jerusalém/Aelia Capitolina e Cesareia no período Romano Tardio**, apresenta as teorias desenvolvidas por Foucault (1979, 2009 e 1999) e Bourdieu (1996, 1998, 1999 e 2001). O capítulo 3, **Histórico da produção e circulação monetária em Jerusalém/ Aelia Capitolina e Cesareia**, descreve a produção e circulação das moedas locais e imperiais em Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia nos séculos III EC. O capítulo 4, **Repertório de moedas de Aelia capitolina e Cesareia**, refere-se ao repertório numismático levantando por meio de catálogos numismáticos, bem como, em estudos arqueológicos e tesouros monetários, que elucidarão quais moedas estavam em circulação na região durante o século III EC. O capítulo 5, **Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) – Uma proposta metodológica**, traz às epistemologias da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994) e seus colaboradores, os quais analisam a questão ideológica da multimodalidade (discurso verbal e imagem) articulada ao contexto situacional, o qual está intrínseco à cultura social, histórica etc. O capítulo 6, **Metodologia**, traz os dados e a explicação metodológica da análise e argumentação da pesquisa, bem como, a **Análise e Discussão dos Resultados**, que mostram os resultados da pesquisa, a estruturação e construção da análise das moedas produzidas e que circulavam em Aelia Capitolina e Cesareia durante o século III EC, articulados aos métodos teóricos e epistemológicos da Arqueologia Clássica. As **Considerações Finais** apresentam a relevância social desta pesquisa, a qual contribuiu nos atuais estudos acadêmicos referentes à Palestina Romana no século III EC, por meio de pressupostos teórico-metodológicos inéditos e interdisciplinares da Arqueologia Pós-Processual de Hodder (1982) e da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994) e seus colaboradores.

1 HISTÓRICO – POSIÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRIA DA PALESTINA SOB DOMINAÇÃO ROMANA (SÉC. III EC)

Esta pesquisa arqueológica tem por objetivo o entendimento das relações existentes entre Roma – especificamente do lado Oriental do Império – e as respectivas elites locais, na compreensão de sua integração com a comunidade provincial de Aelia Capitolina e Cesareia, por meio do diálogo entre numismática e fonte textual, na compreensão da tríade – patrocínio, honra e prestígio no período de ocupação romana na Palestina.

Segundo Norberto Guarinello, é importante ressaltar que havia duas áreas de dominação romana – Oriente e Ocidente, passíveis de estratégias de dominação diferentes. No Ocidente romano houve a difusão de todo um modo de ‘ser romano’ – baseado na difusão do latim, padrões arquitetônicos e nas práticas que difundiam os ideais latinos, tais como: as vestimentas, os *fora* e o anfiteatro. Em contrapartida, no Oriente, já havia uma vida urbana pré-romana, além do helenismo, que difundiu a língua grega. Sendo assim, as estratégias romanas no Oriente visavam reforçar características helenísticas que já haviam interagido com as culturas daquela região (GUARINELLO, 2008: 13).

Para Costa Junior (2010: 27; 2011: 69):

As estratégias de dominação romana e a resistência apresentada pela população nativa, evidenciam que o processo de dominação imperial acarretava, invariavelmente, um diálogo entre as culturas do dominador e do dominado. Ao deixar de lado a coerção física (intervenção militar) e partir para novas formas de aproximação (negociação), baseadas principalmente nas relações entre a elite romana e as elites provinciais, Roma iniciou um processo definido por Gramsci como “*negociação colonial*” (GRAMSCI, 1971 apud PORTELLI, 2002: 32), que manteve a hegemonia política nas mãos do conquistador, por meio da colaboração política da elite local. (COSTA JUNIOR, 2010; 2011).

A definição de Gramsci (1971), referente à negociação colonial articula-se aos conceitos de Bobbio et al. (1998), relacionados à dominação imperial, ou de uma forma de poder, de um povo sobre outro. Assim, esta definição de negociação colonial coaduna-se com as questões observadas por esta pesquisa, uma vez que o autor defende que tal domínio, ou forma de poder, não seria desenvolvido apenas pelo uso das armas (BOBBIO, et al., 1998), como se observa na intervenção romana na província da Palestina.

Ressalta-se que essa região apresentava uma multiplicidade étnico-cultural, uma vez que abrigava gregos, judeus, samaritanos, dentre outros, e as estratégias de dominação romanas necessitavam contemplar esses diferentes grupos humanos que povoavam o mesmo espaço geográfico, e elas ocorreram por meio de negociações, e ainda assim, encontraram resistência da comunidade local, o que evidencia que o imperialismo romano na Palestina não ocorreu de forma unívoca, tendo que se adequar às especificidades histórico-sociais da região. Portanto, esta pesquisa segue a reorientação arqueológica da segunda metade do século XX que viabilizou a compreensão do posicionamento dos nativos nos estudos sobre o imperialismo romano no entendimento da importância das regiões periféricas durante a conquista do mediterrâneo por Roma. Dessa forma, o estudo do processo de dominação imperial romana na Palestina não pode ser feito com base apenas em questões políticas e/ou econômicas, mas faz-se necessário, análises que contemplem as interações e mudanças culturais no Império e nas províncias.

O recorte geográfico dessa pesquisa se limita às províncias da Palestina Romana, conhecidas no século III EC como Aelia Capitolina e Cesareia, conforme Fig. 1.

Fig. 1 – Mapa da Palestina do século I ao III EC – em destaque as províncias de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia

Fonte: Mapa extraído de Millar, 2001 apud Porto, 2007.

As condições histórico-sociais da Palestina romana, ao longo do processo de conquista romana transformaram-se (teve início em 63 AEC. de acordo com JOSEFO, *Antiguidades Judaicas*, XIII, 10.2.211 apud ANDERSON, 1995: 446) porque desde 164 AEC, o contexto histórico da região era marcado por lutas de libertação da Judeia frente ao domínio dos selêucidas, processo este em que Roma seria uma importante aliada dos judeus. Naquele momento, a sociedade judaica estava repartida entre “*o grupo que aceitava e apoiava a dominação selêucida e suas propostas helenizantes e outro que visava manter o apego dos judeus à lei mosaica e alcançar a independência dos judeus*” (COSTA JUNIOR, 2010: 11).

Após a libertação do jugo selêucida, a Judeia entre os anos de 164 a 64 AEC, foi marcada pelas disputas internas pelo poder político de Hircano II e Aristóbulo II, que possibilitaram a consolidação de facções político-religiosas que lutavam pela hegemonia política e religiosa da região (ANDERSON, 1995).

A conquista do Templo de Jerusalém em 63 AEC por Pompeu, porém, mudou o quadro de liberdade judaica e estabeleceu o início da intervenção direta romana na Palestina. Esta nova relação foi marcada por duas grandes revoltas – a de 66 EC e a de 132 EC – que evidenciaram a resistência dos judeus ao domínio romano (WILLIAMS, 2000).

Por muito tempo a Judeia foi governada por um rei cliente (Herodes) e seus filhos, quando Arquelau foi removido de seu posto em 6 EC, e os romanos substituíram a dinastia nativa (Herodes) por governadores (prefeitos ou procuradores). Os governadores romanos mudaram a capital da Judeia de Jerusalém para Cesareia Marítima.

Houve nesse período, agitação crescente que culminou com a eclosão da primeira revolta judaica contra os romanos em 66 EC. Os judeus estabeleceram um governo independente e dividiram a região em sete distritos administrativos.

O imperador Nero nomeou Vespasiano para conter a revolta na Judeia. Com a morte de Nero, Vespasiano foi proclamado imperador em 69 EC, o que o fez partir da região para Roma, deixando o seu filho mais velho Tito no comando das tropas imperiais.

Apesar da resistência judaica, os romanos conseguiram romper as muralhas da cidade, a norte, e tomaram a fortaleza Antonia. A luta então se espalhou para o Monte do Templo, onde alguns judeus se refugiaram no interior do templo, que tinha suas

próprias fortificações. O templo foi incendiado e queimado até o chão, no décimo dia do mês judaico de Av (agosto de 70 EC).

A Primeira Revolta Judaica terminou com a queda de Jerusalém em 70 EC. Em Roma, Vespasiano e Tito comemoraram a vitória com um desfile de prisioneiros e tesouros de Jerusalém. Os tesouros incluíam a *menorah* (candelabro de sete braços) e mesa de pães da proposição do Templo de Jerusalém, que estão representados no Arco de Tito (Fig. 2), no Fórum Romano e foram colocados em exposição em um templo que Vespasiano dedicou à Paz.

Fig. 2 – Detalhe do Arco de Tito

Fonte: <http://imperialroma.blogspot.com.br/2010/03/cerco-de-jerusalem.html>

Depois de 70 EC, Jerusalém estava em ruínas. Para fortalecer seu domínio sobre a região, os romanos mudaram a estrutura da administração. A província da Judeia foi feita independente da Síria e colocada sob o controle de seu próprio legado, e a Décima Legião estava estacionada em Jerusalém.

As informações sobre a região estavam descritas principalmente nas obras de Flavio Josefo, que não produziu informações para o período após 70 EC. Assim, a obtenção de informações sobre a Palestina romana, após esse período, dar-se-ão por meio da literatura rabínica e alguns escritores latinos.

Depois de 70, os judeus esperavam a permissão dos romanos para reconstruir o templo de Jerusalém, mas a medida em que as décadas se passaram e a permissão romana não veio, os judeus da Palestina e da diáspora tornaram-se cada vez mais ansiosos.

Adriano passou grande parte de seu reinado viajando ao redor das províncias romanas. Em 129-130 EC ele visitou a Palestina e visitou Jerusalém, que ainda estava em ruínas. Adriano decidiu reconstruir Jerusalém, mas como uma cidade romana chamada Aelia Capitolina, com um templo dedicado a Júpiter Capitolino no Monte do Templo de Salomão (DION, *Trabalhos* LXIX, 12-14 apud STEIN, 1990: 212), e a proibição sobre a circuncisão. As decisões de Adriano foram um golpe esmagador para as expectativas judaicas.

Em 132 EC, os judeus da Judeia revoltaram-se. A Segunda Revolta judaica contra os romanos foi liderada por uma figura messiânica - Simeão Bar Kosiba (Bar-Kokhba) – que supostamente foi apoiado pelo altamente respeitado rabino Rabi Aqiba ben Joseph (KIPPENBERG, 1988: 150-151).

Segundo Porto (2007: 64), essa nova revolta ocorreu provavelmente devido à opressiva situação agrária (perda de autonomia para os contratos de arrendamento, criação de novos impostos agrários) vivida na região.

Nessa leitura Aelia Capitolina teria sido fundada em 130 EC, portanto, antes da Segunda Revolta.

A maior parte da informação histórica que se tem sobre a Revolta de Bar Kokhba vem de um autor romano do século III EC chamado Dion Cassio. Na verdade, antes da descoberta de documentos arqueológicos no Deserto da Judeia, pouco se sabia sobre o verdadeiro nome de Bar-Kokhba.

Sabe-se que seus seguidores o chamavam de Bar-Kokhba – *o filho de uma estrela* – em alusão ao seu status messiânico. Mas a literatura rabínica refere-se a ele como Bar-Koziba – *o filho de um mentiroso ou enganador* – porque o consideravam como um falso messias que liderou uma fracassada revolta (ALLEGRO, 1976: 231).

Dion Cássio em sua obra *Historia Romana*, afirmou que:

Foram arrasados cinquenta dos postos mais avançados deles e novecentas e oitenta e cinco aldeias que ficaram no chão. Foram mortos quinhentos e oitenta mil homens em várias invasões e batalhas e por doenças. Assim, quase toda a Judéia foi desolada, um resultado que as pessoas haviam previsto antes do início da guerra. (DION CÁSSIO, LXIX).

Essa revolta terminou quando o último reduto judaico – Bethar (perto de Belém) caiu sob os romanos e Bar-Kokhba foi morto.

A Arqueologia fornece informações valiosas sobre a Revolta de Bar Kokhba, uma vez que há informação escassa das fontes históricas.

Os rebeldes ocuparam Jerusalém e algumas fortalezas espalhadas pelo território judaico. As escavações têm provado que a revolta foi finalmente suprimida no deserto da Judeia (BAR-ADON; KOCHAVI, 1972: 25 apud ANDERSON, 1995: 449), e as fontes sugerem que a revolta esteve centrada na Judeia. A evidência numismática apóia a ideia de que ela não se expandiu para o interior da Galileia (APPLEBAUM, 1976: 23 apud ANDERSON, 1995: 450).

Alla Stein ao citar Eusébio, informa que depois de muita luta, um enviado de Adriano, Júlio Severo, conseguiu dominar a revolta em 135 EC, vendendo, em seguida, os rebeldes como escravos (EUSÉBIO, *História Eclesiástica* IV, 6 apud STEIN, 1990: 212).

A Segunda revolta resultou na morte de dois terços da população de judeus da Judeia (APPLEBAUM, 1989: 157). Roma impôs a restrição de que os judeus não entrassem em Jerusalém (EUSÉBIO, *História Eclesiástica* IV, 6.3).

Segundo Porto (2007: 64), nesse período houve a emigração em massa de judeus da Judeia para as cidades costeiras e para a Galileia, a qual tornou-se doravante o centro de aprendizagem judeu e instituições autônomas.

O autor esclarece que essa província, foi oficialmente nomeada Palestina (uma lembrança do termo usado por Heródoto I, 105), parece ter adquirido uma nova importância no Império depois da segunda revolta. Realmente, ela foi feita consular (ISAAC, B.; ROLL, I., 1979: 54-66), outra legião foi adicionada (SMALLWOOD, 1981: 546), e amplas forças militares foram estacionadas em Jerusalém.

Os achados arqueológicos de grande relevância para compreensão dessa revolta deram-se ainda por meio da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto.

Após a descoberta dos primeiros pergaminhos nas cavernas em torno de Qumran, beduínos ampliaram suas buscas ao redor do Mar Morto, no território israelita de Ein Gedi. Como resultado, uma expedição de Israel foi organizada em 1960-61 para explorar a costa sudoeste do Mar Morto entre Ein Gedi e Massada.

Uma das consequências em longo prazo da Revolta de Bar Kokhba, foi que muitos assentamentos judaicos na Judeia foram destruídos, e nos séculos seguintes a maioria da população judaica da Palestina foi concentrada no Norte (Galileia e Golan).

Segundo Magness (2012), o imperador romano povoou a província com os veteranos militares romanos (a Décima Legião *Fretensis*), que permaneceu estacionada em Aelia Capitolina até que o imperador Diocleciano a transferiu para Aila (moderna Aqaba), no Mar Vermelho em torno de 300 EC.

Adriano deu a Aelia Capitolina um plano urbanístico típico de cidade romana: um layout mais ou menos quadrado, com os quatro lados do quadrado orientado para os pontos cardeais, e um portão principal, no centro de cada lado. Estas portas davam acesso a duas estradas principais que ligava a cidade de norte a sul e de leste a oeste, com cruzamento no centro delas.

Outras estradas foram dispostas paralelamente às duas estradas principais, criando uma grade de ruas no sentido norte-sul e leste-oeste. Os romanos chamavam a estrada norte-sul de *cardo*, e a estrada leste-oeste de *decumanus*. A principal estrada norte-sul era o *Cardo Maximus*, e a principal estrada leste-oeste foi o *Decumanus Maximus*. Este tipo de plano da cidade está relacionado com o layout de campos militares romanos, como os de Madaba. Ela representa uma adaptação do plano Hipodâmico de cidade comum no mundo helenístico, que tinha uma grade de ruas no sentido norte-sul e leste-oeste, mas não tinha o traçado regular (quadrado) dos romanos ou duas estradas principais que atravessavam a cidade, conforme observa-se na Fig. 3.

monumentos e recursos que foram adicionados depois do tempo de Adriano), é uma fonte importante nos estudos referentes a Aelia Capitolina (MAGNESS, 2012: 272-273).

A moderna cidade de Jerusalém ainda preserva os principais elementos de Aelia Capitolina, porque nunca mais a cidade foi arrasada e reconstruída a partir do zero. Estes elementos, que podem ser vistos no mapa, incluem o portão principal, no extremo norte da cidade, o *Cardo Maximus* e um segundo Cardo principal, e o *Decumano* (Figs 4, 5, 6 e 7).

Fig. 4 – Reprodução de Jerusalém no mapa de Madaba

Fonte: Arquivo pessoal. Jerusalém, janeiro de 2018

Fig. 5 – Desenho do mapa de Madaba

Fonte: Arquivo pessoal. Jerusalém, janeiro de 2018

A Fig. 5 refere-se à representação artística do mapa de Madaba. Os vestígios arqueológicos do Cardo de Aelia Capitolina ainda podem ser vistos dentro da antiga cidade muralhada de Jerusalém, conforme Fig. 6.

Fig. 6 – Vestígios arqueológicos do Cardo de Aelia Capitolina

Fonte: Arquivo pessoal.
Jerusalém, janeiro de 2018

A representação do Cardo de Aelia Capitolina no mapa de Madaba alinha-se a cultura material encontrada na cidade. Os vestígios das colunas romanas do Cardo permanecem dentro da cidade, devidamente identificado conforme Fig. 7.

Fig. 7 – Placa explicativa referente ao Cardo de Aelia Capitolina

Fonte: Arquivo pessoal. Jerusalém, janeiro de 2018

Os vestígios materiais do domínio romano na cidade murallhada da antiga Jerusalém são acompanhados também dos elementos imateriais que representam o judaísmo que sobreviveu a esse trauma por transformar-se de uma religião centrada em um templo com um culto sacrificial liderado por sacerdotes, em uma religião baseada na comunidade, focada em oração e liturgia em sinagogas. Em outras palavras, a instituição da sinagoga tornou-se cada vez mais importante para a vida religiosa judaica nos séculos seguintes à revolta de Bar Kokhba.

Magness (2012: 274), afirma que os rabinos desempenharam um papel fundamental na transformação do judaísmo após a destruição do templo. Estes não eram rabinos no sentido moderno da palavra (líderes ordenados de sinagoga), mas sim estudiosos ou sábios que eram especialistas na lei judaica (Torah). Os rabinos

interpretaram a Torah de maneira a permitir aos judeus a adoração ao Deus de Israel e a observação de suas leis, mesmo sem um templo.

Por volta de 200 EC, gerações de decisões rabínicas foram recolhidas e editadas pelo rabino Judá ha-Nasi ("O Príncipe") em uma série de volumes chamado *Mishná*. Mais tarde decisões rabínicas e elaborações sobre a *Mishná* foram coletadas em volumes chamados de Talmud, um produzido na Palestina (em Jerusalém ou Talmud Palestino, ca. 400 EC.), e um outro na Babilônia (Talmude Babilônico, ca. 500 EC.).

Segundo Rajak (1992: 11), a diáspora judaica proporcionou a formação do judaísmo rabínico após o fracasso da primeira revolta contra Roma e da destruição do Templo em 70 EC, e como resposta a estes eventos. Por isso, evidenciou-se a cristalização e a crescente influência do judaísmo rabínico como acontecimento mais importante na vida e no pensamento judaico ao longo dos primeiros cinco séculos da era cristã.

Importante ressaltar que o judaísmo rabínico promoveu a construção de sinagogas como aparato religioso para o estudo da Lei Mosaica (RAJAK, 1992).

Na Palestina Romana, o judaísmo rabínico substituiu a cisão que marcou o período entre os Macabeus e a destruição do Templo. A ênfase dos rabinos estava no estudo da Torá (ou Pentateuco) e sua interpretação, em um *corpus* cada vez maior da doutrina oral, cujo objetivo principal era a normatização do comportamento judaico (*Halakhah*), embora seu alcance fosse de fato muito mais amplo.

A produção de textos escritos começou com a *Mishná*, um resumo da prática judaica em forma de comentários que foi compilada por volta de 200 EC, e foi complementada pelo longo *Tosefta*, talvez uma geração mais tarde, porém, uma compilação massiva e heterogênea do século V EC ganhou destaque, conhecida como Talmude Babilônico. Ressalta-se que esta obra não foi produzida na Palestina romana, mas durante a diáspora, em aramaico.

A instituição da sinagoga, com suas leituras regulares da Torá, na Palestina romana, e sua tradução em aramaico, tinham surgido já antes dos anos 70 EC, mas recebeu uma nova importância graças à ausência do culto no Templo (o que diminuiu drasticamente as peregrinações), e garantiu que os textos sagrados se tornassem amplamente difundidos.

As revoltas dos judeus contra o domínio romano provocaram uma reação muito forte de Roma, com punições exemplares como a destruição do Templo de Jerusalém

em 70 EC, a série de moedas *Judaea Capta* e o decreto de Adriano em 132 EC que determinou uma nova diáspora judaica (COSTA JUNIOR, 2010).

Após a supressão da revolta de Bar Kokhba e as mudanças estruturais e fundamentais na Palestina Romana, o terceiro século da EC foi marcado por profundas mudanças no mundo romano.

Durante muito tempo, o período conhecido com *Antiguidade Tardia* ou *Baixo Império*, ficou associado à decadência do Mundo Romano Ocidental, ascensão do Cristianismo e as invasões dos povos germânicos, conhecidos pejorativamente como “bárbaros”. Roma entre os séculos III e V EC, estava relacionada a ideia de declínio. Na realidade, a Antiguidade Tardia não é um período decadente, e sim de transformação. Todo o Império sofreu um processo único que irá sobreviver à “Queda de Roma”, pelos Hérulos de Odoacro, em 476 EC. (BIJOVSKY, 2001: 13).

A cultura, organização política, as leis (Direito Romano), o idioma (latim), as artes, os ditados populares (*de gustibus non est disputandum* \ gosto não se discute) (FUNARI, 2003: 96), a religião, entre outros, estarão presentes tanto nas monarquias medievais, quanto na coroação de Carlos Magno no Natal do ano 800 e chegará até os nossos dias.

Ao final do século II EC, a dinastia Antonina (de Trajano e Adriano) chegou ao fim com a morte de Comodo em 192 EC. A dinastia seguinte foi criada por Septímio Severo. Após o último membro da dinastia Severa morrer em 235, um prolongado período de guerra civil eclodiu. Ao longo dos próximos cinquenta anos houve uma rápida sucessão de pretendentes ao trono romano, apenas um dos quais morreu de morte natural (os outros foram assassinados ou mortos em batalha). A instabilidade no trono afetou todos os aspectos da vida romana, resultando em inflação e desvalorização da moeda, assim como invasões hostis de outros povos nas fronteiras do império. Pela primeira vez em séculos, uma nova muralha foi construída em torno da cidade de Roma.

Segundo Araujo (2012), a instabilidade política culminaria com o fim da dinastia dos Severos, levando o império a um período de constantes usurpações de poder nas diversas províncias – a chamada “Anarquia Militar”. O aparelho estatal diluía-se frente à vastidão e complexidade do território imperial, e a crise econômica, aliada a diversos flagelos sociais como más safras e a precária distribuição de alimentos, causaram profundas alterações no *status quo* da legitimidade do poder. Dentre as principais mudanças em resposta à crise do século III EC são normalmente apontadas: a concentração do poder nas mãos do Estado e a diminuição das liberdades individuais.

Politicamente, esse período foi dividido pela historiografia em dois momentos distintos: um primeiro momento, chamado de *Anarquia Militar* (235 – 268 EC), em que os imperadores eram nomeados por seus soldados. Alguns imperadores chegaram a governar poucos dias. As legiões romanas nomeavam seus generais como imperadores, na esperança de receber regalias e benefícios. Na época, não existia Exército Nacional, como hoje. Cada legião, cada exército era fiel ao seu comandante. Quando o comandante não fazia o prometido, era assassinado por seus soldados.

A outra fase é dos Imperadores Ilírios (268 – 284 EC), sendo caracterizada por um grupo de governantes originários da Ilíria (atual Europa Oriental, perto da Albânia). Na tentativa de resolver os problemas socioeconômicos criados durante a Anarquia Militar, eles tentaram realizar uma série de reformas.

Entre os anos 238 e 285 EC, dezenove imperadores ocuparam o poder em Roma. Nenhum deles conseguiu atuar de forma ativa com o Senado, colocando Roma em uma crise institucional. No meio desse caos, era necessária uma série de reformas urgentes para salvar o Império.

Após o assassinato de Numeriano (283-284 EC), Caio Aurélio Valério Diocleciano, ilírio de Dalmácia, foi proclamado imperador pelos seus soldados. Apesar de possuir um nome ilustre, Valério, ele não descendia da aristocrática família romana do mesmo nome. Portanto, não era um patrício. Seu pai era um liberto, ex-escravo, da Dalmácia (ANDREAU, 1993: 187). Para evitar um fim igual ao dos seus antecessores, assassinado por seus soldados, tratou de apoiar-se em elementos de sua confiança, e do mesmo mundo social. Exemplo disto são os membros da futura tetrarquia, Galério (305-311 EC), seu adjunto, guardara gado nos Cárpatos; Maximiano (285/286-305 EC), antigo colega de armas. Eles e seus sucessores escolheram auxiliares de passado idêntico.

Segundo Carlan (2013: 69), no ano de 286 EC, iniciou-se uma série de reformas que, por algum tempo, restauraram a ordem.

O sistema de diarquia foi ampliado para tetrarquia, com participações recíprocas de Galério e Constâncio Cloro como Césares, ambos ligados por grau de parentesco, através do matrimônio com as filhas dos respectivos Augustos.

Esse sistema de governo criado por Diocleciano, consistia no poder nas mãos de quatro homens (dois Augustos e dois Césares), que foi chamado de Tetrarquia, e cada um dos quatro governantes era chamado de Tetrarca.

No dia 31 de março de 297, foi lançado o Édito de Diocleciano, que defendia a religião Imperial, em detrimento de outras crenças.

Em 301, os tetrarcas tentaram, através de um édito, *EDICTUM DIOCLETIANI ET COLLEGARUM DE PRETIIS RERUM VENALIUM*, ou Édito Máximo de Preços, fixando os preços máximos para os produtos de consumo.

Para Carlan (2013: 65), nesse período as casas de cunhagem foram ampliadas, a fim de satisfazer as obrigações da tetrarquia e as necessidades do comércio: obras públicas, aumento do efetivo militar e civil. Para isso, novas peças começam a circular com letras, na parte inferior do reverso da moeda, conhecida por exergo. Quando visível, podemos identificar o nome (espécie de sigla) do local da cunhagem.

Como modelo, Diocleciano copiou as monarquias orientais, nas quais tudo o que cercava o rei era considerado sagrado.

Desde a segunda metade do século III EC, o cristianismo começou a exercer um papel importante tanto na política, quanto na sociedade romana. No governo de Décio (imperador de 249 a 251 EC), ocorreu uma grande perseguição aos cristãos. Nesse período, o império vivia uma grave crise militar, e o imperador necessitava reafirmar a tradicional lealdade aos deuses tradicionalmente romanos.

1.1 A origem histórica de Jerusalém/Aelia Capitolina e Cesareia

Jerusalém está localizada entre as colinas arborizadas da Judeia e planícies férteis (*Shefelah*) a oeste, e o deserto árido da Judeia para o leste, a uma altitude de 800 metros acima do nível do mar, conforme se observa na Fig. 8.

Fig. 8 – Vista aérea de Jerusalém a partir do Sul

Fonte: Zev Radovan / BibleLandPictures.com

Essa região faz parte da terra que foi chamada pelos judeus de *Eretz Israel* (Terra de Israel), local sagrado onde se localizava o Grande Templo judaico, a Terra Prometida descrita na Bíblia hebraica – ‘*que mana leite e mel*’. Para os cristãos tornou-se a Terra Santa, onde Jesus Cristo – o Messias, ou o ungido – nasceu, pregou, e se ofereceu como o sacrifício final. Para os muçulmanos, Jerusalém é uma cidade santa porque lá se localiza a mesquita que abriga o Domo da Rocha, ou seja, o rochedo de onde Maomé teria alçado voo aos céus (SITCHIN, 1980: 191).

De acordo com os gregos e os romanos, era a província da Judeia, um nome relacionado ao reino bíblico de Judá. Após a revolta de Bar-Kokhba terminar em 135 EC, Adriano renomeou a província de Síria-Palestina, reavivando a memória do reino há muito desaparecida da Filistia. (MAGNESS, 2012: 1).

De acordo com Andrade (2012), Jerusalém era uma cidade-estado cananea, que pertencia aos jebuseus, até ser conquistada por Davi, rei de Israel, em meados do ano 1.000 AEC, no intuito de torná-la sede de seu governo. Mas, para legitimar a teocracia, a cidade deveria possuir um santuário ao Deus nacional. Davi não pôde construí-lo porque dependia das narrativas populares sobre aparições do Deus dos hebreus na localidade, e a memória religiosa popular não mencionava Jerusalém. A solução encontrada por Davi foi resgatar a importância da arca do “Senhor dos exércitos” e transferi-la para sua nova capital transformando-a numa cidade santa.

Essa afirmação pode ser encontrada na Bíblia, cujas narrativas referentes à conquista de Jerusalém, estão concentradas nos capítulos 1-6 do Segundo Livro de Samuel e nos capítulos 11-16 do Primeiro Livro das Crônicas. A maioria dos exegetas concorda em nomear essas narrativas de *História da Ascensão de Davi ao trono*, inseridas por escrito pelo escriba do reino a mando do monarca, para defender a legitimidade de seu governo teocrático, como vontade de Deus e não como golpe de estado.

O registro da anexação de Jerusalém ao território pertencente aos judeus se encontra atualmente fixado na Bíblia como consequência de várias edições, tendo a última, provavelmente, ocorrido durante a dominação persa sobre a Palestina (538-333 AEC), quando recebeu a edição final e a figura de Davi tornou-se então idealizada dentro de correntes messiânicas (TILLESSE, 1987).

Segundo Andrade (2012)

[...] a denominação mais antiga de Jerusalém é atestada nas tabuinhas de *Tell el-Amarna*, datando de 1350 AEC quando o rei de *Wru-shalém* enviou cartas ao faraó Amenófis IV pedindo ajuda bélica contra os bandos de guerreiros que tentavam assediá-la. Jerusalém era uma cidade-estado cananeia pertencente aos jebuseus. Em ugarítico chamava-se *Wru-shalém*, uma palavra composta pelo termo “*wru*”, que significa “fundada” ou “fundamento” e “*Shalém*” uma das divindades dos povos cananeus. *Wru-shalém* era um nome teofórico que significava “fundada pelo deus Shalém” ou “cujo fundamento é o deus Shalém”. (ANDRADE, 2012: 3)

Segundo Magness (2012: 20), os vestígios arqueológicos mais antigos referentes à Jerusalém consistem principalmente de vasos de cerâmica de túmulos e paredes fragmentadas pertencentes às casas, que indicam que Jerusalém surgiu no início da Idade do Bronze (cerca de 3000 AEC).

Durante a Idade do Bronze Médio (1800 AEC), esse assentamento foi fortificado e equipado com um sistema de abastecimento de água sofisticado.

Há documentos da Idade do Bronze do Egito (1900 AEC) que confirmam a existência de um assentamento em Jerusalém neste momento. Estes documentos referem-se a Jerusalém como “*Rushalimum*”, semelhante ao nome “*Urusalim*”, que é mencionado em textos acadianos posteriores.

A cidade de Jerusalém tornou-se importante para os judeus durante o reinado de Davi, porém, é sagrada também para os cristãos e islâmicos, uma vez seria um local onde teriam acontecido eventos considerados eminentemente significativos para cada uma dessas religiões.

Nas proposições de Andrade (2012), em Jerusalém está o *Kotel*, amplamente conhecido como *muro das lamentações*, de fundamental importância para o judaísmo já que é o último resquício do único templo pertencente a essa religião. À pouca distância do *Kotel* está o Jardim das Oliveiras, conhecido também como *Getsêmani*, considerado pelos cristãos como sendo o local onde Jesus teria sido preso pela centúria romana, fato que deu início ao processo que culminou na crucificação daquele que é o fundamento do cristianismo. O Islamismo, por sua vez, construiu a mesquita *Domo da Rocha* no mesmo lugar onde os judeus afirmam que existiu o único templo da religião deles. A construção da mesquita em Jerusalém tem a justificativa religiosa de marcar o local da ascensão de Maomé ao céu em um cavalo alado³.

³O *Hakótel Hama'araví* (לְתֵכָה יְרֵעֶמָה), abreviado *Kotel*, é o local mais sagrado para o judaísmo. Em hebraico significa “muro ocidental”. Data da época de Herodes o Grande, que construiu grandes muros ao redor do templo no ano 37 AEC ampliando a pequena explanada sobre a qual foi edificado duas vezes o Templo de Jerusalém, formando o que hoje se chama de Explanada das Mesquitas (na tradição islâmica) ou Explanada do Templo (na tradição judaico-cristã). Os muçulmanos acreditam que Maomé durante a noite, cavalgando um ser mitológico alado chamado *Buraq*, teria feito uma “viagem” (*Isra*), saindo de Meca para “a mesquita mais distante” (*Al Aqsa*). Chegando a esse

A importância atribuída à Jerusalém também é percebida nas obras do historiador judeu Flávio Josefo, que nasceu no primeiro ano do reinado de Calígula (*Autobiografia*: 5), entre os anos de 37 e 38 EC. Seu pai, Matthias (*Autobiografia*: 7), pertencia ao grupo sacerdotal (*kohanim*), uma parcela da sociedade hierosolimitana importante para a estruturação política, econômica e cultural da Judeia. O orgulho em descender dos sacerdotes, particularmente da linhagem mais ilustre, foi expresso logo nas primeiras linhas de sua obra (*Autobiografia*):

Minha família não é carente de distinção, já que descende dos sacerdotes. Cada povo possui um grau de nobreza; entre nós a participação no sacerdócio é marca de uma ilustre linhagem. Não só meus antepassados eram sacerdotes como também pertenciam à primeira das vinte e quatro classes – uma peculiar distinção – e do mais nobre dos clãs constituintes. (*Autobiografia*: 1-2)

Na identificação que Josefo faz de si mesmo na introdução de sua primeira obra (*Guerra dos Judeus*), três coisas ele afirma: “*Eu, Josefo, filho de Matthias, um hebreu por raça, nativo de Jerusalém e sacerdote, que em princípio lutou pessoalmente contra os Romanos*” (*Guerra dos Judeus*: 1-3).

Essa afirmação de Josefo, sobre o lugar de destaque atribuído à classe sacerdotal judaica, aparece na Bíblia, na divisão descrita no livro de I Crônicas 24-7, referente à tradição, de que estas famílias pertenceriam à tribo de Levi, justamente as que não receberam terras nos tempos bíblicos por conta da missão de zelar e guardar a aliança entre o povo judeu e YHWH.

Hierarquicamente organizados, esta aristocracia sacerdotal cultivava regras que asseguravam rigidez em suas relações de parentesco e consanguinidade, principalmente no tocante ao casamento, ação que se valia do auxílio de um arquivo situado em Jerusalém que entendia ser possível acompanhar a genealogia dos grandes sacerdotes desde os tempos bíblicos.

Com a conquista do Templo de Jerusalém em 63 AEC por Pompeu, teve início a intervenção direta romana na Palestina.

Como estratégia administrativa o senado romano nomeou em 40 AEC, Herodes, o Grande como rei da Judeia para combater Matatias Antígono (Fig. 9).

local ele teria “ascendido ao céu” (*Mi'raj*) para dialogar com Deus e com os outros profetas (cf. Alcorão, *Qhaba Qhausain*, 53:9). Por volta do ano 690 EC *Al Aqsa* foi identificada com o local onde estavam as ruínas do templo dos judeus em Jerusalém e ali foi construída a Mesquita de Omar conhecida como *Domo da Rocha*.

Fig. 9 – Mapa do reino de Herodes, o Grande

Fonte: University of North Carolina em Chapel Hill (disponível em: <http://www.unc.edu/awmc>).

Os projetos de Herodes incluíam a reconstrução do templo de Jerusalém (Figs. 10 e 11), a reconstrução da Torre de Estratão (Cesareia) e Samaria, a construção de um palácio de inverno em Jericó, e o estabelecimento de palácios fortificados no deserto da Judeia, incluindo *Herodium* e *Massada*. Herodes morreu em Jericó em 4 AEC., depois de sofrer de uma doença agonizante, e foi sepultado em *Herodium*.

Com a morte de Herodes, o Grande, seu reino foi dividido entre três de seus filhos (todos nomeados Herodes): **Herodes Arquelau** recebeu a Judeia, Samaria e Idumeia; **Herodes Antipas** recebeu a Galileia e Pereia; **Herodes Filipe** recebeu Gaulanitis, Trachonitis, Batanea e Panias (MAGNESS, 2012: 138),

A peça central do programa de construção de Herodes, o Grande em Jerusalém era sua reconstrução do Segundo Templo. Ele reconstruiu o templo em si, bem como a esplanada ou plataforma em torno dele (Monte do Templo).

Fig. 10 – Reconstrução do Monte do Templo de Herodes

Fonte: Leen Ritmeyer apud Magness (2012: 148).

Fig. 11 – Maquete de como seria Jerusalém no período do Segundo Templo – Museu de Jerusalém

Fonte: Arquivo pessoal. Jerusalém, janeiro de 2018

Fig. 12 – Placa explicativa sobre a maquete de Jerusalém no período do Segundo Templo – Museu de Jerusalém

Fonte: Arquivo pessoal. Jerusalém, janeiro de 2018

O Monte do Templo foi um produto do programa de construção de Herodes, o Grande (Fig. 12). Sua reconstrução do templo foi realizada entre aproximadamente 23/20 e 15 AEC, mas a construção do enorme complexo em torno dele continuou até 64 EC. Essa situação é narrada no Quarto Evangelho: "*Jesus lhes respondeu: "Destruam este templo, e em três dias eu o levantarei (...). Os judeus, em seguida, disseram: Este templo esteve em construção por quarenta e seis anos, e você vai levantá-lo em três dias"*" (João 2: 18-19).

Vestígios da cultura material demonstram a reconstrução do Templo por Herodes, conforme se observa na Fig. 13.

Fig. 13 – Extremo sul da parede leste do Monte do Templo, mostrando a parede anterior à direita e a extensão de Herodes, à esquerda.

Fonte: Magness (2012: 72).

Parte do que sobrou do antigo templo judaico reconstruído por Herodes, o Grande, tornou-se o Muro das Lamentações ou *Kotel* (Fig. 14).

Fig. 14 – Muro das Lamentações – *Kotel*

Fonte: Arquivo pessoal. Jerusalém, janeiro de 2018

Em 2014, *Israel Antiquity Authorities* divulgou a descoberta de um fragmento em pedra, que foi localizado em uma das escavações realizadas em 2013 ao norte do Portão de Damasco.

O tamanho do fragmento, assim como a clareza das letras gravadas, indica, segundo os pesquisadores, que o achado tinha um importante significado histórico (Fig. 15).

As inscrições gravadas em dura pedra caliza presentes no fragmento consistem em seis linhas em latim e "*foram dedicadas a Adriano pela Décima Legião Fretensis no ano 129 ou 130 EC.*", especificou um dos tradutores, Hecker (2014).

Os Arqueólogos dizem que a inscrição inteira pode ter sido colocada na fachada de um arco do triunfo no norte da cidade, similar ao Arco de Tito, em Roma.

As inscrições consistem em seis linhas escritas na língua latina e gravadas em mármore e foram lidas e traduzidas por Avner Hecker e Hannah Cotton, da Universidade Hebraica de Jerusalém. A tradução aproximada em português seria: "*AO IMPERADOR CÉSAR TRAJANO ADRIANO AUGUSTO, FILHO DO DEIFICADO TRAJANO PÁRTICO, NETO DO DEIFICADO NERVA, SUMO SACERDOTE, INVESTIDO COM PODER DE TRIBUNO PELA 14ª VEZ, CÔNSUL PELA TERCEIRA VEZ, PAI DA NAÇÃO (DEDICADO POR) A DÉCIMA LEGIÃO FRETENSIS ANTONINIANA*".

Ecker esclareceu que a inscrição foi dedicada pela X Legião *Fretensis* ao imperador Adriano no ano 129/130 EC, e afirma ainda que "*a data é uma confirmação significativa e tangível do relato histórico relativo à presença da X legião romana em Jerusalém durante o período intercalar entre as duas revoltas (judaicas), e provavelmente até da localização do acampamento militar romano na cidade, e uma das razões para o rebentar da revolta liderada por Bar Kokhba alguns anos depois e o estabelecimento de Aelia Capitolina (nome dado a Jerusalém pelos romanos, na tentativa de apagar a memória da ligação dos judeus à cidade).*"

Dessa forma, as pesquisas arqueológicas confirmam os relatos de Dion Cassio referentes à visita de Adriano à Jerusalém, e do estacionamento da Décima Legião *Fretensis* nessa província.

Fig. 15 – Fragmento honorífico ao imperador Adriano encontrado em Jerusalém

Fonte: Yoli Shwartz, cortesia da *Israel Antiquity Authorities*

1.1.1 História de Cesareia

Da mesma forma que Jerusalém desempenhou um papel importante na história da Judeia, Cesareia (Fig. 16), também foi uma província romana com *status* privilegiado.

Fig. 16 – Vista aérea de Cesareia

Fonte: scriptures.lds.org

A província romana de Cesareia está associada à existência de torres circulares na Palestina (Fig. 17), uma vez que Flávio Josefo afirmou em sua obra *Guerra dos judeus* que essa província foi construída em um local conhecido por *Torre de Estratão*.

Como para o interior a prática agrícola era predominante, é provável que a Torre de Estratão tenha servido como um armazém de estocagem (LEVINE, 1975: 7-8).

Fig. 17 – Vestígios arqueológicos de torre circular em Cesareia

Fonte: Magness (2012: 172).

O número elevado de vestígios pressupõe a existência de um agente organizador único e uma reorganização do campo em torno de famílias nucleares (e não mais o *Beth-av*) (FLORENZANO; GALVÃO SOBRINHO, 2001: 10).

Esse tipo de torre de pedra foi uma implantação comum na paisagem palestina, principalmente a partir do século III AEC, posicionadas pelos campos em espaços relativamente regulares, são geralmente associadas a instalações para processamento de produtos agrícolas. Foram registrados aproximadamente 1500 vestígios dessas torres (LEVINE, 1975).

Segundo Levine (1983), possivelmente Estratão tenha sido um rei de Sídon, no sec. IV AEC, que construiu uma torre para fortificação de seu território, mas perdeu seu domínio quando Alexandre Janeu a subjugou no ano 100 AEC a fim de expandir o domínio da Dinastia dos Hasmoneus. Aparentemente, quando Herodes reconstruiu a cidade de Cesareia, a maioria dos restos anteriores foram apagados.

O nome da cidade sugere que a torre era uma característica proeminente. Portanto, as tentativas de identificar os vestígios do período helenístico se concentraram

em uma torre redonda que está incorporada na parede posterior da cidade de Herodes, no lado norte de Cesareia.

Segundo Magness (2012: 170), este estilo de construção é característico do final do segundo e primeiro séculos AEC, por isso, a maioria dos arqueólogos datam a torre redonda em Cesareia, no tempo de Herodes, o Grande ou no período Helenístico Tardio (cerca de 100 AEC).

No ano 30 AEC, Herodes determinou a construção de um porto no local e em honra a *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus*, a cidade recebeu o nome de *Caesarea Marítima*.

Quando Flávio Josefo remeteu-se a esse entreposto ele diz que Herodes: “*escolheu na costa uma cidade abandonada com o nome de Torre de Estratão (...) que graças a sua localização favorável foi adequada a realização de seus ambiciosos planos. Ele reconstruiu inteiramente de pedra branca e a adornou com um palácio real que exibiu um esplendor único... o brilhantismo de sua mente*” (JOSEFO, *Guerra dos Judeus* I, 21,5).

Os limites territoriais de Caesarea Marítima acabaram seguindo basicamente os mesmos de seu predecessor helenístico – a Torre de Estratão – ou seja, a sul de Apollonia e a norte de Dor (AVI-YONAH, 1936: 150-51; ABEL, 1938: 414-16).

Ao refundar a cidade, nomeando-a Cesareia, em homenagem ao imperador romano Otaviano, Herodes fez uma jogada brilhante, demonstrando sua lealdade ao seu novo patrono. Assim, a cidade de Cesareia tinha dois componentes honoríficos a César: o do nome da cidade Cesareia Marítima, e do porto, chamado de Sebaste (*Sebastos* é Augusto em grego).

Cesareia teve uma longa história de glória, destacando-se na região por sua importância após Herodes Arquelau ser destituído do poder em 6 EC, quando se tornou a sede do governador romano local (prefeito ou procurador) na Palestina (embora Herodes tivesse um palácio em Cesareia, Jerusalém era a capital de seu reino).

O porto construído por Herodes em Cesareia (cerca de 23-15 AEC) foi um exemplo surpreendente de engenharia que resultou no maior porto artificial já construído em mar aberto até esse ponto (MAGNESS, 2012: 172).

Escavações subaquáticas recentes em Cesareia, indicam que os quebra-mares foram construídos utilizando-se as melhores inovações em tecnologia de concreto romano. Segundo o autor, Herodes importou concreto hidráulico da Itália, que continha

um tipo especial de cinzas vulcânicas que permitiam a mistura de concreto para seu endurecimento debaixo d'água.

Elevando-se sobre o porto de Cesareia, Herodes construiu um templo dedicado a Roma (a deusa da cidade de Roma) e a Augusto. O templo estava em uma plataforma artificial elevada (agora chamado de Plataforma do Templo) com vista para o porto interior. Semelhante ao extremo sul do Monte do Templo de Jerusalém, a Plataforma do Templo em Cesareia foi apoiada em uma série de câmaras subterrâneas (arcos). Foi contruído ainda na cidade um santuário dedicado a Mitra (*Mithraeum*). Essa era uma divindade do Oriente Próximo, cujo culto era especialmente popular entre os soldados romano.

Observa-se que Cesareia foi concebida como um modelo de cidade romana, com aquedutos, esgotos, um fórum, passarelas cobertas com mosaico, colunas de mármore, uma pista [hipódromo], um anfiteatro e um grande templo dedicado a Augusto. Era um tributo de Herodes aos seus patronos romanos.

Uma pedra de Pôncio Pilatos (e com o seu nome) foi encontrada em Cesareia, assim, tem-se evidência física de que a cidade foi a base principal dos governadores romanos, conforme se observa na Fig. 18.

Fig. 18 – A inscrição de Pôncio Pilatos encontrada em Cesareia

Fonte: Zev Radovan/ BibleLandPictures.com

O imperador Vespasiano fez de Cesareia a sede de suas operações durante a Primeira Revolta Judaica. Após a revolta, Vespasiano promoveu Cesareia ao posto de uma colônia romana, um *status* que transmitia certos benefícios para a população, que agora incluía veteranos militares romanos.

Segundo Magness (2012), nos séculos que se seguiram, Cesareia continuou a crescer, atingindo o seu ponto máximo durante o quinto e sexto séculos EC (o período bizantino). Cesareia foi a última grande cidade na Palestina a cair para os muçulmanos, rendendo-se em 640 EC, após um cerco de sete meses de duração.

Dessa forma, conceitua-se a seguir, estruturas de poder, patronato, honra e prestígio, para o entendimento das escolhas imagéticas e textuais (multimodais), impressas no anverso e reverso das moedas, para persuasão e legitimação da administração romana sob o povo conquistado.

2 APRESENTANDO AS ESTRUTURAS DE PODER – PATRONATO, HONRA E PRESTÍGIO EM JERUSALÉM/AELIA CAPITOLINA E CESAREIA NO PERÍODO ROMANO TARDIO

Para a conceituação das estruturas de poder, recorre-se as proposições de Michel Foucault referente a essa temática. Foucault rompe com as concepções clássicas deste termo e define o poder como uma rede de relações onde todos os indivíduos estão envolvidos, como geradores ou receptores, dando vida e movimento a essas relações.

Segundo Bobbio et al. (1998), poder vem do latim *potere*: o direito de deliberar, agir e mandar e também, dependendo do contexto, a faculdade de exercer a autoridade, a soberania, ou o império de dada circunstância ou a posse do domínio, da influência ou da força. Ou ainda, pode-se definir poder como “*a capacidade ou possibilidade de agir ou de produzir efeitos*” e “*pode ser referida a indivíduos ou a grupos humanos*” (BOBBIO et al., 1998: 933).

Para Foucault (2004):

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 2004: 193).

Seguindo as proposições de Foucault, Roberto Machado (2006: 168), argumenta:

A mecânica do poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. Poder esse que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo –, e se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder ou subpoder.

Muitos dos debates sobre o poder (GALBRAITH, 1984; MINTZBERG, 1983) o têm focado em sua forma hegemônica, ou seja, têm se preocupado, principalmente, com a obtenção e detenção do poder. Entretanto, o poder também pode ser analisado

sob um aspecto que enfatiza o seu exercício. Nesse caso, o poder é concebido não como um estado mental, mas como um conjunto de práticas sociais e discursos construídos historicamente que disciplinam o corpo e a mente de indivíduos e grupos, como na perspectiva defendida por Foucault (1977, 1979, 1980, 1995).

Essa perspectiva é seguida por outros autores, como Fischer (1989) e sua concepção de círculos de poder, e na noção de circuitos de poder apresentada por Clegg (1992, 1993).

Pela concepção de poder cunhada por Foucault, permite-se considerar múltiplas formas de disparidade individual, de objetivos, de determinada aplicação do poder sobre os próprios sujeitos e sobre os outros, e de institucionalização, as quais remetem a diferentes formas de poder, de possibilidade de ação sobre a ação dos outros (FOUCAULT, 1995).

Assim, o *“poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação; (...) o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força”* (FOUCAULT, 2004: 175).

Autores como Bourdieu (2001) defendem a existência do poder simbólico, mediante o qual, as classes dominantes (ou campos dominantes) são beneficiárias de um capital simbólico, disseminado e reproduzido por meio de instituições e práticas sociais, que lhes possibilita exercer o poder.

Para o autor, esses símbolos são instrumentos por excelência da integração social e tornam possível a obtenção do consenso acerca do sentido do mundo social o qual contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social dominante. O poder simbólico consiste, então, *“... [n]esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”* (BOURDIEU, 2001: 7-8).

Percebe-se, nesse ponto, a presença na necessidade de legitimação do poder pelo outro para que seu exercício surta efeito, assim como na obra de Crozier & Friedberg (1990) e Pettigrew (1977).

Para Foucault (1979: 252):

Uma classe dominante não é uma abstração, mas também não é um dado prévio. Uma classe que se torne dominante, que ela assegure sua dominação e que esta dominação se reproduza, estes são efeitos de um certo número de táticas eficazes, sistemáticas, que funcionam no interior de grandes estratégias que asseguram esta dominação. Mas entre a estratégia que fixa,

reproduz, multiplica, acentua as relações de força e a classe dominante, existe uma relação recíproca de produção.

No que se refere a dominação romana a discussão passa também pelos conceitos de poder, assim L. Revell em seu texto *‘Roman Imperialism and Local Identities’* sugere que o conceito de poder e o sistema das “redes de poder” que se formaram nas diferentes localidades sejam examinados em suas particularidades. Isto pressupõe compreender “*como as populações viviam durante o período romano e como foi construída, portanto, uma multiplicidade de identidades romanas*” (REVELL, 2009, p. IX).

Os estudos relacionados às estruturas de poder e patronato na Palestina sob dominação romana perpassam a compreensão das relações existentes entre a monetarização da Palestina romana e sua relação com as instâncias socioculturais e religiosas dessa sociedade. Nesse sentido, Pedro Paulo Funari nos lembra que “[...] Não se trata, assim, de acreditar no que diz o documento, mas de buscar o que está por trás do que lemos, de perceber quais as intenções e os interesses que explicam a opinião emitida pelo autor, esse é o nosso foco de atenção” (1993: 86).

Para compreensão dos elementos imateriais inerentes à moeda, torna-se necessário a decodificação do ‘discurso de poder impresso nas moedas’. Uma vez que se entende que o uso da linguagem seja moldado no âmbito social, não no individual. Ou seja, Fairclough (2001: 90) propõe usarmos o termo *discurso* para designar “*o uso de linguagem como forma de prática social*”; o que implica tomar o discurso como uma forma de ação e assumir que sua relação com a estrutura social seja dialética. Em outras palavras, o social constitui o discurso e é por ele constituído. Considerá-lo assim, nessa reciprocidade, implica enxergar uma relação entre um conjunto de discursos particulares e uma situação social. E o cerne dessa relação entre discurso e sociedade é o *poder*.

Faz-se necessário considerar a influência de Michel Foucault (1979, 1986) para a análise do discurso. Percorrendo o trabalho filosófico de Foucault, Fairclough (2001) pôde identificar importantes considerações sobre o discurso, dentre as quais, as principais apontam para a natureza constitutiva do discurso – o discurso construindo a sociedade –, o caráter interdiscursivo e intertextual das práticas discursivas – os textos sempre recorrem a outros textos –, o poder como prática discursiva, o discurso como prática política – pois é ideológico –, e a mudança social dialética com a mudança discursiva.

Qualquer discurso que combine vários modos semióticos pode ser visto também como uma instanciação do sistema semiótico e reflete as escolhas feitas pelo seu autor, dentro do contexto onde é produzido (HALLIDAY & HASAN, 1989). Na verdade, segundo Kress & Van Leeuwen (1996), mesmo um texto verbal tem outros modos de comunicação co-presentes que contribuem para o seu significado. Textos são, portanto, multimodais, ou seja, *“um conjunto de múltiplas formas de representação ou códigos semióticos que, através de meios próprios e independentes, realizam sistemas de significados”*. (KRESS & VAN LEEUWEN, 1996).

Utilizando conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994), Kress & Van Leeuwen *“afirmam que, como a linguagem verbal, todos os modos semióticos realizam três grandes funções simultaneamente: a primeira ‘ideacional’, ao representar o que está a nossa volta ou dentro de nós; a segunda ‘interpessoal’, realizando interações sociais; a terceira ‘textual’, revelando a composição do todo, na maneira como os elementos interativos e representacionais se relacionam e como eles se integram para construir o significado”*.

Tão importante quanto à análise documental é o estudo das imagens monetárias, que possibilita o entendimento das representações discursivas de estruturas de poder, uma vez que, imagens, símbolos e palavras legitimavam o poder romano sobre as províncias.

Paul Zanker (1987) nos informa como podemos observar significativas transformações do início do Império Romano por meio das imagens. Zanker sugere que as imagens que passaram a ser observadas em conjunto, representaram uma nova linguagem visual caracterizada pelos padrões de centralismo do Império Romano (ZANKER, 1987).

Com essa concepção, permite-se pensar a dominação de forma complexa e não mais estabelecida unilateralmente, refletir sobre como os atores se relacionam (enfrentam-se, aliam-se) nas arenas sociais, trocando de posição a cada momento.

2.1 Noções de evergetismo e patronato

Segundo Barnard (2011), o dar e receber presentes, também conhecido como reciprocidade⁴, era um princípio abrangente e prática bastante comum na sociedade grega antiga, que se manifestava em quase todos os aspectos da vida. Em particular, a reciprocidade estava no coração dos sistemas de clientelismo que influenciavam o presentear religioso e obras civis.

Observa-se que o sistema de patrocínio conhecido como Evergetismo, em que indivíduos ricos doavam voluntariamente fundos para instalações públicas como presentes generosos para a cidade, estava associado à crença tradicional de que o evergetismo, emergido no período helenístico foi baseado em tradições de clientelismo anteriores.

Muitas vezes, as economias de reciprocidade e de presentes, estavam relacionadas a sociedades pré-estatais, que eram desprovidas de sistemas monetários mais elaborados (BARNARD, 2011: 1).

Ao examinar a reciprocidade ao longo do período histórico grego e durante a presença romana na região da Palestina, torna-se claro que essa prática está ancorada em princípios que Barnard descreve como *"um valor ético, como um fator nas relações interpessoais, como um elemento de coesão política, economicamente significativa, como uma maneira de estruturar as relações humanas com as divindades, para moldar o padrão de narrativa épica e histórica"* (BARNARD, 2011: 2).

Este sistema de patrocínio observado no período helenístico e perpetuado pelo Império Romano, foi nomeado de *evergetismo*. Esse termo apareceu pela primeira vez nos escritos do historiador francês Boulanger em 1923, que criou o termo do grego *euergetes*, que significava “benfeitor”.

Apesar dos parâmetros cronológicos limitados do evergetismo em estudos modernos, este sistema de clientelismo, na verdade, teve suas raízes nos sistemas pré-existent de patrocínio cívico e religioso no período arcaico grego. Porém, o termo evergetismo criado por Boulanger descreve o sistema de patrocínio privado, voluntário, de estruturas ou serviços para o público da cidade no período helenístico, que continuou até os tempos imperiais tardios.

⁴ Para melhor compreender o conceito de *Reciprocidade* consultar MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: _____. Sociologiae Antropologia. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.

O autor argumenta que esse sistema de patrocínio surgiu quando os governos democráticos gregos geravam renda a partir da coleta de impostos, mas isso não era o suficiente para patrocinar obras públicas. Como resultado, muitas obras públicas em grande escala começaram a ser financiadas por benfeitores ricos que doavam grandes presentes para as comunidades individuais, presentes que incluíam, mas não se limitavam, a recursos para a construção de edifícios religiosos, estruturas cívicas, festivais ou procissões, animais de sacrifício para ocasiões religiosas, ou entretenimento público.

As doações de fundos foi um ato altamente político e público que ajudou a manter as relações entre elites, governantes e a cidade (BARNARD, 2011: 17).

De acordo com o autor, as práticas de troca de presentes do Período Homérico foram precursoras do evergetismo helenístico. Estes dons mascaravam gestos como desinteressados de benevolência para com uma comunidade ou indivíduo, embora na realidade eles servissem para reprimir possíveis gastos com conflitos sociais violentos entre grupos da elite e pobres.

O evergetismo provavelmente se expandiu no período helenístico para as regiões orientais, e durante o Império Romano teve continuidade dada as necessidades econômicas, sociais e políticas do Império. Dessa forma as doações também funcionavam como propaganda para legitimar a crescente riqueza e poder das elites que se rivalizavam na Palestina Romana.

Em essência, os dons de patrocínio estabilizaram a nova ordem social em um momento em que o poder centralizado não podia fazê-lo.

A troca de presentes ao contrário das relações comerciais estabelecia o endividamento em longo prazo entre as partes envolvidas, e quando essas obrigações recíprocas criavam vastas redes de relacionamentos prolongados, a coesão social era o resultado.

Assim, Barnard (2011) afirma que durante o período helenístico, com a continuação da reciprocidade religiosa e social de longa data, e o renascimento da reciprocidade política e econômica, fez dos dons de evergetismo fundamentais para legitimar as hierarquias sociais.

Apesar de toda essa prática de presentear estar associada a gestos de gratidão, eles não eram gestos desinteressados e vazios.

Nos contextos cívicos (evergetismo) de dar presentes – seja no religioso (votivo) ou no privado (patrão-cliente) – essa economia de presentear envolvia a expectativa de que essa operação seria imediatamente recíproca.

Logo, esse sistema foi principalmente um instrumento político-ideológico, em vez de um sistema de intercâmbio econômico. Assim, essa prática de evergetismo como um método de redistribuição de riqueza, um impulso para obras públicas, pode ser entendida como uma forma de autopromoção e como meio de coesão social.

A troca de presentes, portanto, está no cerne das dedicatórias religiosas e cívicas. Este sistema permitiu que vários segmentos da sociedade pudessem negociar status e parcerias dentro de um padronizado, embora flexível, conjunto de processos e parâmetros.

O evergetismo helenístico influenciou o patronato romano, uma vez que na Roma Antiga a sociedade era profundamente estratificada.

É importante ressaltar que o patrocínio romano referia-se a um sistema em que o acesso aos bens, cargos e serviços era apreciado por meio de relações pessoais e da troca de "favores", ao invés dos sistemas impessoais e imparciais de distribuição (SILVA, 1999: 32).

Segundo esse autor, os suprimentos para as necessidades diárias no primeiro século, dentro do Império Romano, não estavam à disposição de todos no mercado, muito menos, qualquer coisa fora do comum. Assim, os pobres procuravam as pessoas que possuíam ou tinham acesso controlado ao que era necessário, e recebiam o que precisavam como um "favor".

No mundo antigo, desde o Período Clássico, a maior parte da propriedade, riqueza e poder estava concentrado nas mãos de poucos, e o acesso a esses bens se deu por meio de conexões pessoais ao invés de canais burocráticos.

Os tipos de benefícios pretendidos por clientes dependiam da necessidade ou desejos dos peticionários, que podiam incluir lotes de terra, distribuições de dinheiro para se começar um negócio, fornecimento de alimentos depois de uma queda na safra, dentre outros. Esse sistema incluía proteção, alívio da dívida, ou um compromisso a algum cargo ou função no governo. Segundo Sêneca *"ajude uma pessoa com dinheiro, outro com crédito, outra com influência, outra com conselho"* (SÊNECA, *Ben.* 1.2.4; LCL).

Se o patrono concedesse a petição, o peticionário se tornaria seu cliente, e uma relação potencialmente de longo prazo começaria. Essa relação seria marcada pela troca

mútua de bens e serviços desejados, o patrono estaria disponível para a assistência no futuro, e o cliente faria tudo ao seu alcance para aumentar a fama e honra da patrono (divulgação do benefício e mostrando respeito ao patrono), mantendo-se fiel ao patrono, e prestação de serviços sempre que a oportunidade surgisse.

Numerosos exemplos de patronato podem ser encontrados nas cartas de Cícero, Plínio, o Jovem, e Frontão, que se referiam ao acesso a política pública a partir do final da República até o segundo século do Império.

As cartas de Plínio (que datam de 111-113 EC) ao imperador Trajano, durante o governo de Plínio na Bitínia) contêm tentativas de Plínio para adquirir favores imperiais para seus próprios amigos e clientes.

As figuras mais poderosas do mundo antigo, ou seja, reis e imperadores, frequentemente concediam benefícios públicos para as cidades ou províncias, além dos numerosos benefícios pessoais pelos quais eles ligavam a si mesmos com seus clientes.

Segundo Silva (1999: 36), a forma extrema de resposta ao beneficiamento de governantes foi a oferta de adoração. Aqueles que recebiam presentes normalmente rogavam aos deuses pelos dons recebidos, e assim, o patrono posicionava-se digno de honras oferecidas às divindades.

De acordo com Saller (1989), para as petições, os clientes usavam uma linguagem cultural: *"outras divindades estão longe, ou não têm ouvidos de madeira ou pedra, mas de verdade! (...) E assim, para você, rezamos: primeiro traz, ou não são, ou não têm cuidados para conosco: mas você vemos aqui presente – não em forma er-nos a paz, para você possuir o poder"*.

O autor acrescenta que algo semelhante surge nas observações de Nicolau de Damasco, referente a origem do culto à Augusto: *"todas as pessoas que se dirigem a ele [Augusto] de acordo com sua estima e sua honra, reverenciam ele com templos e sacrifícios através de ilhas e continentes, organizados em cidades e províncias, admirando a grandeza de sua virtude e pagando aos benefícios dados por ele "*. (Nicolau de Damasco, *A Vida de Augusto* apud PRICE, 1984: 1).

Ao conquistar a Palestina, em 63 AEC, Pompeu dividiu o reino hasmoneu em duas jurisdições: ao *ethnos* judaico foram concedidas regiões consideradas predominantemente judaicas: parte da Judeia ao redor de Jerusalém, uma parte da Idumeia ao Sul, a Pereia ao leste, do curso mais baixo do Jordão, e, finalmente a

Galileia. O restante havia sido restituído às *polis*⁵ helenistas, que os hasmoneus haviam tentado eliminar enquanto realidade política.

Essa divisão que Pompeu promoveu suscitou o surgimento de relações de patronato e clientelismo em Roma e os reis locais. Exemplo disso foi Herodes, o Grande, que recebeu o título de “Rei dos Judeus” em 37 AEC, com o apoio dos romanos, da mesma forma conseguiu consolidá-lo com a ajuda de Roma.

Para Silva (2010: 104), certamente, Herodes Magno foi o primeiro modelo romano de dominação implantado na Judeia, visto ter ele pertencido a uma classe proeminente da região da Idumeia. Em qualquer província dominada tal cooperação de uma elite local era um elemento tido por certo pela administração romana e importante para sua atuação.

Dirigentes locais mantinham a ordem através de seu prestígio entre o restante da população e por sua própria conta poderiam controlar uma pequena tropa levemente armada para trabalhos de polícia. Faziam uso de seus conhecimentos locais para reunir estatísticas de recenseamento e eram responsáveis pela coleta de impostos.

Em troca de seus serviços, as aristocracias locais podiam habitualmente esperar receber benefícios de Roma. Dentre esses, o principal era a confirmação e o apoio romano ao seu prestígio local, mas podiam também esperar tirar algum lucro, ficando com a parte da renda da coleta de impostos. Finalmente, poderiam esperar a cidadania, juntando-se assim à próxima classe dirigente romana, por meio de serviço no exército romano ou como representantes (procuradores) dos imperadores.

A entrega do poder a tais homens também traria vantagens práticas. O desejo de preservar suas propriedades manteria esses líderes locais favoráveis à paz e, conseqüentemente, a Roma, e sua posse de suficiente riqueza lhes possibilitaria assegurar um pagamento regular de impostos com seus próprios recursos, mesmo se enfrentassem dificuldades na coleta do tributo exigido do resto da população. Desse modo, a utilidade apoiava os interesses. Durante a firme conquista do seu império, Roma sempre favoreceu as oligarquias ricas dos estados com que entrava em contato, governando as províncias por meio do apoio dos ricos. Era prática romana não só

⁵ Segundo o glossário desenvolvido pelo Laboratório da Cidade Antiga – LABECA o termo pólis (plural: as pólis), termo em grego: *πόλις, εως (ή)* – feminino; plural em português pólis, em grego *poleis*, refere-se à cidade; comunidade dos cidadãos que se distribui no espaço sobre o qual é soberana politicamente e no interior do qual distinguem-se uma área habitacional principal (*ásty*) e o território (*khóra*), sede das atividades produtivas primárias (aquelas agrárias). Na pólis, cidade e território são compartilhados pelos cidadãos livres e suas famílias, pelos escravos e pelos estrangeiros. Disponível em: <<http://www.labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>> Acessado em 04 de maio de 2018.

confiar em líderes locais existentes como também, e de modo igualmente importante, deixar sempre que possível, intactas as instituições locais estabelecidas quando era criada uma província.

Segundo Malina (2004):

O primeiro laço patrono-cliente se estabelece entre duas partes desiguais em *status*, riqueza e influência. Segundo, a formação e manutenção do relacionamento depende da reciprocidade na troca de bens e serviços. Entretanto, essas trocas mútuas envolvem bens e serviços não comparáveis. Numa transação típica, a pessoa de baixo *status* (cliente) receberá bens materiais e serviços destinados a reduzir ou melhorar as ameaças no seu ambiente, enquanto a pessoa de *status* alto (patrono) recebe menos recompensas tangíveis, tais como serviços pessoais, indicações de boa opinião, deferência ou lealdade (ou como em Roma, em certo tempo, serviços de natureza diretamente política, tal como o voto). Terceiro, o desenvolvimento e manutenção de um relacionamento patrono-cliente se apoia principalmente no contato face-a-face entre duas partes; as trocas incluídas nesse relacionamento eram de caráter altamente íntimo e particular e dependiam dessa proximidade (MALINA, 2004: 40).

Estudos comparativos sugerem que as relações patrono-cliente tendem a surgir onde a *“autoridade é dispersa e a atividade do Estado tem alcance limitado, e onde há considerável separação entre os níveis do lugarejo, da cidade e do Estado”* (SALLER, 1989: 205).

De acordo com Silva (2010), as relações patrono-cliente fornecem parte da resposta à questão de como um império tão vasto era governado por um corpo administrativo de tamanho tão diminuto, não simplesmente na esfera da política e da administração, mas também num sentido socioeconômico mais amplo.

A troca recíproca pessoal, mas vertical, de bens e serviços nas relações patrono-cliente opõe-se diametralmente às associações horizontais e à reciprocidade personificada dos laços de parentesco nas pequenas cidades.

Este sistema de patronato tinha por fundamento o valor romano básico, segundo o qual a honra e o prestígio, que todos reivindicavam, derivavam do poder de dar o que os outros precisavam e queriam.

Para Silva (1999: 38), os relacionamentos e atividades que marcaram a relação patrão-cliente, amizade, ou beneficiamento público, estão em contextos sociais relacionados a palavra "graça" (*charis*) a partir do primeiro século EC. Hoje, a "graça" é essencialmente uma palavra religiosa, ouvida em igrejas e círculos cristãos.

Para os escritores e os leitores do Novo Testamento, no entanto, "graça" não se tratava primariamente de um termo religioso, em oposição àquilo que é secular; a

palavra, ao invés disso, foi usada para falar de reciprocidade entre os seres humanos e entre os mortais e Deus.

Houve nos últimos quarenta anos, vários estudos sociocientíficos das relações econômicas relacionadas às estruturas de poder na Antiguidade Tardia, que deram origem a modelos monolíticos de ‘império aristocrático’, ‘honra e vergonha’ e ‘patrono-cliente’.

Esta generalização das relações econômicas na Antiguidade foi duramente criticada por MacGillivray (2009), que na obra *Re-Evaluating Patronage and Reciprocity in Antiquity and New Testament Studies*, afirmou que as estruturas sociais dos gregos, judeus e romanos, diferem-se muito na maneira como cada comunidade se relaciona com o patrocínio.

No caso judaico-cristão, as relações de poder e patrocínio permeiam a tradição religiosa, que condena a exaltação individual e/ou coletiva, das doações e ofertas aos necessitados, uma vez que a Lei Mosaica estabelece que o auxílio aos pobres e aos desprovidos de bens seja uma obrigação comunal, em agradecimento e relacionamento com Deus, ou seja, rompe a lógica personalista da doação.

Desta forma, faz-se necessário a compreensão das estruturas socioculturais na Palestina romana para a elucidação das representações de poder e patrocínio, tendo como foco as evidências materiais de honra e prestígio – indícios públicos de reconhecimento de determinada benfeitoria, que no caso das moedas, poderiam estar materializados com a cunhagem da imagem do imperador, imagens de suas edificações e conquistas, nas inscrições/ legendas relativas à exaltação da figura do governante, na relação estabelecida entre Império Romano, elite local e comunidade provincial.

O estudo da cultura material fornece informações fundamentais para o entendimento das estruturas de poder e patronato nas províncias Aelia Capitolina e Cesareia, durante o recorte temporal do século III EC, bem como, a análise numismática permite a compreensão da multiplicidade das expressões simbólicas e estéticas que se manifestam no discurso impresso no anverso e reverso das moedas provinciais.

A dinâmica social permite que haja tanto a manutenção quanto a transformação da cultura, assim, conforme Cassirer, “[...] em lugar de definir o homem como um animal ‘rationale’, deveríamos defini-lo como um animal ‘symbolicum’” (CASSIRER, 1977: 70).

2.2 Contribuições da Escola de Polanyi nas análises de economias antigas

As teorias desenvolvidas por Karl Polanyi e continuadas pela chamada escola de Polanyi serão para nós basilares na compreensão do sistema de trocas que ocorriam na Palestina romana. Pois que estas sugerem instrumentais teóricos de análise diferenciados para o estudo das sociedades antigas.

Polanyi sugere que a análise das economias antigas demanda uma conceituação diferente das economias modernas e contemporâneas, pois que é errônea a aplicação de conceitos da economia contemporânea às sociedades não capitalistas. Polanyi nos informa que esta visão foi fortemente alimentada pelo pensamento de Adam Smith, que sugeriu que a divisão do trabalho na sociedade dependia da existência de mercados ou, como ele colocou, da "*propensão do homem de barganhar, permutar e trocar uma coisa pela outra*". Esta frase resultou, mais tarde, no conceito do 'Homem Econômico' (POLANYI, 1944).

Os seguidores das ideias polanianas defendem que a alegada propensão do homem para a barganha, permuta e troca está inteiramente equivocada, pois, trata-se de alguns pré-conceitos do século XIX, que sustentavam a hipótese de Adam Smith sobre a predileção do homem primitivo por ocupações lucrativas.

A descoberta mais importante nas recentes pesquisas históricas e antropológicas é que a economia do homem, como regra, está submersa em suas relações sociais. Ele não age desta forma para salvaguardar seu interesse individual na posse de bens materiais, ele age assim para salvaguardar sua situação social, suas exigências sociais, seu patrimônio social. O homem valoriza os bens materiais na medida em que eles servem a seus propósitos. Nem o processo de produção, nem o de distribuição estão ligados a interesses econômicos específicos relativos à posse de bens. Cada passo desse processo está atrelado a um certo número de interesses sociais, e são estes que asseguram a necessidade daquele passo. É natural que esses interesses sejam muito diferentes numa pequena comunidade de caçadores ou pescadores e numa ampla sociedade despótica, mas tanto numa como noutra o sistema econômico será dirigido por motivações não-econômicas (Polanyi, 1944).

A obra de George Dalton *Economic Theory and Primitive Society* (1961), estudioso das teorias da Escola polaniana, permite a compreensão das ideias sobre redistribuição, com conceitos que afirmam que na Antiguidade as organizações políticas, religiosas e familiares coordenavam a produção e distribuição de bens. Logo,

para o autor, a redistribuição envolvia uma autoridade central que recolhia tributos para manutenção de serviços. Esta autoridade central estabelecia as prioridades – usava a receita para manutenção de determinada instituição, prestava serviços à comunidade e proporcionava o necessário em casos de emergências. O motivo da cobrança associava-se ao bem-estar coletivo e o cálculo do valor devido pelos indivíduos baseava-se no princípio de justiça, onde cada um recebia sua “justa parte” baseada na sua necessidade.

Conforme observa-se nas definições de Dalton sobre a redistribuição polaniana, pode-se associá-las ao caso da Palestina romana, cuja a base do sistema de trocas repousava nos preceitos religiosos, que em alguns casos (principalmente o judaico-cristão), condenava a busca por lucro e exaltava a contribuição voluntária, para manutenção do Templo, sinagoga ou igreja, sustento dos levitas, amparo dos órfãos e das viúvas – estendendo-se a estrangeiros, preceitos estabelecidos pela Lei Mosaica. Assim, o interesse econômico não era predominante, pois a comunidade velava para que nenhum de seus membros estivesse faminto, a não ser que ela própria fosse avassalada por uma catástrofe, em cujo caso os interesses envolviam o coletivo e não o individual. Por outro lado, a manutenção dos laços sociais era crucial. Primeiro porque, infringindo o código estabelecido de honra ou generosidade, o indivíduo se afastava da comunidade e se tornava um marginal; segundo porque, em longo prazo, todas as obrigações sociais eram recíprocas, e seu cumprimento servia melhor aos interesses individuais de dar-e-receber.

Trata-se de um universo onde imperavam as relações comunais às quais o costume, a lei, o sagrado e a religião exerciam influência, de modo que o sistema de trocas se imbrica às motivações econômicas originadas no contexto da vida social.

Para Polanyi a garantia da produção deve-se a dois princípios de comportamento não associados basicamente à economia: reciprocidade e redistribuição, ainda mais em uma comunidade como a judaica, onde é vedada a ideia do lucro; as disputas e os regateios são desacreditados; o dar generosamente os dízimos e ofertas é considerado como virtude; assim, não aparece a suposta propensão à barganha, à permuta e à troca. Na verdade, o sistema econômico é mera função da organização social.

O sistema de arrecadação que existiu no Templo judaico ou nas sinagogas, bem como nas igrejas cristãs, cujo intermediário está na pessoa do sacerdote ou de outro membro proeminente da elite local. Eram eles quem recebiam e distribuíam os suprimentos, especialmente se eles precisassem ser armazenados, como argumenta Dalton (1961), sobre os princípios da redistribuição de Polanyi (1944).

Seja a redistribuição feita por uma família influente ou por um indivíduo importante, uma aristocracia dominante ou um grupo de burocratas, o fato é que eles muitas vezes tentavam aumentar seu poder político através da maneira pela qual redistribuíam os bens.

Entende-se que a redistribuição promovia a transformação do sistema econômico propriamente dito em relações sociais. O processo de redistribuição apresentava-se como parte do regime político, uma vez que, a produção e a distribuição de mercadorias eram organizadas principalmente através da arrecadação, do armazenamento e da redistribuição, sendo o padrão focalizado no rabino e na sinagoga.

De forma mais ampla, as proposições de Polanyi sustentam que todos os sistemas econômicos conhecidos atualmente, até o fim do feudalismo na Europa Ocidental, foram organizados segundo os princípios de reciprocidade ou redistribuição, ou domesticidade, ou alguma combinação dos três. Dentro dessa estrutura, a produção ordenada e a distribuição dos bens eram asseguradas através de uma grande variedade de motivações individuais, disciplinadas por princípios gerais de comportamento. E entre essas motivações, o lucro não ocupava lugar proeminente.

No caso da Palestina, segue-se as proposições de Polanyi, que entendia que os costumes e as concepções sociais presentes na Lei Mosaica cooperavam para induzir o indivíduo a cumprir as regras de comportamento, as quais, eventualmente, garantiam o funcionamento no sistema econômico, por isso, as teorias de Polanyi e seus continuadores são cruciais para esta pesquisa, uma vez que percebe o sistema de trocas nas sociedades antigas, imbricado as relações socioculturais e religiosas (POLANYI, 1980: 69).

Dessa forma, as relações de poder evidenciadas no patronato romano na Palestina, também foram influenciadas pelos princípios de reciprocidade, redistribuição, ou domesticidade retratados na obra de Polanyi, os quais estavam intrinsecamente amalgamados às relações socioculturais e históricas que perpassavam as limitações econômicas e binárias de patrão-cliente na perspectiva plural e multifacetado das relações interpessoais no sistema social como um todo.

No capítulo a seguir, far-se-á um breve histórico da produção e circulação monetária em Jerusalém/Aelia Capitolina e Cesareia, para a contextualização e o entendimento do impacto da monetarização da Palestina romana para a legitimação e a disseminação do poder imperial, presentes nas relações sócio-históricas, politico-administrativa, econômicas e religiosas impressas nas moedas de Jerusalém/Aelia

Capitolina e Cesareia no século III EC, as quais foram mediadas pela elite local e influenciadas pela resistência da comunidade provincial na Palestina em relação a administração romana na região.

3 HISTÓRICO DA PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO MONETÁRIA EM JERUSALÉM/ AELIA CAPITOLINA E CESAREIA

A região da Judeia/Palestina – no período cronologicamente recortado do século II AEC ao século III EC, com as inúmeras ocupações de diferentes grupos humanos, oscilou entre as emissões monetárias sob a autoridade de povos dominadores e as emissões sob a autoridade de poderes menores, subalternos (ao poder ou em oposição), nas diferentes localidades da região. De modo geral, ainda que existam exceções, quem tinha a permissão na cunhagem de moedas em metais preciosos (ouro e prata) eram os poderes externos, ou os poderes dominadores da região como um todo. O poder mais localizado fabricava numerários menos valiosos, de uso mais restrito, em geral de bronze (FLEMING; BASTOS; PORTO, 2017: 18-19).

Todavia, existem grandes dificuldades na delimitação ou definição do recorte geográfico da emissão monetária na região da Síria-Palestina no passado. A ausência de fontes escritas em relação ao tema, ou a falta de consenso entre as poucas fontes existentes são razões para explicar o fato. A sucessiva dominação da região por diversas dinastias diferentes ou mesmo as várias cidades com o mesmo nome, podem também sugerir alguma resposta à questão. Após suprimidas as revoltas judaicas, o indicativo é de que houve uma dispersão durante o período romano e bizantino para as regiões desérticas do sul (deserto do Neguev e Judeia, parte montanhosa do sul da Palestina) e, principalmente, para as regiões da Alta e Baixa Galileia (FLEMING; BASTOS; PORTO, 2017: 22).

As principais fontes de investigação da presença romana em Jerusalém/Aelia Capitolina e Cesareia são as fontes históricas escritas no período romano em Israel, a saber:

Obras de Flávio Josefo – *Antiguidades Judaicas* e *A guerra dos judeus contra os romanos*. Esses escritos foram influenciados por Nicolau de Damasco e Estrabão.

Outras obras importantes foram – *História Romana*, escrita por Dion Cassio, um historiador romano, entre 160-230 EC; *Historia Romana*, escrito por Apiano, durante o reinado de Adriano; os quatro *evangelhos* cristãos, que constituem o Novo Testamento; *História da igreja* – Eusébio, que viveu entre 265-339 EC.

Muitos estudiosos se dedicaram ao longo desses últimos séculos à tentativa de ordenação das moedas produzidas na Síria-Palestina, enfatizando principalmente as emissões judaicas. Os primeiros foram: C. Cavedoni, *Numismatica Biblica o sia*

Dichiarazione delle monete antiche memorate nell Sante Scritturi (Modena, 1850); F. de Saulcy *Recherches sur la numismatique judaïque* (Paris, 1854); F. W. Madden *Coins of the Jews* (London, 1881); M. A. Levy, *Geschichte der jüdischen Münzen gemeinfasslich dargestellt* (Leipzig, 1862); T. Reinach *Les monnaies juives* (Paris, 1887) e Hamburger *Die Münzprägungen während des letzten Aufstandes d. Israeliten gegen Rom.* (Berlin, 1892).

Dois importantes estudiosos da primeira metade do século XX se destacam: G.F. Hill, que em 1914, publicou *Catalogue of the Greek Coins in the British Museum: Palestine.* (London, 1914). Essa obra procurou ampliar o escopo das cidades cunhadoras, promovendo uma catalogação de cidades não judaicas também. Depois, Adolph Reifenberg *Ancient Jewish Coins* em 1940, e a segunda edição em 1947. Ambas em Jerusalém.

Assim, de acordo com os relatórios arqueológicos, relacionados com as moedas encontradas em escavações, as províncias romanas produtoras de moedas entre os séculos II e III EC: i) *Províncias litorâneas* – Acco-Ptolemaida, Ascalon, Cesareia Marítima, Dor e Gaza; ii) *Províncias do interior* – Citópolis, Gaba, Gamala, Jerusalém/AeliaCapitolina, Marisa, Neápolis, Sebaste/ Samaria, Séforis, Diocaesarea, Tiberíades; iii) *Províncias oriundas da Transjordânia* – Bosra, Canata, Filadélfia, Gadara, Gerasa, Hippos/ Susita, Panias, Pella e Petra. (PORTO, 2007).

Segundo Fleming et al. (2017: 19), vários governantes emitiram moedas na Síria-Palestina, dentre eles têm-se os ptolomeus, selêucidas, hasmoneus, herodianos, e romanos que promoveram uma verdadeira revolução e confusão de emissões, o que, para os especialistas, gerou uma nomenclatura confusa, que muitas vezes sobrepõe nomes e termos. Os termos mais comuns são: moedas *nacionais*, *pré-imperiais*, *nacionalistas*, *imperiais gregas*, *imperiais romanas* e as *emissões provinciais*.

De acordo com as proposições de Fleming, Bastos e Porto (2017: 19-20), as moedas denominadas *emissões nacionais*, referem-se as cunhagens monetárias dos selêucidas e ptolomeus, a partir do 3º século AEC, uma vez que relacionam-se com o desejo dos reis helenísticos na criação de um sistema monetário uniforme para todas as cidades do Império. As emissões dos hasmoneus foram batidas pelos sumo-sacerdotes, em Jerusalém, e são consideradas pelos estudos numismáticos como *emissões autônomas*. As moedas produzidas pelos herodianos são consideradas *emissões pré-*

imperiais, pois os reis herodianos foram reis clientes de Roma e suas emissões ocorreram um pouco antes do domínio efetivo de Roma na região⁶.

A Judeia foi definitivamente conquistada por Roma em 63 AEC, e durante cerca de três décadas tetradracmas com o tipo de Filipe Filadelfo, continuariam a ser emitidas antes da introdução da cunhagem com tipos romanos na Síria. Ainda no séc. II AEC, os judeus tinham se sublevado contra os selêucidas, alcançando plena autonomia. Alexandre Janeu foi o primeiro rei da dinastia hasmoneana a cunhar moeda. (PORTO, 2007).

A cunhagem de moedas dos judeus da Primeira e Segunda Revolta (*Primum Iudæorum Romani Bellum*, ou a Grande Revolta Judaica entre os anos 66-70 EC, e a Revolta de Bar Kokhba entre os anos 132-135 EC) promoveu uma série de emissões nomeadas de *nacionalistas*, pois tinha um caráter de resistência aos romanos, uma vez que os judeus pretendiam a libertação do jugo romano (MESHORER, 2001). Já as moedas batidas na Síria-Palestina durante o período anterior a dominação romana recebem dos especialistas o nome de *moedas imperiais gregas*⁷.

As moedas cunhadas pelos romanos fora da Síria-Palestina, mas que circulavam pela região receberam o nome de *moedas imperiais romanas*. Essas emissões aconteciam quando Roma concedia certa autonomia a determinadas cidades aliadas. Em algumas situações especiais, Roma se apropriava de oficinas monetárias locais para bater suas moedas. Isso somente ocorria em caráter emergencial (como foi o caso da guerra com os judeus) ou para diminuir a hegemonia econômica que uma cidade estava eventualmente exercendo nos mercados locais. Essas cunhagens emergenciais receberam o nome de *emissões provinciais* (ROSENBERGER, 1972, 1975, 1977; SYON, 2015; ARIEL, 2016; FLEMING; BASTOS; PORTO, 2017).

⁶ De acordo com Flavio Josefo, o domínio de Roma sobre a Província da Judeia (*Iudaea*) começou com a conquista de Pompeu sobre a região em 63 AEC (*Antiguidades Judaicas*, XIII, 10. 2. 211). A partir da fusão das antigas províncias da Síria e da Judeia depois da derrota da Revolta de Bar Kokhba em 135 EC, a região passou a ser província Síria-Palestina (*Syria Palaestina*). (FLEMING; BASTOS; PORTO, 2017: 19).

⁷ Essas moedas são assim chamadas devido à dominação grega e período helenístico no Levante, época em que a cultura, a língua e as emissões monetárias na região estiveram relacionadas aos governantes que sucederam Alexandre, o Grande (FLEMING; BASTOS; PORTO, 2017: 20).

3.1 Emissões monetárias do período persa

A cunhagem de moedas em Jerusalém teve início no final do período persa, com a emissão de pequenos discos metálicos com a inscrição em paleohebraico "YHD". Nesse período de autonomia dada aos judeus na Judeia pelo governo persa, houve a emissão de moedas que apresentavam de um lado a flor de lírio judaica e do outro lado um falcão com as asas abertas e a inscrição "YHD" (Fig. 19) ou a imagem do rei persa com uma coroa (Fig. 20) (ZLOTNIKY, 2012; BARAG ; QEDAR, 1980).

Fig. 19 – Yehud com lírio judaico e falcão – período persa: 375-333 AEC

Fonte: Hendin (1060, 2010: 130).

Fig. 20 – Yehud com imagem do rei persa coroado e falcão – período persa: 375-333 AEC

Hendin (1059, 2010: 130).

Ressalta-se que a relação existente entre a autoridade dominante e as cidades autorizadas a bater moedas, no caso dos reis selêucidas, tinha-se a preferência por cidades que já possuíam oficina monetária e estrutura deixada pelo império persa na região.

Havia ainda como critério para autorização da emissão de moedas, a aliança que os governantes estabeleciam com certas cidades para a elevação do estatuto jurídico-administrativo delas. Isso tanto em período helenístico como em período romano. (FLEMING; BASTOS; PORTO, 2017: 21).

3.2 Emissões monetárias do período hasmoneu

Segundo Zlotnik (2012), a cunhagem de moedas em Jerusalem ficou estagnada por 175 anos, sendo retomada durante o reinado hasmoneano de Hircano I e de Alexander Janeu.

Nas proposições de Gitler (2011: 485), as cunhagens monetárias dos hasmoneus ocorreram por volta de 128-37 AEC, quando as oficinas monetárias em Jerusalém voltaram a funcionar. Esse período de cunhagem de moedas na Palestina corresponde ao espaço temporal compreendido entre a expulsão dos selêucidas da região e às primeiras décadas do domínio romano. A partir de então, a cunhagem de moedas judaicas continuou sem interrupção por quase dois séculos sob o domínio dos reis hasmoneus e herodianos.

Durante este tempo, os governantes hasmoneus cunharam moedas que apresentavam principalmente temas relativos ao papel do sumo sacerdote. Algumas moedas de Alexandre Janeu também incluíram motivos que caracterizavam seu papel como rei, por meio de inscrições e símbolos.

Observa-se a seguir, as moedas cunhadas por Hircano I, que trazem a âncora invertida e o lírio (Fig. 21.a), coroa de flores e cornucópia dupla (Figs. 21.b e 21.c).

Fig. 21 – Série monetária de Hircano I

Fonte: Hendin (1131, 1132, 1133, 2010: 185-186).

Judá Aristóbulo I, filho mais velho de Hircano, reinou de 104-103 AEC, e segundo Flávio Josefo (*Antiguidades Judaicas*, I: 70), foi o primeiro rei da dinastia hasmoneana a oficialmente usar o título de ‘rei’, porém nunca utilizou esse título em suas cunhagens monetárias, uma vez que ele deveria se tornar o sumo sacerdote após a morte de Hircano (HENDIN, 2010: 190). As cunhagens de Aristóbulo I seguem o padrão de cunhagem de seu pai, conforme se observa na Fig. 22.

Fig. 22 – Moeda de Aristóbulo I

Fonte: Hendin (1143, 2010: 192).

O líder Alexandre Janeu tornou-se governante em 104 AEC, após a morte de seu irmão Judá Aristóbulo I e manteve-se no poder até 76 AEC. Segundo Hendin (2010: 194), Alexandre Janeu expandiu os tipos monetários de seu pai e de seu irmão, e para manter o caráter religioso de suas emissões, evitou usar imagens relacionadas à idolatria.

Durante suas séries monetárias ocorreu uma mudança iconográfica e textual. Primeiro ele alterou as imagens das moedas, depois alterou as inscrições em hebraico de ‘sumo sacerdote’ para ‘rei’, e por último, emitiu moedas bilíngues com legendas em paleo-hebraico e em grego que afirmavam ‘do rei Alexandre’ (HENDIN, 2010:194).

As moedas emitidas por Alexandre Janeu representavam uma série de imagens relacionadas a dinastia hasmoneana, conforme se vê na Fig. 23.

Fig. 23 – Série monetária de Alexandre Janeu

Fonte: Hendin (1148, 1149, 1145, 1147, 1150, 1146, 2010: 197-199).

De modo geral, as moedas de todos os lugares têm símbolos, identificando o monarca, sua dinastia, funcionário eleito ou órgão responsável pela emissão monetária. No entanto, durante o reinado hasmoneu as moedas metálicas destinadas às populações judaicas foram influenciadas pelo segundo mandamento judaico, que proíbi o uso de imagens e/ou esculturas. Consequentemente, em muitas moedas judaicas foram usadas

uma variedade de outros símbolos, tais como coroas, diademas, cetros, e assim por diante.

Matatias Antígono (40-37 AEC), foi o último governante hasmoneu, sendo substituído por Herodes, o Grande, que foi designado rei de Judá pelos romanos em 37 AEC.

Sua emissão pode ser percebida na Fig. 24, que traz no anverso, uma cornucópia dupla.

Fig. 24 – Moeda de Matatias Antígono

Fonte: Hendin (1162, 2010: 214).

3.3 Emissões monetárias da dinastia herodiana

Em 37 AEC, Herodes conquistou Jerusalém, e a dinastia dos hasmoneus chegou ao fim (MESHORER, 2001; OSTERMANN, 2005; KAUFMAN, 1995, 2004).

O rei Herodes (37-34 AEC), que governava na época, cunhou suas moedas primeiro em Samaria e depois em Jerusalém. Seu herdeiro, o rei Arquelau (4 AEC a 6 EC), continuou cunhando moedas na cidade até o momento de seu exílio da Judeia em 6 EC.

Herodes foi um rei-cliente que tentou atrair a atenção e admiração dos seus senhores, os romanos. Para este fim, ele investiu grandes quantias de dinheiro em projetos como o Templo de Jerusalém, o palácio de Massada, e o porto de Cesareia.

A dinastia herodiana recebeu do Império Romano uma grande extensão de terra na Palestina, conforme se observa na Fig. 25, que demonstra o território sob domínio de Herodes, o Grande e seus filhos.

Fig. 25 – Reino de Herodes, o Grande e os territórios de seus filhos

Fonte: Porto (2007: 58)

Na relação de poder existente entre Herodes, os romanos e a população provincial, havia estrategicamente por parte do governante, também a necessidade de agradar a elite local, e dessa forma, em cumprimento ao segundo mandamento judaico usou apenas símbolos gerais em suas moedas, como âncora, capacete, ou um ramo de palma (Fig. 26). Quando Herodes, o Grande morreu em 4 AEC, ele deixou seu reino para seus três filhos: Herodes Arquelau, Herodes Antipas e Herodes Filipe.

Fig. 26 – Moeda de Herodes, o Grande

Fonte: Hendin (1169, 2010: 237).

Tanto Jerusalém quanto Cesareia estavam sob o jugo de Herodes Arquelau. Suas moedas foram cunhadas em Jerusalém, de 4 AEC a 6 EC, geralmente com símbolos marítimos (Fig. 27), e outros elementos iconográficos relacionados às duas cidades, que o influenciaram fortemente na condução de seu governo.

Fig. 27 – Moeda de Herodes Arquelau

Fonte: Hendin (1194, 2010: 244).

As moedas de Herodes Antipas foram cunhadas em Tiberíades, que ele fundou em 19 EC em honra ao imperador Tibério. Suas moedas estampavam ramos de palmeiras, palmeiras e aglomerados de letras, todos símbolos da região, onde reinou, conforme vê-se na Fig. 28, a seguir.

Fig. 28 – Moeda de Herodes Antipas

Fonte: Hendin (1204, 2010: 252).

Herodes Filipe (4 AEC – 34 EC) cunhou suas moedas em Cesareia Paneas. A iconografia de suas moedas retratavam a fachada de um templo, provavelmente em homenagem a Augusto, o que reflete que em seu reino havia grande população de não-judeus (Fig. 29).

As emissões de Herodes Filipe apresentavam também seu próprio retrato, e assim, tornaram-se as primeiras moedas conhecidas contendo o retrato de um governante judeu (MESHORER, 2001: 61-114).

Fig. 29 – Moeda de Herodes Filipe

Fonte: Hendin (1220, 2010: 258).

3.4 Emissões monetárias do período romano na Palestina (63 AEC-268 EC)

A publicação de Meadows e Shipton (2001) avalia os conceitos básicos das cunhagens de moedas em todo o mundo helenístico. Dessa forma, é de supra importância para o estudo numismático da Palestina romana, e seu diálogo com as pesquisas arqueológicas ocorridas no mundo grego oriental.

Quando os romanos dominaram diretamente a Palestina na década de 60 AEC, eles restauraram como pólis todas as cidades gregas da Judeia, conquistadas pelo Reino Hasmoneu (ECKER; COTTON, 2011: 493).

A maioria dessas cidades adotava seu próprio sistema de contagem de tempo, com base no ano de sua refundação como pólis. As cidades fundadas pelos governantes da dinastia de Herodes e pelos imperadores romanos em tempos posteriores seguiram o mesmo padrão.

Alla Kushnir-Stein (2005), assim como Porto (2007), desenvolveram estudos atualizados das 38 cidades que cunhavam moedas na Palestina e Transjordânia durante o período romano.

Observa-se que as províncias romanas denotavam diferentes eventos para marcar a sucessão histórica delas: autonomia, restauração como pólis, fundação de novas

cidades, e épocas comemorativas. Ecker e Cotton (2011: 493) afirmam que a maioria das moedas na Palestina romana foram datadas de acordo com as tradições locais que remontam aos tempos helenísticos.

O anverso destas moedas geralmente retratava o imperador romano, enquanto que o reverso era dedicado a promover as questões internas da cidade (seus deuses, monumentos, eventos especiais).

As legendas destas moedas eram escritas em grego, e apenas as cidades que receberam o *status* de colônia tinham legendas em latim (MILLAR, 1990).

Era utilizado o bronze para produção das moedas emitidas para o uso da cidade e seus territórios adjacentes, enquanto que as emissões pré-provinciais eram cunhadas em prata juntamente com os denários romanos (PRIEUR; PRIEUR, 2000).

Sob Caracalla, várias cidades do Leste tiveram o direito de cunhar tetradracmas, incluindo Aelia Capitolina (Jerusalém), Neapolis, Cesareia, Ptolemaida, Gaza, e Ascalon, bem como Gadara na Transjordânia (ECKER; COTTON, 2011: 494).

Fixou-se por dois séculos e meio o sistema das moedas de bronze, de latão e de cobre, com a emissão do sestércio equivalente a $\frac{1}{4}$ de denário, e suas subdivisões.

Nas proposições de Porto (2007), na Palestina, as emissões de bronze das cidades, sejam provinciais, autônomas ou pseudo-autônomas, datam de 22 a 268 EC. Segundo o autor, a gradual desvalorização da cunhagem de prata deu-se desde Nero, em decorrência das inúmeras reformas monetárias, as quais aos poucos garantiu maior importância à cunhagem de bronze. Assim, Porto (2007) esclarece que tanto as emissões provinciais das autoridades romanas nas cidades palestinas quanto os governos locais com suas emissões autônomas ou pseudo-autônomas mantiveram as cunhagens em bronze. De acordo com as proposições de Alla Kushnir-Stein (1990), houve uma verdadeira “guerra de títulos” entre as cidades da Judeia/Palestina, o que sinalizou a Roma que a incitação dessas rivalidades entre as cidades da região, na ânsia por títulos, poderiam se constituir em uma possível alternativa para a sustentabilidade de sua presença na região.

Segundo Levine (1975), observou-se nesse período o aumento da atividade cunhadora de moedas em termos de volume de produção local, assim como, as cidades cunhadoras mantiveram os valores metálicos das moedas e, a partir do período Severiano (193-235 EC), aumentaram significativamente o escoamento de suas moedas (LEVINE, 1975: 50).

Por outro lado, no século II EC, evidências dos achados de tesouros monetários também sugeriram que as moedas de prata, especialmente aquelas de Tiro, tornaram-se relativamente escassas (PORTO, 2007: 89; SCHÜRER, 1985: 2-66; BEN-DAVID, 1970: 120).

Observa-se ainda no período de dominação romana, que as duas guerras contra os judeus foram fundamentais para o estabelecimento da autorização para cunhagem nas províncias. Enquanto algumas cidades eram punidas por terem se posicionado contra os romanos, tendo sua cunhagem proibida, outras, ao contrário, puderam continuar ou até mesmo iniciar uma nova fase da vida da cidade produzindo moedas com a autorização do Império Romano (FLEMING; BASTOS; PORTO, 2017: 21).

Além da emissão de moedas, os romanos negociavam com as províncias por meio da alteração de seus *status* administrativos.

Esse jogo de alianças entre Roma e as elites locais, poderia ser observado nas legendas monetárias. Um título importante que apareceu nas moedas das cidades cunhadoras da Judeia/Palestina é *metropolis*. Nas províncias romanas, *metropolis* era a designação de uma cidade que teria se originado de uma *colonia*. A cidade adquiria o status de *metropolis* por ampliar sua importância comercial, política, populacional e sócio-cultural frente aos romanos (KINDLER, 1982/83: 82-83).

As estruturas de poder que envolviam o complexo relacionamento dos romanos e as cidades palestinas consideravam as características próprias do leste provincial, da herança selêucida e hasmoneia, e da diversidade cultural e religiosa vivida ali graças aos diversos grupos que habitavam a região (PORTO, 2007).

Segundo Lago (2004), as moedas de bronze, cobre e latão (em latim “*orichalcum*”), que incluíam o *sestércio* (1/4 de denário), o *dupondio* (1/8 de denário), o *As* (1/16 de denário), o *semis* (1/32 de denário) e o *quadrans* (1/64 de denário) aumentavam a flexibilidade dos pagamentos de menor monta e circulavam durante longos períodos, como atestam numerosos exemplares muito gastos que sobreviveram e que foram encontrados em escavações arqueológicas.

Quase todas as moedas tinham como tipo no anverso o busto do imperador ou de membros de sua família.

No reverso predominavam representações de divindades ou personificações de atributos ou ações dos imperadores, mas também inscrições, monumentos (templos, pontes, anfiteatros etc.), animais, corpos celestes, instrumentos de culto, além de cenas de atividades militares e civis.

Durante a Guerra Judaica (66-70 EC), houve cunhagem de moedas em Jerusalém. Depois que Jerusalém foi conquistada e destruída, o comando da décima legião que residia na cidade começou a cunhar moedas de contramarca em 70-130 EC. Essas moedas contramarcadas, eram geralmente moedas desgastadas que estavam em circulação naquele tempo, entre elas moedas de Antioquia, Ascalon, série "*Judaea Capta*" (Fig. 34), dentre outras, as quais veremos mais adiante.

A contramarca era um símbolo da décima legião *Fretensis* que residiu em Jerusalém por um longo tempo. Essa contramarcacão terminou com a emissão das moedas em Aelia Capitolina (128-251 EC), que também recebiam símbolos associados à marca da décima legião.

Zlotniky (2012) esclarece que todas as moedas que foram cunhadas em Jerusalém, até o final da Guerra Judaica contra os Romanos, não levavam o nome de Jerusalém ou um símbolo que atestasse a autoridade de cunhagem.

Segundo o autor, foi nesse período que Jerusalém tornou-se a capital administrativa da Judeia. Assim, essa província abrigava o templo, os palácios, os estabelecimentos comerciais e a autoridade de cunhagem.

Segundo Ariel (1982), o período de funcionamento da oficina monetária de Aelia Capitolina foi compreendido entre o século II EC ao século III EC. Segundo o autor, essa província a partir deste momento juntou-se ao mundo romano cultural e monetariamente.

A impressão histórica de Aelia Capitolina nesse período é de que foi um centro provincial que serviu como base legionária. Por isso, especialmente neste período deve-se assumir que as moedas encontradas nessa colônia permaneceram correntes por um longo tempo. Isso se deve ao declínio no valor real das moedas de prata, que resultou na revalorização das moedas de bronze (ARIEL, 1982).

Essa utilização a longo prazo das moedas de bronze cunhadas em Aelia Capitolina pode ser percebida por meio das moedas encontradas nas escavações arqueológicas nessa região.

Apenas moedas de bronze foram encontradas neste período em Aelia Capitolina, mas moedas de ouro são amplamente atestadas nas fontes literárias.

A distribuição de moedas do período romano tardio, verificada em escavações reflete a quantidade de moeda em diferentes partes da região nesse período.

Dessa forma, tem-se a impressão da existência de um pequeno número de moedas correntes no período antes de Constantino I, e depois disso, picos no segundo e último trimestre do século IV EC.

Segundo Reece (1975), essa impressão se adapta a todas as províncias periféricas do final do Império Romano. No terceiro século, denominações menores (ou seja, bronze) aparentemente concentravam-se nas províncias centrais, enquanto no quarto século, elas apareceram principalmente nas regiões periféricas, e as moedas valiosas circulam mais perto de Roma (REECE, 1975: 303).

Em paralelo com as emissões feitas sob a autoridade imperial, centenas de cidades (mais de 100 sob Augusto e talvez umas 200 no século III EC), incluindo regiões mais distantes como as províncias danubianas e regiões interioranas da Ásia Menor, emitiram moedas de bronze na parte oriental do Império Romano.

Essas emissões cívicas, autorizadas pelos romanos e normalmente com legendas em grego e o retrato do imperador, foram muitas vezes cunhadas de forma intermitente e com grandes oscilações na quantidade.

Existem exemplos que sugerem que algumas delas foram feitas para distribuição entre a população, financiadas pelos cidadãos ricos. A maioria dessas moedas provinciais tinha circulação meramente local, e é possível que o “prestígio” tenha sido a motivação para várias emissões. De qualquer forma, não parecem ter atendido a necessidades do governo imperial, e como vimos anteriormente, parecem ter cessado totalmente por volta de 268 EC (LAGO, 2004).

Segundo Ariel (1982), foram encontradas moedas imperiais em grandes escavações e tesouros monetários na região compreendida entre as fronteiras de Jerusalém e seus arredores, na inclusão de Betania, ao leste; Ramat Rahel, ao sul; a “Torre Hasmoneia”, próxima a atual Giv'at Shaul, a oeste; e Qalandia ao norte, que datam do período romano tardio e início do bizantino.

Nas proposições de Gitler (2011), houve ainda a circulação em Jerusalém de moedas imperiais em bronze, no período Romano Tardio e início do Bizantino, emitidas por Constâncio II, Teodósio II, Leo I, Anastácio I, Justiniano I, Maurício I, Heráclio e Constante II.

As moedas imperiais que circularam na Palestina Romana, especificamente em Cesareia, foram também encontradas a partir de escavações na região (BIJOVSKY; RAPHAEL, 2014), e o tesouro monetário encontrado em uma sinagoga, atesta a circulação de moedas de bronze no quarto século emitidas pelos imperadores:

Constantino I (307-337 EC); Constantino II (337-340 EC); Constâncio II (337-361 EC); Constante I (337-350 EC); Constâncio Galo (351-354 EC); Magnêncio (350-353 EC) e Juliano II (355-360 EC).

Dessas emissões sob o governo desses imperadores, havia uma multiplicidade de oficinas monetárias, incluindo Lion, Trier, Arles, Aquileia, Roma, Heraclea, Nicomedia, Antioquia, dentre outras.

Várias oficinas, além da de Constantinopla, cunharam moedas de cobre, principalmente Alexandria, Antioquia, Cízico, Nicomédia, Cartago, Roma, Ravena, Catânia e Siracusa na Sicília. Várias delas cessariam de operar ao longo do século VII EC em função das conquistas islâmicas. (LAGO, 2004).

Durante o reinado de Heliogábalo, a circulação de moedas de bronze atingiu seu pico quando a maioria das cidades locais emitiam moedas. Até o final do reinado de Galieno, em 268 EC, a produção palestina de moedas provinciais chegou ao fim. A partir deste período, as moedas que circularam na Síria-Palestina são aquelas denominadas “romanas tardias”, que foram produzidas em todo o Império Romano em casas monetárias específicas.

3.4.1 Emissões monetárias da Primeira Revolta Judaica (66-70 EC)

Com a eclosão da guerra judaica contra Roma em 66 EC, a liderança judaica começou a cunhar moedas que estampavam a natureza do conflito: i) Libertação nacional ao expulsar o exército romano da Judeia. ii) Estabelecer a independência do Estado judaico.

De acordo com Gitler (2011) as moedas cunhadas durante essa revolta foram as emissões mais famosas de todas as moedas judaicas antigas, conforme se observa na Fig. 30.

Fig. 30 – Moedas da Primeira Revolta Judaica

Fonte: Porto (2007)

Durante os cinco anos dessa guerra, inúmeras cunhagens ocorreram, com legendas em Paleo-Hebraico, e iconografia de símbolos judaicos. Durante escavações arqueológicas na região encontrou-se tesouros monetários (Fig. 31) que confirmam a produção monetária local no período desse conflito.

Fig. 31 – Tesouro monetário da Primeira Revolta Judaica

Fonte: Gitler (2011).

Durante o segundo, terceiro e quarto anos da guerra, as oficinas monetárias de Jerusalém produziram moedas de bronze (MESHORER, 2001: 115-134). Segundo Syon (2007), escavações arqueológicas identificaram que excepcionalmente em 67 EC, houve a produção de moedas em Gamla, que imitavam as judaicas. Estas emissões foram provavelmente cunhadas em Gamla (Fig. 32), por volta de fevereiro a agosto de 67 EC durante o bloqueio de Agripa II.

De acordo com Syon (2015), arqueologicamente apenas seis moedas de Gamla foram encontradas, todas estavam nos bairros ocidentais em Gamla, e todas foram cunhadas a partir do mesmo par de matrizes. São moedas de bronze feitas de forma muito grosseira, obviamente cunhadas em condições improvisadas e por um artesão não qualificados. O anverso mostra uma taça, que é geralmente aceita como representação de um dos utensílios do templo judaico.

Fig. 32 – Moeda de Gamla

Fonte: Hendin (1372, 2010: 364).

A inscrição começa no anverso em torno da taça e termina no reverso.

Para Syon (2015), trata-se de inscrições em paleo-hebraico e aramaico, que expressam "para a redenção da Santa Jerusalém".

Sem dúvida, estas moedas foram produzidas durante o cerco, e é incrível perceber que mesmo em períodos de revoltas, as moedas desempenhavam um importante papel na legitimação do poder e no esforço em fazer uma declaração política para os judeus, e possivelmente aos romanos, do que como objeto para troca de mercadorias.

Esta moeda desafia a visão tradicional de uma frente judaica fragmentada que estava preocupada principalmente com a luta interna e a defesa dos locais isolados por bolsões de rebeldes, ao invés de se pensar em uma revolta com uma frente unificada. Isso mostra que mesmo sob as condições mais difíceis, o povo de Gamla ainda lembrava os objetivos originais da revolta, simbolizados pela legenda "redenção da Santa Jerusalém" (GITLER, 2011: 489).

3.4.2 Emissões monetárias da Segunda Revolta Judaica (132-135 EC)

No final do verão de 132 EC, os judeus da Judeia começaram uma guerra contra o Império Romano.

De acordo com Gitler (2011), os revoltosos foram liderados por *Shim'on* (Simão) *Ben Kosiba*, mais tarde apelidado de "Bar Kokhba," ou "Filho da estrela."

O líder Bar Kokhba usurpou a prerrogativa imperial da cunhagem de moedas e estabeleceu-se como o herdeiro legal ao trono.

Durante os anos de independência, os rebeldes criaram um estado judeu. A fim de estabelecer uma economia independente, eles precisavam produzir o seu próprio dinheiro. Desta forma, eles se apropriaram das moedas romanas de prata e bronze que circulavam na região da revolta, e que estavam disponíveis em grande quantidade.

Para a disseminação do orgulho nacional e legitimação da guerra, os rebeldes criaram as suas próprias moedas – tetradracmas, dracmas e denários –, que foram batidas sobre moedas imperiais e provinciais romanas com motivos judaicos e legendas em paleo-hebraico, dedicadas a Jerusalém e ao lendário templo judaico (Fig. 33).

Este ato de sobrepor motivos judaicos às iconografias e legendas romanas simbolizou não só a soberania do povo judeu, mas também a sua oposição aos romanos, uma vez que esse processo de cunhagem desfigurava as imagens originais das moedas romanas (MILDENBERG, 1984; MESHORER, 2001).

Fig. 33 – Conjunto monetário da Segunda Revolta Judaica

Fonte: Gitler (2011).

Alguns achados arqueológicos têm elucidado questões relacionadas as cunhagens desse período. Segundo Gitler (2011), escavações em Bad-Issah (Kiryat Sefer), revelaram um jarro contendo 143 denários romanos do tempo de Nero, de Adriano e um achado incomum: 2 *aurei* de Vespasiano e Trajano (MAGEN; ZIONIT; SIRKIS 1999: 31).

Erlich e Damati (1981) publicaram o achado de um tesouro de 16 denários dos reinados de Trajano e Adriano encontrado em 'Araq en-Na'saneh em Wadi ed-Daliyeh. Zissu e Eshel (2001) fizeram um novo estudo da distribuição geográfica das moedas de Bar Kokhba recuperados de escavações arqueológicas controladas em Israel. Essa publicação, cita um total de 929 moedas a partir de 29 locais, o que revela que o território controlado pelos rebeldes era muito mais extenso do que se pensava anteriormente.

Uma atualização recente a este estudo foi publicado por Amit e Bijovsky (2007), como as moedas de Bar Kokhba continuam a ser identificadas em escavações atuais, é provável que esta distribuição seja posteriormente revista.

3.4.3 Emissões monetárias das séries *Judaea Capta*

Logo após o Templo de Jerusalém ter sido destruído pelas tropas vitoriosas lideradas por Tito em 70 EC, seu pai, o imperador Vespasiano lançou uma série de moedas comemorando a vitória romana sobre os judeus.

A série de moedas conhecida como “*Judaea Capta*” (Fig. 34) durou 25 anos sob Vespasiano e seus dois filhos que o sucederam no poder – Tito e Domiciano.

Os elementos figurativos básicos das moedas dessa série, uma palmeira e uma figura feminina (representação alegórica da Judeia) sentada em uma atitude de extrema tristeza e submissão.

Há moedas da série *Judaea Capta* emitidas por Vespasiano, que ilustram a Judeia chorando sob um troféu romano e a inscrição “*IVDAEA*”. Outras moedas de Vespasiano mostram a Judeia sentada ao lado de uma palmeira, ou ao lado de uma palmeira com as mãos amarradas. Alguns desses signos aparecem também em moedas de ouro.

Fig. 34 – Série monetária *Judaea Capta*

Fonte: Porto (2007)

No período denominado pós-primeira revolta (70 EC a 132 EC) predominaram na Judeia as emissões imperiais romanas, ou seja, as cidades insurgentes foram

impedidas de emitir moedas tendo que utilizar somente as moedas produzidas ou por Roma ou por seus aliados, que por ali circulavam.

Depois da supressão da revolta de Bar Kokhba, quase não se produziram mais moedas cívicas na Palestina. Somente as cidades gregas da região (que apoiaram os romanos durante o conflito), continuaram com a produção imperial grega. A proibição das cunhagens cívicas e a manutenção da circulação das moedas imperiais romanas, demonstram, entre outras coisas, que a restrição às produções locais foi uma resposta imediata aos judeus “revoltosos”, e que a utilização da moeda como instrumento de repressão, evidenciava a força político-ideológica que possuíam esses pequenos objetos (PORTO, 2007).

As cidades que durante o conflito e depois da supressão da revolta mantiveram a produção das moedas imperiais na região foram: Gaza, Ascalon, Cesareia e Acco-Ptolemaida, na região costeira, e Gaba, Tiberíades, Eleuterópolis e Neápolis, no interior. Os magistrados locais, durante todo o período de dominação romana, em geral tinham autonomia de emitir moedas apenas em bronze, sendo que as moedas de prata que circulavam pela Judeia-Palestina vinham de Antioquia, de Tiro ou mesmo de Roma (PORTO, 2007: 88).

Entre os períodos de Adriano e dos Severos as emissões imperiais gregas se seguiram nessas cidades com força cada vez maior; acredita-se que a proliferação das cunhagens nessas várias cidades era um reflexo da propagação política dos romanos que tinham por finalidade promover a prosperidade econômica e a expansão da urbanização por toda a Palestina – e do Leste em geral (KADMAN, 1961; LEVINE, 1975).

3.4.4 Emissões monetárias de Aelia Capitolina

Nas proposições de Ecker e Cotton (2011: 492), a fundação de Aelia Capitolina é tradicionalmente datada após a visita de Adriano à Judeia entre 129-130 EC.

A oficina monetária em Roma produziu moedas que representavam a visita de Adriano à Judeia (Fig. 35).

Fig. 35 – Moeda romana referente a visita de Adriano à Judeia

Fonte: Strack 752; Banti 43; cf. Hendin 798

Trata-se de um sestércio de bronze, produzido em Roma por volta de 117-130 EC, que traz no anverso o busto do imperador Adriano, laureado a direita, com legenda em latim “*HADRIANVS AVG COS III PP*”; e no reverso vê-se Adriano de pé, levantando a mão direita, de frente para a Judeia, que segura em uma mão uma patera e na outra um copo. Aos seus pés, dois meninos pequenos à sua frente, um atrás da Judeia, cada um segurando uma folha de palmeira; entre eles, há um altar, com um touro sacrificial deitado. A legenda do reverso em latim “*ADVENTVI AVG IVDAEAE*”, e a sigla “*SC*” no exergo. Essa moeda é mais um dos indicativos de que a cultura material registrou a passagem de Adriano na Judeia durante seu reinado, assim como a documentação textual.

Segundo Ecker e Cotton (2011: 492), as primeiras moedas produzidas na oficina monetária de Aelia Capitolina trazem no anverso a legenda “*IMP(eratori) CAES(ari) TRAI(ano) Hadriano AVG(usto) P(atri) P(atriae)*”. No reverso vê-se o imperador arando o “*pomerium*”⁸ da nova colônia com um arado preso a uma vaca e um boi, com a inscrição: “*COL(olonia) AEL(IA) KAPIT(olina) COND(itori)*”: “a colônia Aelia Capitolina ao seu fundador”, observa-se *COND(itori)* no exergo (Fig. 28).

⁸ Segundo PLATNER, Samuel Ball. *A Topographical Dictionary of Ancient Rome*. Londres: Oxford University Press, 1929, a palavra *pomério* vemdo latim: *pomerium* ou *pomoerium*, que significa "após o muro". Na Roma Antiga, era uma designação para a fronteira simbólica da cidade.

Fig. 36 – Moeda referente à fundação da colônia Aelia Capitolina

Fonte: Hendin, 810; Rosenberger, 1; Kadman, 1; Meshorer, *City-Coins*, 162; Meshorer, *Aelia*, 2 apud Porto (2007).

De acordo com Ecker e Cotton (2011: 492), o imperador Adriano recebeu o título “Pater Patriae” em 128 EC, o qual serve como base para datação da cunhagem deste tipo de moeda entre 128 e 138 EC, e não 130-138 EC. Como sugere Meshorer (1989: 21-24).

Outra informação importante dessa cunhagem é a abreviatura “COND” para “CONDITORI” (fundador), ao qual prova, caso se faça necessário, que Adriano foi o fundador da Aelia Capitolina, assim como a coroa de louros na cabeça da pessoa que conduz o arado a identifica como sendo o imperador.

Ecker e Cotton (2011: 492), ressaltam que mesmo que a moeda acima mencionada tenha sido a primeira moeda cunhada em Aelia Capitolina, as emissões monetárias das colônias nem sempre começavam no momento de sua fundação, uma vez que poucos anos poderiam se passar antes da oficina monetária tornar-se operacional, como no caso de Cesareia, que recebeu o *status* de colônia de Vespasiano, mas suas primeiras moedas apareceram sob Domiciano.

Dessa forma, a evidência monetária não fornece uma data precisa para a fundação de Aelia Capitolina, nem pode ser usada para provar que essa colônia foi fundada antes ou depois da revolta de Bar Kokhba.

Ecker e Cotton (2011) afirmam que até o presente momento, nenhuma escavação arqueológica encontrou as moedas cunhadas durante a revolta de Bar Kokhba na obliteração de moedas de Aelia Capitolina, ou um tesouro de moedas de Bar Kokhba

contendo também moedas de Aelia Capitolina. No entanto, Meshorer (1989) afirma que no período da Segunda Revolta Judaica existiam cunhagens mistas, que Ecker e Cotton (2011) descrevem como escavações ilegais, sem contexto claro.

Os autores afirmam que as moedas encontradas no deserto (16 moedas, incluindo denários romanos, moedas de bronze da Segunda Guerra Judaica, e três moedas provinciais de Gaza [133/134 EC] e de Aelia Capitolina), foram encontradas em cavernas de refúgio de *el-Jai* em Nahal Mikhmash e Wadi Suweinit (ESHEL; ZISSU, 2000-2002, 1998: 98-103), mas não constituíam cunhagens mistas. Mesmo as descobertas da caverna de *T'eomim* não puderam contribuir para a solução deste problema.

De fato, as moedas não podem provar que a fundação de Aelia Capitolina ocorreu antes da revolta de Bar Kokhba, mas Dion Cassio afirmou em sua obra História Romana, que a causa da Segunda Guerra Judaica foi a fundação de Aelia Capitolina. Isto não fornece a data precisa de fundação dessa colônia, mas indica que precedeu a revolta.

Dessa forma, a cultura material inter cruzada com as fontes literárias, fornecem a informação de que qualquer data anterior a 132 EC é possível, e uma vez que tem-se evidências da visita de Adriano em 129-130 EC, é muito provável que foi nesse período que ele a tenha fundado.

Escavações recentes do Cardo Oriental (SHLOMIT WEXLER-BDOLAH, 2011) sugerem que houve uma reconstrução de Jerusalém em algum momento entre 100 e 120 EC, mas não depois de 130 EC. Assim, se a colônia de Aelia Capitolina foi de fato fundada em 130 EC, a renovação da cidade começou algum tempo antes, o que sugere que a visita do imperador Adriano à Judeia, tenha sido para comemorar a reconstrução da província e efetivou sua refundação como colônia Aelia Capitolina.

3.5 Oficinas monetárias e autoridade emissora de moedas em Jerusalém

As evidências artefatuais referentes a tecnologia de produção de moedas antigas, permeiam a discussão referente a migração na antiguidade de inovações tecnológicas em todas as regiões.

Ariel (2012: 43) argumenta que as evidências artefatuais da tecnologia empregada na cunhagem antiga (tipologia, funcionalidade e cronologia dos moldes),

levam a conclusão que alguns moldes foram dedicados quase que exclusivamente à produção de moedas de metal e *flans*.⁹

Segundo Ariel (2012) os antigos *flans* e moldes de moedas eram feitos de dois materiais: pedra e barro, a proposito disso, podemos observar na Fig. 37.

Durante escavações arqueológicas da *Israel Antiquities Authority* foram descobertos vários testemunhos da cunhagem de moedas em Jerusalém.

Fig. 37 – Quatro moldes de pedra encontrados em Jerusalém

Fonte: Clara Amit apud Ariel (2012).

Os moldes feitos de pedra ou barro são atestados arqueologicamente conforme se observa na Fig. 38, que traz um mapa com a dispersão desses achados arqueológicos em Jerusalém.

⁹ Segundo Porto (2007): “cunho são duas peças metálicas de dureza superior à do disco metálico, cada uma das quais gravada, na superfície impressora, com a iconografia e epigrafia em incuso correspondente ao tipo monetário de uma das faces da moeda a ser cunhada. Uma vez que as cunhagens ocorrem com os discos metálicos colocados em posição horizontal, temos um cunho superior (troquel ou mordente), e um cunho inferior (pilha ou dormente). O cunho inferior é fixo, onde se apoia o disco (*flan*), enquanto o superior é móvel (podendo ser usado por percussão ou por pressão mantida durante um curto período).

Fig. 38 – Mapa dos achados arqueológicos em Jerusalem e moldes de pedra para produção de moedas

Distribuição dos achados arqueológicos de moldes conectados em Jerusalém e em outros lugares na Judeia. Os números nos círculos correspondem às quantidades de moldes encontrados nas diferentes localidades. Fonte: Ariel (2012).

Vários vestígios materiais foram encontrados em Jerusalém, como moldes de pedras para produção de moedas que atestam a existência de uma autoridade de cunhagem em Jerusalém. Essa constatação é percebida nitidamente na Fig. 39.

Fig. 39 – Vestígio material da produção de moedas em Jerusalém

(a) Moeda semi-esmerada de Alexandre Janeu; (b) desenho de broca que poderia ter sido usada para produzir cavidades cônicas; (c) fragmento de molde com perfuração central encontrado na Cidade de David. Fonte: Fotos: Clara Amit; Desenho: J Rosenberg apud Ariel (2012).

Nas escavações arqueológicas da Cidade de David foram descobertos moldes de pedra utilizados para a fundição de metais na fabricação de moedas.

Nessa escavação arqueológica da Cidade de Davi, foram descobertos vestígios que foram atribuídos as moedas produzidas por Antígono, e Poncio Pilatos, conforme vê-se na Fig. 40.

Fig. 40 – Moldes de pedra para produção de moedas

Fonte: Zlotnik (2012)

De acordo com a pesquisa numismática, muitas das moedas dos períodos hasmoneu, herodiano, de procuradores na Judeia e da Primeira Guerra Judaica contra os Romanos, mostram características semelhantes de métodos de cunhagem similares que

operavam sob a autoridade de cunhagem em Jerusalém. Esses indícios demonstram a continuidade da cunhagem nessa província por aproximadamente 200 anos (ZLOTNIK, 2012:11).

Fig. 41 – Molde e moedas produzidos em Jerusalém

(a) *Flan* curvado e afunilado da Judeia; (b) moedas de Agripa I (41-42 EC); (c) reconstrução da broca que poderia ter sido usada para produção de moedas em Jerusalém. Fonte: Fotos: Clara Amit; desenho: J Rosenberg apud Ariel (2012).

Para Ariel (2012: 42-43), a invenção do molde de *flan* conectado, apesar da ausência de achados arqueológicos antes do segundo século AEC, poderia relacionar-se com um "avanço" tecnológico de lançar *flans* em tiras conectadas, que portanto, parecem ter sido desenvolvidas bem antes do achado de evidências artefatuais de moldes.

Segundo o autor, a invenção da tecnologia de moldagem de *flans* conectados pode estar relacionada ao crescimento da produção mundial de moedas de metais básicos, que teria iniciado no período helenístico.

Nas proposições de Ariel (2003: 117), a evidência desta tecnologia numismática pode ser verificada nas moedas do período ptolomaico (no Egito), e possivelmente até o período imperial romano na Judeia.

Conforme mencionado por Alla Kushnir-Stein (2000–2002), a casa monetária em Jerusalém produziu moedas até 69/70 EC, quando outras oficinas monetárias já

havam deixado de produzir essas moedas pelo menos um século antes (KUSHNIR-STEIN, 2000-2002: 80).

Para Alla Kushnir-Stein (2000–2002), a cunhagem com o uso de *flans* conectados em Jerusalém cessou quando a cidade foi destruída pelos romanos em 70 EC.

Ariel (2012: 75), afirma que pode ser que os moldes de *flan* conectados, estejam associados a cunhagem de moedas, cujo metal base não fosse tão valioso quanto o ouro e a prata, que necessitavam de maior controle na cunhagem para evitar falsificações.

4 REPERTÓRIO DE MOEDAS DE AELIA CAPITOLINA E CESAREIA – SÉCULO III EC

Essa pesquisa tem por objetivo a análise dos elementos iconográficos e textuais das moedas cunhadas em Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC. Assim, achou-se necessário a confecção de um repertório dos tipos monetários emitidos nessas duas províncias da Palestina Romana durante a Antiguidade Tardia.

Seguiu-se o modelo de catalogação desenvolvido por Porto (2007) em sua tese de doutorado, que inovou ao criar um levantamento numismático de vinte e três cidades cunhadoras da Judeia/Palestina, cuja divisão deu-se em moedas do litoral, do interior e da Transjordânia.

Nesse repertório serão consideradas as informações de anverso e reverso em conjunto.

Definiu-se que a ordem de apresentação do repertório numismático de cada província, segue ordenação cronológica de emissão.

O conteúdo selecionado para compor o repertório foi: a autoridade emissora, a data, o local da emissão (região que se situa a cidade), metal, o anverso/reverso (iconografia e legenda monetária) e as referências.

A escolha desses elementos e sua disposição no repertório segue a catalogação de Porto (2007), porque achou-se que esta metodologia de organização permitirá a compreensão das análises.

Não se mostrou relevante as informações referentes ao peso, diâmetro e eixo das moedas, uma vez que são dados que não contribuem em sua análise iconográfica e textual.

Pretende-se o entrecruzamento das informações contidas nas moedas, organizando-as em gráficos.

Fig. 42 – Judeia/Síria Palestina, Arábia Ocidental do século I ao III EC – em destaque as províncias Jerusalém/Aelia Capitolina e Cesareia.

Fonte: Mapa adaptado de Millar, 2001 apud Porto, 2007, cf. Bibliografia.

Faz-se necessário a visualização do mapeamento de sítios arqueológicos do período romano (Fig. 43) desenvolvido em Israel através do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial – LARP, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP (FLEMING; BASTOS; PORTO, 2017: 25-26), em colaboração com a Universidade de Tel Aviv para visualizações geo-temporais para análise das dinâmicas sociais, culturais e históricas complexas.

Fig. 43 – Mapa de sítios arqueológicos de período romano em Israel

Fonte: Fleming; Bastos; Porto (2017: 25)

Fig. 44 – Legenda do mapa de sítios arqueológicos de período romano em Israel

Fonte: Fleming; Bastos; Porto (2017: 26)

Fig. 1 – Moeda de Aelia Capitolina – Caracala, Tyche e templo tetrastilo

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Caracala.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 198-217 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Caracala, à direita.
Legendas de anverso: latim – *ANTONINVS PIV AVGVSTVS*
Reverso: templo tetrastilo com arcos centrais. Tyche em pé dentro do templo com cetro.
Legendas de reverso: *COL AEL COMM PIA FELIX*.
- 7) **Referências:** BMC, 66-70.

Fig. 2 – Moeda de Aelia Capitolina – Caracala e águia

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Caracala.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 215-217 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** prata (Tetradracma).
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado de Caracala, à direita.

Legendas de anverso: Grego – *ΑΥΤ ΚΑΙ ΑΝΤΩΝΙΝΟΣ*

Reverso: águia com cabeça virada à esquerda, sobre *thyrsos*, com grinalda no bico e ramo de videira entre os pés.

Legendas de reverso: grego – *ΑΗΜ ΑΡΧ ΒΙΤΑΤΟ CΤΑ*

- 7) **Referências:** Hendin, 815; Prieur, 1615/1616.

Fig. 3 – Moeda de Aelia Capitolina – Caracala, grinalda e águia

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Caracala.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 215-217 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** prata (Tetradrachma).
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Caracala, à direita.
Legendas de anverso: Grego – *ΑΥΤ ΚΑΙ ΑΝΤΩΝΙΝΟC C*
Reverso: águia com cabeça virada à esquerda, sobre *thyrsos*, com grinalda no bico e ramo de entre os pés.
Legendas de reverso: grego – *ΔΗΜ ΑΡΧ ΒΙΤΑΤΟ CΤΑ*
- 7) **Referências:** Prieur, 1617; Bellinger, 349.

Fig. 4 – Moeda de Aelia Capitolina – Caracala, grinalda e águia

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Caracala.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 215-217 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** prata (Tetradracma).
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Caracala, à direita.
Legendas de anverso: Grego – *ΑΥΤ ΚΑΙ ΑΝΤΩΝΙΝ ΟΥΚΕΒ*
Reverso: águia com cabeça virada à esquerda, sobre *thyrsos*, com grinalda no bico, cântaro entre os pés e folha de hera no exergo.
Legendas de reverso: grego – *ΔΗΜ ΑΡΧ ΒΙΤΑΤΟ CΤΑ*
- 7) **Referências:** Prieur, 1635.

Fig. 5 – Moeda de Aelia Capitolina – Geta e Dionísio

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Geta.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 215-217 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto drapeado e encouraçado de Geta, à esquerda.

Legendas de anverso: Latim – *P CEP GETA CAISAR*

Reverso: Dionísio drapeado à esquerda, segurando cântaro e *thyrsos*, com pantera no pé esquerdo.

Legendas de reverso: Latim – *COLONI AELIA CAPI COM P FEL*

- 7) **Referências:** BMC, 72-74; Meshorer, *Aelia*, 85; Sofaer, 86; Kadman, 94; Rosenberger, 52; Bernhart, 210.

Fig. 6 – Moeda de Aelia Capitolina – Geta, Dionísio e *thyrsos*

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Geta.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 209-211 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto drapeado e encouraçado de Geta, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *P SEP GETA CASAR*

Reverso: Dionísio drapeado à esquerda, segurando cântaro e *thyrsos*, com pantera no pé esquerdo.

Legendas de reverso: Latim – *COLONI AELIA CAP COM P FEL*

- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia*, 84.

Fig. 7 – Moeda de Aelia Capitolina – Macrino

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Macrino.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 217-218 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** prata (Tetradrachma).
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Macrino, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *AVT K MOPEL MAKRINOC C*
Reverso: águia com cabeça virada à esquerda, sobre *thyrsos*, com grinalda no bico, cântaro entre os pés.
Legendas de reverso: Latim – *DHMARX EZ VPATOC PP*
- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia*, 102.

Fig. 8 – Moeda de Aelia Capitolina – Diadumeniano

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Diadumeniano.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 217-218 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** prata (Tetradracma).
- 6) **Anverso:** busto drapeado e encouraçado de Diadumeniano, à direita.

Legendas de anverso: ilegível

Reverso: águia com cabeça virada à esquerda, sobre *thyrsos*, com grinalda no bico, cântaro entre os pés.

Legendas de reverso: Latim – *DHMARX EX UPATOC*

- 7) **Referências:** Prieur, 1645

Fig. 9 – Moeda de Aelia Capitolina – Heliogábalo

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Heliogábalo.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 218-222 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Heliogábalo, à direita.
Legendas de anverso: ilegível
Reverso: Quadriga com quatro cavalos de frente, com a solene pedra cônica de Heliogábalo.
Legendas de reverso: ilegível
- 7) **Referências:** Rosenberger, 77; BMC, *Palestina*, 85.

Fig. 10 – Moeda de Aelia Capitolina – Heliogábalo e Serapis

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Heliogábalo.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 218-222 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Heliogábalo, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C M A[VR ANTONINVS]*
Reverso: Cabeça de Serapis à direita, com *kalathos*.
Legendas de reverso: Latim – *COL A[EL CAP COMM]*
- 7) **Referências:** De Saulcy, *Terre Sainte*, 6.

Fig. 11 – Moeda de Aelia Capitolina – Heliogábalo e refundação da colônia

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Heliogábalo.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 218-222 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Heliogábalo, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP CMA ANTWNINOC*
Reverso: fundador da colônia arando com o auxílio de bois à esquerda, com *vexillum* em segundo plano.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL CAP; COMM PF* (exergo)
- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia*, 113a; Sofaer, 97.

Fig. 12 – Moeda de Aelia Capitolina – Heliogábalo e quadriga

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Heliogábalo.
- 2 **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 218-222 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Heliogábalo, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP CMA ANTWNINOC*
Reverso: Águia em pedra cônica solene de Heliogábalo, esboçada por uma quadriga com quatro cavalos.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL CAP; COMM PF* (exergo)
- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia*, 133a.

Fig. 13 – Moeda de Aelia Capitolina – Alexandre Severo

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Alexandre Severo.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 222-235 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Alexandre Severo, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *CM A SE ALEXANDV*
Reverso: Tyche assentada à esquerda, segurando patera na mão direita, cornucópia e cetro na mão esquerda; águia legionária sobre coluna em segundo plano.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL PAC* (P retrógrado).
- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia*, 149; BMC, 94.

Fig. 14 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Tyche

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *IMP G M ES Q TRA DECIVS AVG*

Reverso: Tyche, à esquerda, segurando um busto humano e um longo cetro; na frente dela, águia legionária, à direita, a frente de um *vexillum*; atrás dela, Vitória sobre uma coluna; aos pés de Tyche um vaso.

Legendas de reverso: Latim – *COLA EL KAPCOM PF*

- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia* 152

Fig. 15 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Herênio Etrusco

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Imperador Trajano Décio, togado, segurando cetro, de pé à direita. Herênio Etrusco togado, de pé à esquerda. Estão frente a frente, apertando as mãos.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*
- 7) **Referências:** Kadman, I 172, Meshorer, *Aelia*, 156

Fig. 16 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Concordia

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Concordia sentada à esquerda, segurando patera e cornucópia.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM P F*
- 7) **Referências:** Kadman, I 166, Meshorer, *Aelia*, 155

Fig. 17 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Grinalda.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COMM P F*
- 7) **Referências:** Kadman, I 173-4, Meshorer, *Aelia*, 157

Fig. 18 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Serapis

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Serapis sentado à esquerda, segurando cetro e estendendo braço sobre Cerberus.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*
- 7) **Referências:** Kadman, I 169-70, Meshorer, *Aelia* 154

Fig. 19 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio, Tyche e Vitória

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*

Reverso: Tyche, à esquerda, segurando um busto humano e um longo cetro; na frente dela, águia legionário, à direita, a frente de um *vexillum*; atrás dela, Vitória sobre uma coluna; aos pés de Tyche um vaso.

Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*

- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia* 153

Fig. 20 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Tyche (coroa de torres)

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C M Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: busto de Tyche, drapeado e coroado em forma de torre, à direita.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 167-8, Meshorer, *Aelia* 158

Fig. 21 – Moeda de Aelia Capitolina – Etruscilla e Concordia

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto drapeado e com diadema de Etruscilla, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *HERENNIA ETRVSCILLA AVG*
Reverso: Concordia sentada à esquerda, segurando patera e cornucópia.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM P F*
- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia* 162

Fig. 22 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio e Herênio Etrusco

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto drapeado e com diadema de Etruscilla, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *HERENNIA ETRVSCILLA AVG*

Reverso: Imperador Trajano Décio, togado, segurando cetro, de pé à direita. Herênio Etrusco togado, de pé à esquerda. Estão frente a frente, apertando as mãos.

Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*

- 7) **Referências:** Kadman I 179, Meshorer, *Aelia* 163

Fig. 23 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio, Serapis e Cerberus

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto drapeado e com diadema de Etruscilla, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *HERENNIA ETRVSCILLA AVG*

Reverso: Serapis sentado à esquerda, segurando cetro e estendendo braço sobre Cerberus.

Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*

- 7) **Referências:** Kadman I 178, Meshorer, *Aelia* 161

Fig. 24 – Moeda de Aelia Capitolina – Trajano Décio, águia legionária e Vitória

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto drapeado e com diadema de Etruscilla, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *HERENNIA ETRVSCILLA AVG*

Reverso: Tyche, à esquerda, segurando um busto humano e um longo cetro; na frente dela, águia legionária, à direita, a frente de um *vexillum*; atrás dela, Vitória sobre uma coluna; aos pés de Tyche um vaso.

Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*

- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia* 159

Fig. 25 – Moeda de Aelia Capitolina – Etruscilla e coroa de flores

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto drapeado e com diadema de Etruscilla, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *HERENNIA ETRVSCILLA AVG*
Reverso: Grinalda.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COMM P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 180, Meshorer, *Aelia* 164

Fig. 26 – Moeda de Aelia Capitolina – Etruscilla e Tyche

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto drapeado e com diadema de Etruscilla, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *HERENNIA ETRVSCILLA AVG*

Reverso: busto de Tyche, drapeado e coroado em forma de torre, à direita.

Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM P F*

- 7) **Referências:** Kadman I 175-6, Meshorer, *Aelia* 165

Fig. 27 – Moeda de Aelia Capitolina – Hêrenio Etrusco, loba e gêmeos

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco (Cesar 250-251 EC, Augusto 251 EC)
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 250-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto drapeado e radiado de Herênio Etrusco, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *Q HER ETR MES DECIO CAES*
Reverso: loba em pé à direita, com a cabeça voltada à esquerda, alimentando gêmeos; acima, águia legionária.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*
- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia* 168; Rosenberger; SNG; ANS; Hendin.

Fig. 28 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco e Tyche

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco (Cesar 250-251 EC, Augusto 251 EC).
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 250-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Herênio Etrusco, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *Q HER ETR MES DECIO CAES*

Reverso: Tyche, à esquerda, segurando um busto humano e um longo cetro; na frente dela, águia legionária, à direita, a frente de um *vexillum*; atrás dela, Vitória sobre uma coluna; aos pés de Tyche um vaso.

Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*

- 7) **Referências:** Kadman I 182, Meshorer, *Aelia* 166

Fig. 29– Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco, javali e águia legionária

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Herênio Etrusco, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C M Q DECIVS ETRVSCVS AVG*
Reverso: javali à direita; sob suas costas, águia legionária da X Legião *Fretensis*; *vexillum* ao fundo inscrito LXF (Legio X *Fretensis*), encimado por uma estrela;
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM P F*
- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia* 169

Fig. 30 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco e Tyche

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 250-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** Busto radiado e drapeado de Herênio Etrusco, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C M Q DECIVS ETRVSCVS AVG*
Reverso: busto de Tyche, drapeado e coroado em forma de torre, à direita.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL CAP COM P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 181, 195, Meshorer, *Aelia*, 172

Fig. 31 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco, águia legionária e *vexillum*

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Herênio Etrusco, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C M Q DECIVS ETRVSCVS AVG*
Reverso: águia legionária, à direita; acima *vexillum* com inscrição L X F, sob três barras.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 187, Meshorer, *Aelia*, 170

Fig. 32 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco e Júpiter

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Herênio Etrusco, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C M Q DECIVS ETRVSCVS AVG*
Reverso: Júpiter de pé, à direita, segurando cetro e pequeno busto humano.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 184, Meshorer, *Aelia*, 171

Fig. 33 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco, loba, gêmeos e águia legionária

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco (Cesar 250-251 EC, Augusto 251 EC)
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 250-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Herênio Etrusco, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C M Q DECIVS ETRVSCVS AVG*
Reverso: loba em pé à direita, com a cabeça voltada à esquerda, alimentando gêmeos; acima águia legionária.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 185, Meshorer, *Aelia*, 168a.

Fig. 34 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano e Tyche

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Hostiliano.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *C M Q DECIVS ETRVSCVS AVG*

Reverso: Tyche, à esquerda, segurando um busto humano e um longo cetro; na frente dela, águia legionária, à direita, a frente de um *vexillum*; atrás dela, Vitória sobre uma coluna; aos pés de Tyche um vaso.

Legendas de reverso: Latim – *COL AEL CAP COM P F*

- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia* 179.

Fig. 35 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano e Baco

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Hostiliano.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C VAL OST MES QVINTVS CAE*
Reverso: Baco de pé, à esquerda, segurando cântaro sobre patera e *thyrsos*.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM P F*
- 7) **Referências:** Meshorer, *Aelia*, 183.

Fig. 36 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano, sacerdote e bois

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Hostiliano.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C VAL OST MES QVINTVS CAE*
Reverso: sacerdote arando a terra com dois bois, à direita.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COMM P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 194, Meshorer, *Aelia* 178.

Fig. 37 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano e Salus

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Hostiliano.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C VAL OST MES QVINTVS CAE*
Reverso: Salus assentada à esquerda, alimentando uma serpente com uma patera.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 199, Meshorer, *Aelia*, 184.

Fig. 38 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano, loba e gêmeos

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Hostiliano.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C VAL OST MES QVINTVS CAE*
Reverso: loba em pé à direita, com a cabeça voltada à esquerda, alimentando gêmeos.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COMM P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 200, Meshorer, *Aelia*, 180.

Fig. 39 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano, águia legionária, loba e gêmeos

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Hostiliano.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C VAL OST MES QVINTVS CAE*
Reverso: loba em pé à direita, com a cabeça voltada à esquerda, alimentando gêmeos; acima, águia legionária.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 202, Meshorer, *Aelia*, 181.

Fig. 40 – Moeda de Aelia Capitolina – Hostiliano, loba, gêmeos e vexilla

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Hostiliano.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *C VAL OST MES QVINTVS CAE*

Reverso: loba em pé à direita, com cabeça à esquerda, alimentando gêmeos; em segundo plano águia legionária; dois *vexilla* atrás.

Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*

- 7) **Referências:** Kadman I 202, Meshorer, *Aelia*, 182.

Fig. 41 – Moeda de Aelia Capitolina – Hêrenio Etrusco, Hostiliano e Salus

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco e Hostiliano (Césares)
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 250-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** bustos conjugados, radiados, drapeados e encouraçados de Herênio Etrusco e Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *AETRVSCVS ET QVINTVS CAESS*
Reverso: Salus assentada à esquerda, alimentando uma serpente com uma patera.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 191, Meshorer, *Aelia* 175.

Fig. 42 – Moeda de Aelia Capitolina – Hêrenio Etrusco, Hostiliano e Tyche

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco e Hostiliano (Césares)
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 250-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** bustos conjugados, radiados, drapeados e encouraçados de Herênio Etrusco e Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *AETRVSCVS ET QVINTVS CAESS*
Reverso: busto de Tyche, drapeado e coroado em forma de torre, à direita.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 188, Meshorer, *Aelia*, 176.

Fig. 43 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco, Hostilino e águia legionária

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco e Hostiliano (Césares)
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 250-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** bustos conjugados, radiados, drapeados e encouraçados de Herênio Etrusco e Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *AETRVSCVS ET QVINTVS CAESS*
Reverso: Tyche, à esquerda, segurando um busto humano e um longo cetro; na frente dela, águia legionária, à direita, a frente de um *vexillum*; atrás dela, Vitória sobre uma coluna; aos pés de Tyche um vaso.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM(M) P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 189, Meshorer, *Aelia* 173.

Fig. 44 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco e Hostiliano

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco e Hostiliano (Césares)
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 250-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** bustos conjugados, radiados, drapeados e encouraçados de Herênio Etrusco e Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *AETRVSCVS ET QVINTVS CAESS*
Reverso: busto radiado, drapeado e encouraçado de Herênio Etrusco, à direita, em frente ao busto radiado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à esquerda.
Legendas de reverso: Latim – *AETRVSCVS ET QVINTVS CAESS, COL AEL*
- 7) **Referências:** Kadman I 192, Meshorer, *Aelia* 177.

Fig. 45 – Moeda de Aelia Capitolina – Herênio Etrusco, Hostiliano e Júpiter

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco e Hostiliano (Césares)
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 250-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Aelia Capitolina, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** bustos conjugados, radiados, drapeados e encouraçados de Herênio Etrusco e Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *AETRVSCVS ET QVINTVS CAESS*
Reverso: Júpiter de pé, à direita, segurando cetro e busto humano; À esquerda, *thyrsos* filetado.
Legendas de reverso: Latim – *COL AEL KAP COM P F*
- 7) **Referências:** Kadman I 190, Meshorer, *Aelia*, 174.

Moedas de Cesareia – Século III EC

Fig. 01 – Moeda de Cesareia – Caracala e águia

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Caracala.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 215-217 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** prata (Tetradracma).
- 6) **Anverso:** busto laureado de Caracala, à direita.

Legendas de anverso: Grego – *ΑΥΤ ΚΑΙ ΑΝΤΩΝΙΝΟΣ* C

Reverso: águia com cabeça virada à esquerda, sobre tocha com serpente entrelaçada, com grinalda no bico.

Legendas de reverso: grego – *ΑΗΜΑΡΧ ΕΞ ΥΠΑΤΟΤΟ Δ*

- 7) **Referências:** Prieur, 1661; Bellinger, 363.

Fig. 02 – Moeda de Cesareia – Caracala, águia e grinalda

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Caracala.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 215-217 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** prata (Tetradracma).
- 6) **Anverso:** busto laureado de Caracala, à direita.

Legendas de anverso: Grego – *ΑΥΤ ΚΑΙ ΑΝΤΩΝΙΝΟΣ* C

Reverso: águia com cabeça virada à esquerda, sobre tocha com serpente entrelaçada, com grinalda no bico.

Legendas de reverso: grego – *ΔΗΜΑΡΧΕΥΣ ΤΗΣ ΠΟΛΕΩΣ*

- 7) **Referências:** Bellinger, 367; SGI, 2682.

Fig. 03 – Moeda de Cesareia – Macrino, águia e sigla SPQR

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Macrino.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 217-218 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado, encouraçado e com barba longa de Macrino, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *[IM]P CAE MACRIN[VS AVG]*

Reverso: águia frontal de pé com cabeça à esquerda, com asas abertas apoiando círculo liso com a inscrição S P Q R.

Legendas de reverso: Latim – *COL P FLAV C CAESA*

- 7) **Referências:** Rosenberger, 65; Kadman, 77; Cohen, 189.

Fig. 04 – Moeda de Cesareia – Macrino, águia e grinalda

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Macrino.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 217-218 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** prata (Tetradracma).
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado, encouraçado de Macrino, à direita.

Legendas de anverso: Grego – *ΑΥΤ ΚΑΙ Μ ΟΥΙ ΚΕ ΜΑΚΡΙΝΟC*

Reverso: águia com cabeça virada à esquerda, sobre tocha com serpente entrelaçada, com grinalda no bico.

Legendas de reverso: Grego – *ΑΗΜΑΡΧ ΕΞ ΥΠΙΑΤΟC ΙΙΙΙ*

- 7) **Referências:** Prieur, 1674.

Fig. 05 – Moeda de Cesareia – Diadumeniano, águia e grinalda

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Diadumeniano.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 217-218 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** prata (Tetradracma).
- 6) **Anverso:** busto drapeado, encouraçado de Diadumeniano, à direita.

Legendas de anverso: Grego – *Μ ΟΙΙ ΑΝΤΩΝΙΝΟC ΚΑΙ*

Reverso: águia com cabeça virada à esquerda, sobre tocha com serpente entrelaçada, com grinalda no bico e cabeça de touro entre as pernas.

Legendas de reverso: Grego – *ΔΗΜΑΡΧΕΣ ΟΥΚΙΑC*

- 7) **Referências:** Prieur, 1679; Bellinger, 373.

Fig. 06 – Moeda de Cesareia – Diadumeniano, águia e grinalda

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Diadumeniano.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 217-218 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** prata (Tetradracma).
- 6) **Anverso:** busto drapeado, encouraçado de Diadumeniano, à direita.

Legendas de anverso: Grego – *Η ΟΙΙ ΑΝΤΩΝΙΝΟ ΚΑ*

Reverso: águia com cabeça virada à esquerda, sobre tocha com serpente entrelaçada, com grinalda no bico e cabeça de touro entre as pernas.

Legendas de reverso: Grego – *ΔΗΜΑΡΧΟΣ ΟΥΚΙΑΣ*

- 7) **Referências:** Prieur, 1680.

Fig. 07 – Moeda de Cesareia – Alexandre Severo, águia e sigla SPQR

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Alexandre Severo (Cesar 221-222 EC, Augusto 222-235 EC).
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 222-235 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado de Alexandre Severo, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IM C SEVER ALEXANDER*
Reverso: S (retrógrado) P Q R na coroa, águia estilizada abaixo.
Legendas de reverso: Latim – *C I F AV F C CAE METROP*
- 7) **Referências:** Kadman, 100; Rosenberger, 99.

Fig. 08 – Moeda de Cesareia – Alexandre Severo e águia

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Alexandre Severo (Cesar 221-222 EC, Augusto 222-235 EC).
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 222-235 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado de Alexandre Severo, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C SEV ALEXANDER*
Reverso: Águia estilizada frontal de pé, cabeça à esquerda, asas abertas emoldurando inscrição SPQR dentro da grinalda.
Legendas de reverso: Latim – *C I F A F C CAE METROPOLI*
- 7) **Referências:** Saulcy 1g; SNG ANS 812.

Fig. 09 – Moeda de Cesareia – Alexandre Severo e inscrição SPQR

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Alexandre Severo (Cesar 221-222 EC, Augusto 222-235 EC).
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 222-235 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado de Alexandre Severo, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IM C SEVER ALEXANDER*
Reverso: Águia com a grinalda prendida nas asas, emoldurando inscrição SPQR.
Legendas de reverso: Latim – *C I F AV F C CAE METROP*
- 7) **Referências:** SGI 3374

Fig. 10 – Moeda de Cesareia – Alexandre Severo laureado e águia

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Alexandre Severo (Cesar 221-222 EC, Augusto 222-235 EC).
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 222-235 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado de Alexandre Severo, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IM C SEVER ALEXANDER*
Reverso: Águia com grinalda na parte traseira, emoldurando inscrição SPQR.
Legendas de reverso: Latim – *C I F AV F C CAE METROP*
- 7) **Referências:** Rosenberger 87

Fig. 11 – Moeda de Cesareia – Felipe I sobre pantera

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Felipe I
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 244-249 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado, encouraçado de Felipe I, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C M IVL PHILIPPVS AVG*
Reverso: Dionísio reclinado à esquerda sobre uma pantera caminhando para a direita.
Legendas de reverso: Latim – *COL PRI F AVG CAESAR METR*
- 7) **Referências:** BMC, 138-139; Kadman, 113.

Fig. 12 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Tyche

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MESS Q TRA DE[]*

Reverso: Tyche de pé à esquerda, parazonio na cintura, pé sobre objeto incerto (proa ou rocha?), Segurando busto humano e cetro longo; em seu pé direito, deus Rio nadando.

Legendas de reverso: Latim – *H[]N ETRVSCILLA A[]* mas é provavelmente que tenha ocorrido a recunhagem em uma moeda de Etruscilla

- 7) **Referências:** Kadman II 125

Fig. 13 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e altar

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA(I) DECIVS (P F) AVG*
Reverso: Altar com bordas; atrás dele, duas árvores – uma palmeira à esquerda e uma oliveira à direita.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES MET(R) (P) (S) P*
- 7) **Referências:** BMC 158-61, Kadman II 154-5

Fig. 14 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, Tyche e deus Rio

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MESS Q TRA DE[]*

Reverso: Tyche de pé à esquerda, parazonio na cintura, pé sobre objeto incerto (proa ou rocha?), Segurando busto humano e cetro longo; em seu pé direito, deus Rio nadando.

Legendas de reverso: Latim – *H[]N ETRVSCILLA A[]* mas é provavelmente que tenha ocorrido a recunhagem em uma moeda de Etruscilla

- 7) **Referências:** Kadman II 125

Fig. 15 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio a cavalo

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MESS Q TRAI DECIVS P F AVG*
Reverso: Trajano Décio radiado, montando cavalo a galope, à direita, segurando lança na transversal.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES METR P S P*
- 7) **Referências:** Kadman II 149

Fig. 16 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, Tyche, altar e bois

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MESS Q TRAI[] AVG*

Reverso: Tyche de pé à esquerda, segurando um busto humano e longo cetro; a seguir, de cada lado, duas figuras (Tyche?) que estão enfrentando umas as outras; Entre elas, dois bois e um altar.

Legendas de reverso: Latim – *COL P F AVG [F C CAES METROP]*

- 7) **Referências:** Kadman II 124

Fig. 17 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Baco

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C M(E)S Q TRAIANVS DECIVS AVG*
Reverso: Baco de pé à esquerda, segurando *thyrsos* e usando cântaro.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES [METR(O) P (S P)]*
- 7) **Referências:** Kadman II 138

Fig. 18 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, Javali e *Vexillum*

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP [C C M(E)S Q TRA] DECIVS AVG*
Reverso: javali à direita; sob suas costas, águia legionária; *vexillum* ao fundo (inscrito?).
Legendas de reverso: Latim – *C(O)L P(R) F(L) AVG F C CAES MET(R) (S) P*
- 7) **Referências:** Kadman II 186; Rosenberger II, 153

Fig. 19 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Ceres

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Ceres, vestindo *Kalathos*, de pé à direita, segurando as espiga de milho e cetro entrelaçado por serpente; à direita, uma cista; no campo, direita e estrela crescente.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES METR(O) P (S P)*
- 7) **Referências:** Kadman II 143

Fig. 20 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, Ceres e cista

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.

Variação do tipoprincipal: não há.

Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*

Reverso: Ceres, vestindo *Kalathos*, de pé à direita, segurando as espiga de milho e cetro entrelaçado por serpente; à direita, uma cista.

Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES METR(O) P (S P)*

- 7) **Referências:** Rosenberger II, p. 78

Fig. 21 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, cavalgando sob um inimigo

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MESS Q TRA DE[]*
Reverso: Trajano Décio, montando cavalo a galope, à direita, segurando lança transversal; abaixo, à direita, pequena figura do inimigo.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES MET (PR) (S) (P)*
- 7) **Referências:** SNG 831; Kadman II 181

Fig. 22 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Vitória

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA(I) DECIVS AVG*

Reverso: Vitória de pé à esquerda, segurando grinalda, de frente para Décio, que está estendendo a mão direita, e segurando a lança com a mão direita.

Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES METR(O)(P), P S P*

- 7) **Referências:** BMC 153-5; Kadman II 148

Fig. 23 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, águia legionária e *vexillum*

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Águia legionária, à direita; acima *vexillum* (inscrito?); estandartes de cada lado da águia.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES, METR (P)*
- 7) **Referências:** Kadman II 158, pl. XIII, Sofaer 129

Fig. 24 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e águias adossadas

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: duas águias legionárias adossadas, cabeças revertidas e cada uma segurando grinalda no bico; entre elas, *vexillum* (inscrito?)
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES MET(R) (S) (P)*
- 7) **Referências:** BMC 162-3; Kadman II 157; SNG 828; CNG EA 185; Sofaer 128.

Fig. 25 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e galé

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C M[S?] Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Galé com quatro remos e dois *vexilla*, à esquerda.
Legendas de reverso: Latim – *COL P(R) F(L) AVG (C) CAES MET S P, (P)ORTVS A(V)GVSTI*
- 7) **Referências:** Kadman II 152; Rosenberger II, 128; Meshorer, *Eretz-Israel*, 33

Fig. 26 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Júpiter

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Júpiter sentado à esquerda, segurando raio e cetro; aos seus pés, águia.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES ME[TR P]*
- 7) **Referências:** BMC 144; Kadman II 132; Rosenberger II, 118.

Fig. 27 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Marte

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Marte de pé, à direita, segurando lança e escudo.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES METR P*
- 7) **Referências:** BMC 149; Kadman II 137

Fig. 28 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Netuno

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Netuno nu, de pé, à esquerda, segurando golfinho e tridente, pé direito sobre rocha.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES MET(RO) (P) (S P)*
- 7) **Referências:** BMC 145-6; Kadman II 135-6; CNG MBS 69

Fig. 29 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Roma

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRAIANVS DECIVS AVG*
Reverso: Roma sentada à esquerda, sobre escudo, segurando Vitória e lança.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES METRO*
- 7) **Referências:** BMC 147; Kadman II 145

Fig. 30 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio e Salus

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Salus sentada à esquerda, sobre rocha, alimentando serpente na frente dela com patera.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES METR(O) P (S P)*
- 7) **Referências:** Kadman II 142; CNG EA 208

Fig. 31 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, águia e Tyche

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *[IMP C C MES Q TR]AIVS (sic) [DECIVS A(VG)]*
Reverso: águia frontal de pé, cabeça à direita, com asas abertas apoiando círculo liso que envolve busto drapeado e coroado com torre de Tyche, à esquerda.
Legendas de reverso: Latim – *COL P(R) F AVG F C CAES MET(R) (P) (S) (P)*
- 7) **Referências:** Sofaer 164

Fig. 32 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, águia e Tyche coroada com torre

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C MES Q TR(A)(IAN)(VS) DECIVS A(VG)*
Reverso: águia frontal de pé, cabeça à direita, com asas abertas apoiando círculo liso que envolve busto drapeado e coroado com torre de Tyche, à esquerda.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES MET(R) (P S P)*
- 7) **Referências:** Kadman II 129-30; SNG 822

Fig. 33 – Moeda de Cesareia – Trajano Décio, Tyche e busto humano

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP C C M(E)S Q TRA DECIVS AVG*
Reverso: Tyche de pé à esquerda, parazonio na cintura, pé sobre objeto incerto (proa ou rocha?), segurando busto humano e cetro longo; a seus pés, à direita, deus Rio nadando.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES MET(R)(O) (P) (S P)*
- 7) **Referências:** BMC 150-1; Kadman II 123

Fig. 34 – Moeda de Cesareia – Herênia Etruscilla e Roma

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Trajano Décio.
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 250 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto drapeado e diademado de Herênia Etruscilla, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *ERENNIA ETRVSCILLA AVG*
Reverso: Roma sentada à esquerda, sobre escudo, segurando Vitória na mão direita e lança na mão esquerda.
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES MET(R) (S) P*
- 7) **Referências:** BMC 169, Kadman II 169

Fig. 35 – Moeda de Cesareia – Herênio Etrusco, Javali e *Vexillum*

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Herênio Etrusco (como César).
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Herênio Etrusco, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *C MES Q EREN ETRVSCO DECIO CAES*
Reverso: javali à direita; sob suas costas, águia legionária; *vexillum* ao fundo (inscrito?).
Legendas de reverso: Latim – *COL PR F AVG F C CAES MET R P*
- 7) **Referências:** BMC 182; Kadman II 183

Fig. 36 – Moeda de Cesareia – Hostiliano e Tyche

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Hostiliano (César)
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *HOSTILIANO QVINTO C*
Reverso: busto de Tyche, drapeado e coroado em forma de torre, à direita.
Legendas de reverso: Latim – *COL PF AV FC CAES METROP*
- 7) **Referências:** BMC 191-192; SNG ANS 844.

Fig. 37 – Moeda de Cesareia – Hostiliano e Tyche coroada com torres

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Hostiliano (César)
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *HOSTILIANO QVINTO C*
Reverso: busto de Tyche, drapeado e coroado em forma de torre, à esquerda.
Legendas de reverso: Latim – *COL PF AV FC CAES METROP*
- 7) **Referências:** Kadman 76; BMC 197.

Fig. 38 – Moeda de Cesareia – Hostiliano e Tyche coroada

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Hostiliano (César)
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 249-251 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *HOSTILIANO QVINTO C*
Reverso: busto de Tyche, drapeado e coroado em forma de torre, à direita.
Legendas de reverso: Latim – *COL PF AV FC CAES METROP*
- 7) **Referências:** Kadman 76; BMC 197.

Fig. 39 – Moeda de Cesareia – Volusiano e pantera

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Volusiano
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251-253 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado, encouraçado de Volusiano, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP CC VOLVSSIANVS PF AVG*
Reverso: Dionísio reclinado à esquerda sobre uma pantera caminhando para a direita.
Legendas de reverso: Latim – *COL PF AVG FC CAES MET PR SPAL* (exergo)
- 7) **Referências:** SNG ANS 856; Sofaer 173; Rosenberger 185.

Fig. 40 – Moeda de Cesareia – Treboniano Gallo e Tyche

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Treboniano Gallo
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251-253 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado, encouraçado de Treboniano Gallo, à direita.

Legendas de anverso: Latim – *IMP CG VIB GALLVS PF AVG*

Reverso: Tyche à esquerda, vestindo túnica e manto, com *parazônio* na cintura, com o pé direito sobre uma proa, segurando um busto humano na mão direita e um cetro na mão esquerda. Figura do deus Rio atrás dela, segurando uma âncora.

Legendas de reverso: Latim – *COL PF AVG FC CAES METR PS PAL*

- 7) **Referências:** BMC 204-206.

Fig. 41 – Moeda de Cesareia – Treboniano Gallo e Dionísio

- 1) **Autoridade Emissora:** Magistrados sob Treboniano Gallo
- 2) **Característica de emissão/distinção de status:** moeda local
- 3) **Datação:** 251-253 EC
- 4) **Local da emissão:** Cesareia, Palestina.
- 5) **Metal:** bronze.
- 6) **Anverso:** busto laureado, drapeado, encouraçado de Treboniano Gallo, à direita.
Legendas de anverso: Latim – *IMP CG VIB GALLVS PF AVG*
Reverso: Dionísio de pé à esquerda, segurando cântaro e *thyrsos*; pantera no seu pé esquerdo.
Legendas de reverso: Latim – *COL PF AVG C CAES MET PRS PAT*
- 7) **Referências:** Kadman, Cesareia, 210; Rosenberger 174.

4.1 Análise e discussão da iconografia monetária

O presente estudo referente às análises das iconografias monetárias foi direcionado pelas epistemologias desenvolvidas por Anderson (1985: 446-469); Applebaum, (1976: 631-700), Casey (1998: 53-61), Gitler (1980: 271-282) e Porto (2007, 2009, 2012, 2013, 2017), para a compreensão da área de produção e circulação das moedas cunhadas nas províncias – Jerusalém/Aelia Capitolina e Cesareia, uma vez que suas emissões eram bastante restritas, e limitavam-se a circulação nos mercados locais. Assim, as informações sobre a circulação monetária das moedas das duas cidades emissoras da região – presentes ao longo do trabalho –, ofereceram os subsídios necessários para o entendimento do impacto da presença romana na Palestina por meio da análise da iconográfica monetária.

Ressaltam-se as obras de Meshorer, a *Sylloge Nummorum Graecorum: The Collection of the American Numismatic Society* (MESHORER, 1981); *Catalogue of coins of the Roman Empire in the British Museum* (MATTINGLY, 1930). O catálogo numismático organizado por D. C. Baramki – *The coin collection of the American University of Beirut Museum*, 1974; *Guide to Biblical Coins* de David Hendin (2001); o catálogo de David Sear – *Greek Imperial Coins – and their values*; e por fim, as obras de Mayer Rosenberger, *City coins of Palestine*. (The Rosenberger Israel Collection) em três volumes (1972, 1975, 1977), Oren Tal, *Greek Coinages of Palestine*, e Gitler e Oren Tal, *The Coinage of Philistia of the Fifth and Fourth Centuries BC: A Study of the Earliest Coins of Palestine* (2006), as quais contribuíram na montagem do repertório numismático da Palestina romana no século III EC.

Pouquíssimos autores discutem os aspectos iconográficos da moeda, porém, destacam-se os trabalhos desenvolvidos no Brasil pela Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano e a tese de Doutorado da Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari, assim como, os estudos desenvolvidos por Leon Lacroix (1974), Caccamo Caltabiano (1998) e Christine Pérez (1986). Nenhum desses autores citados anteriormente estudam as moedas da região da Palestina romana, mas desenvolveram estratégias de análises que podem ser adaptadas aos estudos iconográficos dos tipos monetários das duas províncias cunhadoras de moedas da Palestina romana no século III EC (Aelia Capitolina e Cesareia).

Segundo Kippenberg (1988: 114) “o rei em sua pessoa é a continuação do seu reino e o salvador de seus súditos”.

Nesse sentido, essa pesquisa baseia-se nas informações contidas em catálogos numismáticos, com ênfase ao reconhecimento das imagens relacionadas às estruturas de poder presentes nas moedas de Aelia Capitolina e Cesareia, para compreensão do impacto da presença romana na Palestina, para o reconhecimento das negociações e interação das populações locais com o Império Romano e os aspectos de resistência dessas comunidades que habitavam a Palestina frente à dominação romana.

Observou-se na metodologia empreendida por Léon Lacroix, que o autor parte do princípio de que é necessário considerar uma gama enorme de possibilidades adaptando os métodos arqueológicos à análise numismática. Este autor trabalha respeitando a análise de cada tipo monetário relacionando-os com a evidência arqueológica à qual está associado; aprofundando nos conhecimentos relativos à tradição lendária ou religiosa pertinente àquele tipo monetário, relacionado às fontes escritas e epigráficas.

Outro método importante considerado nessa pesquisa é o desenvolvido por Maria Caccamo Caltabiano (1998). Essa autora sugere que os tipos monetários “*são expressos através de códigos iconográficos de antiga formação e consolidados no tempo, relativamente simples, mas cuja compreensão nem sempre é imediata se as regras não são conhecidas*” (CACCAMO CALTABIANO, 1998: 57 apud FLORENZANO, 1999: 39). A autora associa cada símbolo (imagem e letra/legenda) enquanto substantivos e adjetivos, desse modo, ela preconiza a associação completa de cada traço iconográfico de uma cunhagem, inclusive entre anverso e reverso. Assim, essa forma de análise iconográfica da moeda entende que todos os símbolos e elementos cunhados nas moedas são interdependentes.

Kormikiari dá o exemplo dos pequenos símbolos (religiosos, abstratos, letras púnicas) na cunhagem púnica que são conhecidos como contramarcas. Ou seja, “*representavam o valor da denominação, ou a oficina onde a série foi batida, ou o nome abreviado do oficial responsável*” (KORMIKIARI, 2000: 228). O mesmo fenômeno pode ser observado nas moedas da Palestina romana, uma vez que, tem-se uma infinidade de exemplos em que são representadas essas marcas de emissão, seja nas produções Selêucidas, Hasmonéias ou sob dominação romana.

Os conceitos trabalhados por Christine Pérez em seu trabalho *Monnaie du pouvoir - Pouvoir de la monnaie*, possibilitam as observações referentes a importância da visão de conjunto da descrição das palavras, dos signos e símbolos da análise do documento monetário, a criação de um vocabulário iconográfico, a distribuição

cronológica do *corpus* numismático, sobre a moeda como suporte do discurso figurativo e sobre as imagens monetárias e as práticas semiológicas.

Por fim, é importante considerar as questões pertinentes às emissões provinciais romanas, às emissões locais e à circulação das respectivas moedas nas províncias Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC.

Segundo Porto (2007), os romanos usavam símbolos, inscrições e desenhos sobre as moedas para promover ideias políticas, eventos sociais e religiosos, mensagens militares ou econômicas. Assim, pode-se concluir que no século III EC, as moedas tornaram-se uma importante fonte de disseminação e legitimação política do império. Para os numismatas e arqueólogos, estas moedas – em associação com as fontes textuais – são uma incomparável fonte de informações, fornecendo material para a reconstrução da história da cidade que as produziu, assim como também pode auxiliar no melhor conhecimento das características dos habitantes, de sua religião e de sua economia (MESHORER, 1985: 6-7; PEREZ, 1986: 40-47).

Nas moedas cívicas das províncias da Palestina romana, produzidas com permissão das autoridades romanas ou do imperador durante o período em estudo, o anverso normalmente apresenta a cabeça do imperador, enquanto que no reverso aparecem desenhos refletindo, em alguns exemplos, aspectos religiosos da vida da cidade, assim como templos, construções ou objetos de cultos de divindades. Outras moedas apresentam desenhos simbolizando os aspectos econômicos, como por exemplo, galés e outros símbolos marítimos sobre as moedas de Cesareia, que era uma cidade portuária (MESHORER, 1985: 7).

Algumas cidades enfatizam nas inscrições de suas moedas, privilégios especiais concedidos para o seu povo, ou a alta colocação alcançada por sua cidade. Esses símbolos e inscrições tornam possível a reconstituição da história não escrita dessas cidades e a confirmação dos acontecimentos citados pelas fontes textuais.

Far-se-á a seguir a análise da iconografia monetária, por meio da observação e estudo dos tipos monetários de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC, para a identificação das estruturas de poder relacionadas à legitimação da dominação romana em relação as populações locais.

4.1.1 Análise iconográfica das moedas de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC

As publicações científicas possibilitaram a organização e catalogação de quarenta e cinco (45) moedas cunhadas em Aelia Capitolina e quarenta e uma (41) moedas batidas em Cesareia no século III EC, as quais em termos numéricos, observa-se que não apresentaram grande distorção quantitativa entre elas em relação à emissão local.

Segundo Porto (2007: 100), províncias romanas como Jerusalém/Aelia Capitolina tiveram o privilégio de emitir moedas com certa regularidade, e dessa forma, a manutenção da produção monetária encontrava-se menos interrompida do que ocorrera em outras cidades.

Nessa mesma proporção, as cunhagens realizadas em Cesareia, também, atingiram uma quantidade relativamente alta de emissões na Palestina romana.

Desde sua fundação por Herodes, Cesareia destacou-se politicamente e estrategicamente nas relações e negociações do Império Romano com as elites da região.

Essa posição privilegiada de Cesareia entre as províncias orientais romanas, deve-se principalmente porque ela colaborou com os romanos durante as revoltas judaicas contra Roma.

Segundo Porto (2007: 100) a *“importância política da cidade [de Cesareia], o fato de ser portuária e de ter sua fundação com Herodes no final do século I a.C., certamente mostram porque Cesaréia Marítima obteve o direito de emitir grande quantidade de moedas”*.

Para a visualização e compreensão da análise iconográfica das emissões monetárias de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC, construiu-se gráficos com a utilização do software da Microsoft Office – Excel, para apreciação de forma descomplicada e didática, dos dados quantitativos dessa pesquisa arqueológica.

Os gráficos referentes à recorrência das unidades imagéticas das moedas de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC, apresentam as autoridades emissoras em ordem cronológica. Assim como, relacionam os elementos participantes da disposição gráfica das moedas na relação existente entre anverso e reverso.

Os dados quantitativos relacionam-se ainda, a presença de divindades e seus atributos, símbolos representantes da cultura local, língua das legendas e material utilizado.

4.1.1.1 Iconografia de Aelia Capitolina

As emissões monetárias dos magistrados romanos na província de Aelia Capitolina no século III EC, apresentam uma diversidade iconográfica, observada no reverso das moedas (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Iconografia de reverso – Aelia Capitolina séc. III EC

A recorrência das escolhas imagéticas das quarenta e cinco (45) moedas cunhadas em Aelia capitolina foi numericamente: Águia (20), Baco (1), bois (2), busto humano (8), cântaro (4), cavalos (2), *Cerberus* (3), cetro (7), coluna (7), Concordia (2), cornucópia (3), coroa de flores (2), coroa de torre (3), Dionísio (2), folha de hera (1), gêmeos (5), grinalda (4), javali (1), Júpiter (2), *kalathos* (1), loba (5), pantera (2), patera (6), pedra cônica (2), quadriga (2), ramo de videira (2), sacerdote (1), Salus (2), Serapis (3), serpente (2), templo tetrastilo (1), *thyrsos* (9), Tyche (13), vaso (6), *vexillum* (8) e Vitória (6).

Observa-se na escolha iconográfica elementos relacionados à presença da X Legião *Fretensis* na região de forma direta: o estandarte (*vexillum*: figuras de Aelia

Capitolina números: 14, 19, 24, 28, 29, 31, 34, 42), a águia legionária (figuras. 2, 3, 4, 7, 8, 12, 13, 14, 19, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 42) e o javali (figura 29).

As divindades representadas nas moedas foram Cerberus, Baco, Dionísio, Concordia, Serapis, Jupiter, Tyche, Salus e Vitoria. Dessas divindades, a de maior recorrência é da deusa Tyche, que é representada em 30% das moedas estudadas, assim como, o imperador com o maior número de emissões, e assim, o mais representado nas moedas foi Trajano Décio (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Representação dos imperadores romanos no anverso das moedas

Observa-se no Gráfico 3, que os imperadores romanos eram representados laureados, diademados, conjugados, radiados, encouraçados e/ou drapeados, mas a maior recorrência iconográfica é percebida na representação do imperador em vestes drapeadas, totalizando 35% do conjunto imagético do anverso das moedas de Aelia Capitolina no século III EC.

Gráfico 3 – Caracterização dos imperadores no anverso das moedas

Embora as emissões monetárias provinciais fossem majoritariamente em bronze, observa-se no Gráfico 4, que houve a autorização de Roma para a cunhagem em prata (11% delas), sob os imperadores Caracala, Macrino e Diadumeniano, evidenciando os possíveis instrumentos de legitimação e negociação existentes nas autorizações das emissões locais entre o império e as províncias, conforme as proposições de Porto (2007).

Gráfico 4 – Metais das emissões monetárias

Esses possíveis instrumentos de legitimação e negociação existentes nas autorizações das emissões locais entre o império e as províncias também são observados nas legendas monetárias, que em 7% dos casos, foram escrita em grego, sob a

autorização também dos imperadores Caracala, Macrino e Diadumeniano, conforme Gráfico 5.

Gráfico 5 – Legendas monetárias

4.1.1.2 Iconografia de Cesareia

As emissões monetárias dos magistrados romanos na província de Cesareia no século III EC, apresentam uma diversidade iconográfica, que pode ser observada no reverso das moedas (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Iconografia de reverso – Cesareia séc. III EC

As escolhas imagéticas das quarenta e uma (41) moedas cunhadas em Cesareia foram numericamente: águia (18), altar (2), âncora (1), árvore (1), Baco (1), boi (1), busto humano (5), cântaro (3), cavalo (2), Ceres (2), cetro (4), cetro entrelaçado por serpente (2), cista (1), coroa de flores (1), deus Rio (4), Dionísio (4), escudo (3), espiga de milho (2), estrela crescente (1), figura do inimigo (1), galé (1), golfinho (1), grinalda (10), javali (2), Júpiter (1), *Kalathos* (2), lança (6), Marte (2), Netuno (1), oliveira (1), palmeira (1), pantera (4), parazônio (4), patera (1), proa (1), raio (1), remos (1), rocha (2), Roma (2), Salus (1), serpente entrelaçada em tocha (4), SPQR (5), Thyrsos (3), touro (2), tridente (1), Tyche (10), *vexillum* (5), Vitória (3).

Observa-se na escolha iconográfica elementos relacionados à presença de legião romana na região de forma direta: o estandarte (*vexillum*: figuras de Cesareia números: 18, 23, 24, 35), a águia legionária (figuras 18, 23, 24 e 35) e o javali (figuras 18, 23, 35).

As divindades representadas nas moedas foram Dionísio, Baco, Tyche, Ceres, Jupiter, Marte, Netuno, Roma, Salus e Vitoria. Dessas divindades, a de maior recorrência é da deusa Tyche, que é representada em 24% das moedas estudadas nessa província, assim como, o imperador com o maior número de emissões, e assim, o mais representado nas moedas foi Trajano Décio (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Representação dos imperadores romanos no anverso das moedas de Cesareia

Observa-se no Gráfico 8, que os imperadores romanos eram representados laureados, diademados, conjugados, radiados, encouraçados e/ou drapeados, mas a

maior recorrência iconográfica é percebida na representação do imperador encouraçado, totalizando 32% do conjunto imagético do anverso das moedas de Cesareia no século III EC.

Gráfico 8 – Caracterização dos imperadores no anverso das moedas de Cesareia

Embora as emissões locais fossem majoritariamente em bronze, observa-se no Gráfico 9, que houve a autorização de Roma para a cunhagem em prata (12% delas), sob os imperadores Caracala, Macrino e Diadumeniano, evidenciando que em Cesareia no século III EC, também se observa a materialização das estruturas de poder relacionadas a legitimação e negociação existentes nas autorizações das emissões locais entre o império e as províncias, conforme as proposições de Porto (2007).

Gráfico 9 – Metais das emissões monetárias de Cesareia

Esses possíveis instrumentos de legitimação e negociação existentes nas emissões locais entre o império e as províncias também são observados nas legendas monetárias, que em 12% dos casos, foram escrita em grego, sob a autorização também dos imperadores Caracala, Macrino e Diadumeniano, conforme Gráfico 10.

Gráfico 10 – Legendas monetárias de Cesareia

4.1.2 Discussão dos resultados das moedas de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC

Por serem Jerusalém/Aelia Capitolina e Cesareia, duas províncias na Palestina, mas com históricos completamente diferentes em relação ao domínio romano na região, as cunhagens monetárias evidenciam as relações de poder e resistência local, na recorrência iconográfica das moedas provinciais, com características extremamente individualizadas.

Trata-se da materialização das estruturas de poder, conforme as proposições de Foucault (1979, 1999 e 2009) e Bourdieu (1996, 1998, 1999 e 2001), que ocorre em rede, e abrange também as estruturas simbólicas, em uma relação multidirecionada, em que o ‘centro’ e a ‘periferia’ relacionam-se mutuamente e em cooperação, as quais ultrapassam os conceitos delimitadores de ‘dominador’ e ‘dominado’, na promoção constante das negociações que permeavam as relações socioculturais, históricas, geográficas e econômicas do Império com as províncias orientais.

Os elementos iconográficos relacionados às estruturas de poder imperiais e a força militar de Roma aparecem nas moedas de Aelia Capitolina e estão representados nas imagens monetárias da águia (43%), cetro (16%), grinalda (9%), javali (2%), loba (11%), quadriga (5%), *vexillum* (20%). Também operam na legitimação do poder imperial em Aelia Capitolina no século III EC as representações de divindades romanas nas cunhagens provinciais (Baco, Concordia, Júpiter, Salus e Vitoria).

Conforme as proposições de Foucault (1979, 1999 e 2009) e Bourdieu (1996, 1998, 1999 e 2001), o poder não é exercido como uma força única, de cima para baixo, mas múltipla e multidirecional, o qual possibilita a dominação e a resistência de todos os que estão envolvidos nas mais variadas esferas do poder, por isso, observa-se nas cunhagens de Aelia Capitolina no século III EC, a materialização da resistência da comunidade local, que é percebida no posicionamento da legenda de reverso, assim como, na representação de divindades locais anteriores ao domínio romano na região (Tyche, *Cerberus*, Dioniso e Serápis).

Quanto aos elementos iconográficos relacionados às estruturas de poder imperiais e a força militar de Roma nas moedas de Cesareia, vê-se representados nas imagens monetárias da águia (43%), cetro (10%), grinalda (24%), javali (5%), lança (14%), SPQR (12%), *vexillum* (12%). Também operam na legitimação do poder imperial em Cesareia no século III EC as representações de divindades romanas nas cunhagens locais (Baco, Ceres, Júpiter, Marte, Netuno, Roma, Salus, Vitoria).

Conforme as proposições de Foucault (1979, 1999 e 2009) e Bourdieu (1996, 1998, 1999 e 2001), a dominação não é monolítica e unívoca, mas transita na multiplicidade da vida em sociedade e é ressignificada e modificada, relacionando-se com elementos histórico-culturais de resistência, nas mais variadas representações de poder, por isso, observa-se nas cunhagens de Cesareia no século III EC, a materialização da resistência da comunidade local, que é percebida no posicionamento da legenda de reverso, na representação de divindades locais anteriores ao domínio

romano na região (Tyche, Dioniso e deus Rio), assim como, na imagética de reverso dos elementos enaltecedores da posição litorânea dessa província (âncora, galé, golfinho, proa e remos).

5 ANÁLISES ARQUEOLÓGICAS COM APORTE DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF)

É de suma importância para essa pesquisa a reflexão referente à significação da moeda no mundo antigo, uma vez que nesse período histórico não existiam meios de informação comparáveis aos da atualidade, e o número de iletrados se estendia a múltiplas camadas da população.

A moeda é um objeto palpável, onde se pode contemplar a efígie do soberano, enquanto os reversos mostram suas virtudes e a prosperidade da época (ROLDÁN HERVÁS, 1975: 166).

A identificação da função legitimadora da moeda como um instrumento de disseminação das estruturas de poder em vários períodos da História, dar-se-á caso seja feita uma análise multidisciplinar, que contemple a associação das teorias arqueológicas às epistemologias relacionadas à imagem e texto, como observa Funari (2003), referente à necessidade do intercâmbio da Arqueologia a outras ciências sociais:

[...] tendo tornado consciência da especificidade da sua leitura da totalidade material apropriada pelo homem, tem-se colocado cada vez mais para o arqueólogo a questão da (in) traduzibilidade do texto arqueológico. Daí a preocupação crescente com a interdisciplinaridade, buscando-se um intercâmbio, quanto ao modo de leitura, com campos de atuação paralelos e complementares. Isto é particularmente válido no que diz respeito à Semiótica, preocupada com os princípios teóricos da comunicação - e, portanto, com a leitura em geral -, mas atinge já outros tipos de leitura, aparentemente distantes da Arqueologia, como a Psicanálise.

Por essa razão, esse estudo numismático apoia-se nas epistemologias da Linguística Sistêmico-Funcional, as quais contribuem para compreensão ideológica da comunicação.

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma teoria iniciada por Halliday, linguista britânico, e seus colaboradores (FRIES, 1994, 1995; EGGINS, 1994; MARTIN, 1992). Uma descrição sistêmica tenta interpretar simultaneamente tanto o código quanto o comportamento, para especificar os sistemas dos quais se deriva um item linguístico (HALLIDAY; MARTIN, 1993). Assim, os sistemicistas entendem que, ao se analisar instâncias da língua em um texto, seja oral, seja escrito, correlaciona-se simultaneamente diversos sistemas da língua para fornecer um tratamento

compreensível dos fenômenos linguísticos em funcionamento. Isso porque, para a LSF, os usuários da língua não interagem apenas para trocar sons uns com outros, nem palavras ou sentenças, mas para construir significados. Esses significados, ou metafunções, são três:

- (i) **metafunção ideacional:** refere-se à informação apresentada no texto;
- (ii) **metafunção interpessoal:** refere-se às relações entre os interlocutores;
- (iii) **metafunção textual:** refere-se à maneira como as pessoas organizam a fala e a escrita de acordo com seu propósito e as exigências do meio sócio-histórico-cultural.

Essas metafunções agem simultaneamente: tudo o que é expressado linguisticamente quer, sempre, dizer três coisas: alguma informação (**ideacional**) dita a alguém (**interpessoal**) de algum modo (**textual**).

Para a LSF, é a léxico-gramática, um nível intermediário de codificação, que possibilita à língua construir três significados concomitantes, e que entram no texto por meio das orações. Daí porque Halliday (1994), afirma que a descrição gramatical é essencial à análise textual. Por outro lado, a noção de escolha é crucial à LSF: quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas.

Para Matthiessen (1995), um sistema por escolhas é criado por opções no sistema léxico-gramatical geral conforme o texto se desenrola; é o produto da logogênese – a criação de significados através de escolhas no sistema no texto. Do ponto de vista do falante, um sistema por escolhas é o sistema de seleção que ele tem de fazer ao produzir o texto; do ponto de vista do ouvinte, um sistema por escolhas é o sistema que ele pode criar baseado na interpretação do texto em desenvolvimento.

A visão funcional da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), refere-se as escolhas linguísticas como índices de significados e relacionam-se com a análise do discurso crítico, segundo Li (2010): ambas são guiadas pela suposição subjacente de que as formas linguísticas e as escolhas expressam significados ideológicos. A LSF oferece um instrumento analítico específico para o exame sistemático das motivações, propósitos, suposições e interesse dos produtores do texto. Com seu foco na seleção, categorização e ordenação do significado nas micro-estruturas no nível da oração, mais do que no macro nível do discurso, a LSF é especialmente útil para uma análise

sistemática, com enfoque nos traços linguísticos no micro-nível dos textos do discurso, fornecendo intravisiões críticas na organização dos significados no texto.

A LSF é uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1985, 1994) e seus colaboradores. Subjacente à LSF existem quatro premissas maiores. O modelo estabelece:

- Que o uso da língua é funcional;
- Que sua função é construir significados;
- Que os significados são influenciados pelo contexto social e cultural em que são intercambiados;
- Que o processo de uso da língua é um processo semiótico, um processo de fazer significado por meio de escolhas (EGGINS, 2004: 3).

É por essas razões que a LSF é descrita como "*uma abordagem semântico-funcional da língua*" (EGGINS, 2004: 20), uma teoria que procura entender como as pessoas usam a língua em diferentes contextos sociais, para fazer sentido do mundo e de cada indivíduo.

5.1 As Metafunções - Ideacional, Interpessoal e Textual

A LSF é descrita como "*uma abordagem semântico-funcional da língua*" (EGGINS, 2004: 20), uma teoria que procura entender como as pessoas usam a língua em diferentes contextos sociais, para fazer sentido do mundo e de cada um. Para classificar os tipos e significados que os atores sociais geram, a LSF concebe a língua como a expressão de três metafunções concorrentes: **ideacional**, **interpessoal** e **textual** (HALLIDAY 2004 [1994], 2005; MARTIN 2000a, 2000b). Como Martin e White (2005:7) explicam, "*a LSF é um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso*".

A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos de *fazer*, *sentir* (processamento simbólico) ou *ser*, por meio do sistema da transitividade; a metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo, e referem-se a dar/pedir informação ou bens e serviços; a metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma oração, trabalhando os

significados advindos da ordem das palavras na oração.

A língua pode manipular esses três tipos de significados simultaneamente, porque possui um nível intermediário de codificação: a lexicogramática. É esse nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, que entram no texto através das orações mediante escolhas feitas no sistema linguístico. Daí porque Halliday disse que a descrição gramatical é essencial à análise textual. Importante para a LSF é a noção de escolhas. Assim, quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram, fato importante na análise do discurso. Em resumo, a LSF procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

A metafunção ideacional, por meio do sistema da transitividade, trata da codificação pelos usuários da língua de suas experiências com o mundo que os cerca (HALLIDAY, 1994: 106).

Autores como Silva (2012), Sousa (2016), et.al., viram na metafunção textual – Tema e Rema uma forma de contribuir na leitura crítica de textos multimodais e expandiram para mostrar a ideologia presente nas propagandas.

5.2 Noções de Tema e Rema na Linguística Sistêmico-Funcional

A conceituação de **Tema** criada por Halliday (1994), que, em termos gerais tem sido seguida até então na LSF, complementada, contudo, com algumas ressalvas, nos casos conflitantes ou naqueles não previstos pelo autor (GOUTSOS, 1997; GÓMEZ-GONZÁLEZ, 2000; GOUVEIA; BARBARA, 2004; LEONG PING, 2005; TERUYA 2007, dentre outros), define que a oração é organizada como uma mensagem porque tem um status especial atribuído a uma de suas partes: um elemento da oração é enunciado como **Tema**, "*o elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é aquilo de que trata a oração*" (HALLIDAY 1994: 37). O resto da mensagem, a parte ao qual o Tema é desenvolvido, é chamado de **Rema**.

O **Tema** ajuda a estruturar o discurso e a dar proeminência aos elementos que o compõe; o **Tema**, então, combina-se com o resto da oração de tal modo que as duas partes juntas constituem uma mensagem. Como estrutura de mensagem, portanto, a

oração consiste em um **Tema** acompanhado de um **Rema**; e a estrutura é expressa pela ordem na oração – o que quer que seja escolhido como **Tema** será colocado primeiro.

Assim, segundo Halliday (1994), como um guia geral, o **Tema** pode ser identificado como o elemento que vem em primeiro lugar na oração. Halliday enfatiza que a primeira posição não é definição de **Tema**, mas apenas como ele se realiza na oração. O **Tema** é um elemento em uma configuração estrutural que, tomado como um todo organiza a oração como uma mensagem; essa é a configuração **Tema + Rema**. Assim, parte do significado de qualquer oração depende do elemento que é escolhido como **Tema**.

5.3 A disseminação das estruturas de poder¹⁰

Segundo Monnerat (2000), há na propagação de uma ideia, um **emissor** onisciente e onipotente, que confere a um **receptor** a “fórmula mágica” para conseguir determinado atributo que ele ainda não possui. Instaura-se, então, no discurso numismático um jogo de máscaras discursivas na interação que se estabelece entre os parceiros do **contrato comunicativo**.

Paralelamente à teoria do contrato de comunicação, desenvolve-se a dos sujeitos da língua, segundo a qual em relação ao ato de linguagem, distinguem-se um circuito **externo** (lugar do fazer, dos sujeitos psicossociais) e um circuito **interno**, lugar da organização do dizer, considerado como discurso, um espaço em que os sujeitos são seres da palavra (CHARAUDEAU, 1983).

5.4 A Legitimação como meio persuasivo nas cunhagens dos séculos III EC

Nas cunhagens do séculos III EC as oficinas monetárias distribuídas por todo o Império Romano, imprimiam várias imagens no anverso/reverso das moedas, como representação das estruturas de poder presentes nas instâncias sócio-econômicas da Palestina Romana, mas as mais relevantes eram as dos imperadores, as quais

¹⁰ O termo empregado pela linguística é ‘propaganda’, porém para se evitar anacronismos adotou-se o léxico ‘disseminação’, no sentido de propagação de uma ideia ou informação altamente legitimadora, associada a honra e prestígio de patronos romanos na Palestina.

estampavam os aversos das moedas para mostrar à sociedade por meio do processo de *Legitimação* o poderio dos imperadores.

Do latim “*legitimus*” (e.g., legal), a palavra “*legitimação*” relaciona-se com “*lex/legis*” (e.g. lei, acordo). Hoje, a palavra é também usada fora do jargão legal e em geral envolve a semântica de “justificação”. Em teoria e origem, “*legitimação*” significa tornar algo legal ou legalizado. Assim, a *legitimação* (doravante, LEG) refere-se ao processo pelo qual os falantes dão crédito ou licenciam um tipo de comportamento social (mental ou físico).

O processo de LEG atua por meio da argumentação, e relaciona-se a um objetivo, que, na maioria dos casos, é a procura de apoio e aprovação do interlocutor, podendo ter diferentes motivos: obtenção ou manutenção do poder, alcance de aceitação social, aumento de relações na comunidade, popularidade ou fama etc.

Assim, no enquadre interdisciplinar ancorado na análise do discurso crítico e usando os instrumentos da LSF, Reyes (2011) trata de um uso importante da linguagem na sociedade: o processo de *legitimação*, um tipo de falácia, com o qual os locutores esperam convencer seus interlocutores. A pesquisa explica alguns modos linguísticos específicos pelos quais a língua representa um instrumento de controle (BOURDIEU, 2001) no discurso e na sociedade. Levando em conta estudos anteriores sobre a legitimação (i.e. MARTIN ROJO; VAN DIJK, 1997; VAN DIJK, 2005; VAN LEEUWEN, 1996, 2007, 2008; VAN LEEUWEN; WODAK, 1999), Reyes desenvolve e propõe algumas estratégias-chave da *legitimação* empregadas por atores sociais para justificar o curso da ação. Essas estratégias podem ser usadas individualmente ou em combinação com outras, e justificam as práticas sociais por meio de: (1) **emoções** (em particular, o medo), (2) **o futuro hipotético**, (3) **a racionalidade**, (4) **vozes de especialistas** e (5) **altruísmo**.

A LEG através de emoções: O apelo às emoções permite aos atores sociais enviesar a opinião da audiência sobre um determinado assunto. A representação negativa de atores sociais e a atribuição de qualidades negativas a personalidades ou suas ações permitem aos falantes criar dois lados de uma estória/evento, em que o falante e a audiência estão no “grupo-nós” e os atores sociais descritos negativamente constituem o “grupo-eles” (VAN LEEUWEN; WODAK, 1999: 2).

A LEG através de futuro hipotético: Colocar uma ameaça no futuro que requeira uma

ação iminente no presente é outra estratégia expressa no discurso político (DUNMIRE, 2007), o que se faz, por exemplo, com o emprego de escolhas lexicogramaticais específicas, tais como sentenças condicionais do tipo: “*este perigo só crescerá, se a Al-Qaeda puder operar com impunidade*” (MONTOPOLI, 2009).

A LEG através de racionalidade hipotética: A LEG é apresentada como decorrente de processo em que as decisões teriam resultado de um procedimento examinado, avaliado e pensado. Nesse sentido, ela pode ser considerada “racional” por consultar outras fontes e explorar todas as opções antes da tomada de decisão. Consequentemente, essa estratégia de LEG é articulada linguisticamente por orações como “Após consultas com nossos aliados”, ou verbos denotando processos mentais e verbais (THOMPSON, 2004) como “explorar” e “consultar”.

A LEG através das vozes de *experts*: A LEG refere-se aqui à “autorização” (VAN LEEUWEN, 2007) que o falante traz para o contexto imediato da fala corrente para fortalecer sua posição. A autorização é também expressa em contexto formal, com a produção de um discurso oficial e institucional (MARTIN ROJO; VAN DIJK, 1997: 530). A fala de autoridade é uma fala associada a pessoas com autoridade; desse modo, o “falante é mais persuasivo, mais convincente e mais ouvido” (PHILIPS, 2004: 475).

A LEG através do altruísmo: Os falantes públicos, em particular, e atores sociais, em geral, garantem que suas propostas não representam interesses pessoais. Eles se apresentam, por exemplo, como estando a serviço de outros, e assim eles legitimizam as propostas como um bem comum que melhorarão as condições de uma comunidade. “Ações e políticas institucionais são tipicamente descritas como benéficas para o grupo ou para a sociedade como um todo” (MARTIN ROJO; VAN DIJK, 1997: 528).

A Autora Sousa (2016) percebendo a relevância dessa teoria da Legitimização para compreensão da ideologia subjacente nos mais diversos gêneros textuais, a expandiu também para os textos multimodais – gêneros propagandas e artigos de divulgação científica, os quais carregam uma significativa carga ideológica na construção semântica.

5.5 A Multimodalidade presente nas cunhagens da Palestina romana

O artefato circular e de metal denominado ‘moeda’ apresenta discurso imagético e textual, sendo assim, é suporte multimodal, uma vez que apresenta no anverso a imagem do imperador e no reverso elementos relacionados a divindades e cultura local, acompanhados por legendas circulares em latim.

O fenômeno do texto composto ou multimodal¹¹ é um desafio para analistas do discurso, particularmente os que trabalham com ferramentas linguísticas moldadas para o texto verbal, diz Macken-Horarik (2004). Ela analisa a contribuição complementar entre imagem (ilustrações) e palavras (do texto) no processo da construção de significados.

Kress e Van Leeuwen (2006) consideram três sistemas principais para análise do significado nas imagens interativas, que incluem: o sistema de **contato**, através do qual a imagem age sobre o expectador de alguma maneira (exigindo uma resposta ou oferecendo uma “informação” visual); o sistema de **distância social**, através do qual o espectador é convidado a aproximar-se dos participantes representados (distância social íntima), mantida a uma distância razoável (distância social) ou na posição de afastamento (distância impessoal); e dois grupos de sistemas dentro de atitude: dimensão **horizontal**, que cria envolvimento dos espectadores (por meio da frontalidade) ou afastamento (através da lateralidade), e da dimensão **vertical**, que cria a relação de poder entre o espectador e participantes representados (hierárquico ou solidário).

5.6 As legendas monetárias como recurso persuasivo

Segundo Iasbeck (2000), o estudo de frases breves e compactas – sedutoras e significativas a ponto de perturbarem não só a produção de sentido de outras formas de pensar e dizer, mas também a percepção daquilo que convencionamos chamar “realidade” proporciona um instrumental adequado para entender sua interferência nos diversos discursos.

¹¹ O termo técnico "Multimodalidade" surgiu na década de 1920, criado em um novo campo – a psicologia da percepção - denotando os diferentes efeitos de percepções sensoriais (VAN LEEUWEN, 2011). O cinema bem como a televisão inovaram, ampliando aspectos sutis da comunicação não verbal e, assim, influenciou o modo de agir de pessoas em todo o mundo. Na década de 1990, inspirada pelo linguista M.A.K. Halliday (1978, 1994), foi adotado e ampliado o termo "multimodalidade", que, assim, foi introduzido na Linguística Aplicada.

Iasbeck (2000) diz, porém, que não é a localização o melhor critério para identificar uma legenda. Ela se torna mais facilmente reconhecível por algumas peculiaridades de sua estrutura: uma *“frase concisa, marcante, geralmente incisiva, atraente, de fácil percepção e memorização, que apregoa as qualidades e a superioridade de uma ideia”*.

As qualidades destacadas pelos autores como essenciais ao conceito de legenda são passíveis de estarem presentes na sua própria conformação, independentemente se ela faz parte do conjunto de signos. Ou seja, para que uma legenda funcione na disseminação das estruturas de poder, não é preciso que venha acompanhada de ilustração, de um texto maior que a explique. Isso nos leva a admitir a possibilidade de, em muitos casos, a legenda monetária existir e funcionar na propagação de ideias de forma autônoma, prescindindo da interação com os demais elementos constitutivos dos campos da moeda.

Tal conclusão implica no reconhecimento de que ela constitui, em si mesma, um “texto”, no sentido evidenciado por Yuri Lotman (1987: 101-112) que define texto como um conjunto organizado de signos que, tomados individualmente, não significam coisa alguma senão no contato e na relação com os demais signos. É a qualidade desse contato e o resultado das conseqüentes contaminações sígnicas que vão produzir sentido e dar corpo ao texto.

“Estudar o texto na sua materialidade não significa isolá-lo do meio no qual age, mas considerá-lo como um texto (já que possui sentido) dentro de um texto maior que lhe amplia o sentido e objetiva a finalidade comunicativa. Estuda-lo como ‘texto cultural’, entretanto, significa investiga-lo em ação, em atuação num universo cultural de características específicas onde venha a ganhar peculiaridades que lhe delimitem território e fronteiras.” (IASBECK, 2002: 52).

6 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma análise qualitativa com tratamento interpretativo. Para Duff (2002) a abordagem qualitativa é caracterizada por uma orientação humanística, uma ontologia de realidades múltiplas e uma epistemologia não objetiva, cujos direcionamentos possibilitam o uso de pressupostos teórico-metodológicos interdisciplinares, além de permitir uma combinação com orientações quantitativas.

Para Moita Lopes (2001) a análise interpretativa é um procedimento que tem encontrando grande respaldo e preferência por parte dos pesquisadores em Ciências Humanas, por entenderem o modelo como revelador de um conhecimento que não está ao alcance da tradição positivista de pesquisa, por basear-se em perspectivas fenomenológicas, hermenêuticas e interacionistas.

A análise interpretativa preocupa-se com os aspectos processuais do mundo social, com o universo dos significados: motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (DESLANDES, 1999) que, por meio da linguagem, são construídos pelo homem, que interpreta e reinterpreta o mundo a sua volta, fazendo assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades, como diz Hughes (1990: 96): “... *diferentemente dos fenômenos físicos os atores sociais atribuem significados a si mesmos, aos outros e aos contextos sociais em que vivem.*” Sendo a linguagem determinante central do fato social e também um modo particular de organizar a experiência humana, ela se torna o meio apropriado de se ter acesso a sua compreensão através da consideração de várias subjetividades/interpretações, pois “*o significado não é resultado da intenção individual, mas de inteligibilidade interindividual*” (MOITA LOPES, 1994: 331).

A análise interpretativa, portanto, é o procedimento metodológico que permite interpretar os múltiplos significados que constituem as realidades. Assim, a investigação, não só nesta pesquisa, mas também em qualquer outra inserida nas Ciências Sociais, precisa dar conta da pluralidade de vozes dos participantes em ação no mundo e reconhecer que isso envolve questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade.

Portanto a pesquisa de cunho interpretativo examina do ponto de vista crítico os catálogos numismáticos de moedas cunhadas no século III EC nas províncias Jerusalém/Aelia Capitolina e Cesareia, para o mapeamento dos locais de suas produções e

circulações monetárias. A partir daí pretende-se inferir sobre as questões ligadas a Estruturas de Poder – o patronato: honra e prestígio nessas províncias.

A pesquisa tem o apoio de fontes textuais: judaica e cristã, obras de Flávio Josefo (1948, 1950 e 2007), relatos de Dião Cassio (1995) e Eusébio de Cesareia (1994), as epistemologias da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004) e seus colaboradores bem como a Multimodalidade de Van Leeuwen e Kress (1996).

6.1 Dados

Foram coletadas, inicialmente quarenta e cinco moedas cunhadas em Aelia Capitolina e quarenta e uma moedas de Cesareia em março de 2017, mas para se evitar a multiplicidade e repetição na análise, foram analisadas dessas, apenas duas, sendo uma de cada província, para uma visão geral da construção ideológica das estruturas de poder presentes nas escolhas imagéticas e discursivas das cunhagens provinciais do século III EC, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Moedas de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia

Nº	Imperador romano	Século	Denominação
1	Trajano Décio	III EC	Æ 27 mm, bronze, de Aelia Capitolina (Meshorer, <i>Aelia</i> 152)
3	Hostiliano	III EC	Æ 20 mm, bronze, de Cesareia (BMC 191-6, Kadman II 189)

Na numismática, observa-se que há análises realizadas de forma subjetiva do ponto de vista de cada arqueólogo, contribuindo dessa forma para dar margem às mais diversas interpretações nos estudos do passado humano, assim, para diminuir a subjetividade da análise, Goatly (1997) sugere apresentar o contexto de produção do texto (cunhagem), em especial, no caso da análise da avaliatividade. Assim, os contextos dessas cunhagens são respectivamente os seguintes, de acordo com a teoria de Registro, que envolve os itens: Campo (assunto), Relações (os interactantes: sociedade da época envolvida do mercado de circulação das moedas) e Modo (o tipo de texto:

gênero: cunhagem, modalidade: verbiagem e imagem e, formalidade: linguagem culta: valores e nomes), como mostra o Quadro 2.

Quadro 2 - O contexto dos dados

<p>Fig. 2 – Moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém</p> <p>Fig. 3 – Moeda de Cesareia</p>	<p>Campo: Cunhagem local do século III EC</p> <p>Relações: Imperadores Trajano Décio e Hostiliano a elite das províncias Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia do século III EC em parceria com as oficinas de cunhagem e mercado interno de circulação (população que utilizava a moeda).</p> <p>Modo: texto (imagem e verbiagem: Estruturas de poder observadas no <i>status</i> administrativo da província, língua das legendas, refundação/nomeação da cidade) cunhado no período Romano Tardio como convém a uma oficina de cunhagem que é responsável pela circulação dos valores em bronze nas províncias autorizadas pelo Império Romano a bater moedas.</p>
---	--

6.1.1 Amostragem numismática

Quadro 3 – Moedas de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia

Aelia Capitolina	Cesareia
<p>1) Autoridade Emissora: Magistrados sob Trajano Décio. 2) Característica de emissão/distinção de status: moeda local 3) Datação: 249-251 EC 4) Local da emissão: Aelia Capitolina, Palestina. 5) Anverso: busto radiado, drapeado e encouraçado de Trajano Décio, à direita. Legendas de anverso: <i>IMPC G MES Q TRA DECIVS AVG</i> Reverso: Tyche, à esquerda, segurando um busto humano e um longo cetro; na frente dela, águia legionária, à direita, a frente de um <i>vexillum</i>; atrás dela, Vitória sobre uma coluna; aos pés de Tyche um vaso. Legendas de reverso: <i>COL AEL KAP COM P F</i> 6) Referências: Meshorer, <i>Aelia</i> 152</p>	<p>1) Autoridade Emissora: Magistrados sob Hostiliano. 2) Característica de emissão/distinção de status: moeda local 3) Datação: 251 EC 4) Local da emissão: Cesareia, Palestina. 5) Metal: <i>Æ</i> 20 mm, bronze. 6) Anverso: busto radiado, drapeado e encouraçado de Hostiliano, à direita. Legendas de anverso: <i>HOSTILIANO QVINTO C(AES)</i> Reverso: busto de Tyche, drapeado e coroado em forma de torre, à direita. Legendas de reverso: <i>COL P F AV F C CAES METR(O) P</i> 7) Referências: BMC 191-6, Kadman II 189</p>

Fonte: Adaptação da catalogação desenvolvida por Porto (2007).

6.2 Procedimentos de análise

A pesquisa tem o apoio das teorias apresentadas até aqui, as quais atuam por meio das seguintes categorias de análise, conforme mostra o Quadro 4.

Quadro 4 – Procedimentos de análise

Autores		Procedimentos
Numismática	Lacroix (1974)	Localização Produção e circulação Origem mítico-religiosa
	Caltabiano (1998)	Símbolo (imagem e letra/legenda) Iconografia da cunhagem (anverso e reverso)

	Pérez (1986)	Discurso ideológico Relação imagem e legenda
	Porto (2007)	<i>Status</i> administrativo Língua das legendas Refundação/nomeação da cidade Título de poder Soberano Linhagem Título honorífico
LSF - Análise da imagem e verbiagem (Multimodalidade)	Van Leeuwen e Kress (1996)	Contato Distância social Dimensão horizontal Dimensão vertical
	Reyes (2011)	Legitimação Emoção Voz de expert
	Halliday e Matthiessen (2004)	Metafunção textual Tema e Rema

Enfoco, na análise da Legitimação, dentre as escolhas feitas pelo autor, apenas o que julgar pertinente para a questão da análise da numismática, no caso a LEG via Emoção e Voz de expert.

*Atenho-me, com referência às metafunções, à metafunção textual, examino Tema e Rema.

- (a) O exame das escolhas lexicogramaticais e da imagem focalizam os processos de Legitimação e da metafunção textual – Tema e Rema, como mostra a seguir.
- Os processos de Legitimação são indicados por maiúsculas.
 - O Tema e Rema serão indicados em negrito.
 - A análise é indicada entre colchetes.
- (b) Análise da imagem é complementada, com o exame de contato, distância social e dimensões horizontal e vertical.
- (c) Cada trecho analisado recebe uma interpretação sobre esse processo analítico.

NOTA: Os termos técnicos da LSF serão grafados com maiúscula inicial, com o objetivo de evidenciar o uso dessas categorias na análise.

6.3 Análise e discussão dos resultados

6.3.1 Análise da moeda multimodal de Aelia Capitolina

A análise divide-se em duas partes: (a) da legenda monetária (anverso e reverso) e (b) da iconografia (anverso e reverso).

6.3.1.1 Análise da legenda monetária

Nesta seção, examino as escolhas lexicogramaticais das legendas monetárias do anverso e reverso das moedas provinciais do século III EC, para a verificação da existência de Estrutura de Poder: Patronato – honra e prestígio, nas cunhagens monetárias de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia, sob o governo de Trajano Décio e Hostiliano (séc. III EC) à luz das teorias numismáticas e da Linguística Sistemico Funcional (LSF) e seus colaboradores.

Quadro 5 – Análise das legendas da moeda de Aelia Capitolina/ Jerusalém

ANVERSO

IMP

Título

Honorífico

[Imperador=T][Caesar=T][Caio Méssio Quinto Trajano Décio=T]

C

Linhagem

Título de poder

G MES Q TRA DECIVS

Soberano

AVG

Título de poder

[Augustus= T]

***Tema múltiplo** e Vozes de experts

Participação da sociedade da época no mercado de circulação – LEG via Emoção.

* O **Tema** aparece em posição inicial e é o que o falante/autor escolhe como ponto de partida para o que vai dizer/escrever para persuadir o outro (HALLIDAY, 1994:299).

Enfoque da análise: Tema + Vozes de experts + Emoção

Interpretação: O processo persuasivo inicia-se já no anverso, atribuindo aos léxicos – **IMP**= Imperador, Caesar, Caio Méssio Quinto Trajano Décio e Augustus o papel de **Tema múltiplo** (grupo nominalizado), para que fique no frame do leitor de forma imediata o poder que o nome imperador tinha na sociedade, contribuindo dessa forma para provocar a emoção daqueles que participavam da circulação da moeda no mercado da época. Assim a simbologia do nome remetia de forma ideológica o poderio do imperador amparado por via **Legitimação de vozes de experts e Emoção**. Assim as Estruturas de Poder: Patronato – honra e prestígio do primeiro léxico (**IMP**= Imperador), relacionava-se ao prestígio do soberano, como em (**AVG**= Augustus), que se referia ao título conferido somente ao Imperador/Imperatriz na indicação de governante superior. O termo (**C**=Caesar), indicava ao leitor/receptor que o Soberano (**G MES Q TRA DECIVS** =Caio Méssio Quinto Trajano Décio) referia-se ao herdeiro do trono. Dessa forma, as escolhas lexicogramaticais presentes no anverso, estavam nitidamente relacionadas à exaltação do imperador e a representação de seus principais atributos relacionados à posição dele na hierarquização social do Império Romano.]

REVERSO

<i>COL</i>	AEL KAP COM	PF
<i>Status</i>	Localização	Título honorífico
administrativo	Refundação/ nomeação da cidade	[Piedosa e Feliz= R]
[Colônia= R]	Origem mítico-religiosa	
[Aelia Capitolina Comodiana= R]		

* Rema

*Para Halliday (1994) a estrutura Tema/Rema é considerada estrutura temática, porque dá à oração o seu caráter de mensagem.

Enfoque da análise: Rema + Vozes de experts + Emoção

Interpretação: O reverso dá continuidade à proposta da persuasão das oficinas de cunhagens por meio da descrição dos elementos do **Rema** – *COL*=Colônia; *AEL KAP COM*= Aelia Capitolina Comodiana e *PF*=*Pia Felix*, considerados na totalidade como elementos do 2º plano da cunhagem, por ser o complemento da mensagem ideológica do **Tema** – imagem do imperador cunhada no anverso que era mais relevante, devido ao poder que era ressaltado pela força da figura. Os elementos representados pelo **Rema** também visavam à criação de sensibilizar a sociedade por meio do processo de **Legitimação via emoção**, principalmente porque alguns elementos retomados por **Legitimação via Vozes de experts** como *PF*=*Pia Felix*, que semanticamente significava (Piedosa e Feliz) escolhidos para a cunhagem das moedas eram fundamentados na cultura mítico-religiosa. Assim, as Estruturas de Poder apresentadas no reverso referiam-se à posição de submissão da província emissora, uma vez que seu *Status* administrativo (*COL*=Colônia) a posiciona abaixo dos cidadãos romanos. O léxico (*AEL KAP COM*= Aelia Capitolina Comodiana), evidencia o poder do Império de refundar/nomear uma cidade, que em termos de identidade local, promoveria o reconhecimento de nova data de origem mítico-religiosa (*PF*=*Pia Felix* (Piedosa e Feliz), ao qual desvinculava a população nativa da fundação da cidade e assim, uma nova história provincial era criada a partir da dominação romana na região.

6.3.1.2 Análise iconográfica da moeda de Aelia Capitolina

Apresento, a seguir, as imagens cunhadas no anverso e reverso da moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém.

6.3.1.2.1 Metafunção Textual – Tema, Rema e Legitimização

Quadro 6 – Análise iconográfica da moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém

ANVERSO

[Imperador Trajano Décio= **Tema e Voz de expert**]

Enfoque: Tema + Voz de expert + Emoção

Interpretação: A imagem frontal do Imperador Trajano Décio surge estrategicamente como **Tema e Voz de expert** por ter sido cunhada em alto relevo no primeiro plano da moeda, com a finalidade de persuadir e mostrar à sociedade da época por meio do processo de [**Legitimização** via **emoção**, o poderio desta figura, que diretamente articulava com as oficinas de cunhagem fosse por prestígio ou interesses escusos].

REVERSO

Podemos dividir a imagem do reverso em três partes:

Primeira: [Deusa Vitória= R; Voz de expert e Emoção] e [Coluna= R e Emoção]
 Segunda: [Deusa Tyche= R; Voz de expert e Emoção]; [Cetro= R e Emoção];
 [Busto humano= R; Voz de expert e Emoção] e [Vaso= R e Emoção]
 Na Terceira: [Águia legionária= R e Emoção]; [Vexillum/estandarte= R e Emoção]

Enfoque: Rema + Voz de expert + Emoção

Observa-se que os participantes da imagem – Deusa Vitória, coluna, Deusa Tyche, cetro, busto humano, águia, estandarte e vaso foram distribuídos em três partes, todas em alto relevo, repousando sobre um fundo com sombras intensas. Se olharmos fixamente essas partes, perceberemos que foram cunhadas estrategicamente na vertical e que cada parte corresponde ao **Rema e a Legitimização** – elementos da cultura mítico-religiosa e militar, com a finalidade de persuadir o frame mental da sociedade. Uma das contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional para as análises críticas do

discurso é a leitura crítica, que parte da micro para a macroestrutura textual, ou seja, todos os elementos/participantes na construção textual – verbal ou imagética, não são escolhas neutras e sim ideológicas, que tem por finalidade garantir a persuasão, por meio da posição da imagem articulada aos mecanismos de Legitimização via Emoção e Voz de expert intrínsecos na cunhagem. Assim, todos os participantes foram escolhidos de forma ideológica para construção semântica da composição integral da imagem. Percebe-se que os participantes da primeira coluna **[Deusa Vitória]** cunhada no primeiro plano enfatiza a relevância mítico-religiosa do povo dos séculos III EC. ao VI, e a **[Coluna]** representa símbolo de poder e riqueza dos esplendidos palácios greco-romanos. A posição imagética de ambos participantes pode ser considerada nos principais símbolos protetores da cidade. Na segunda coluna foi cunhada a imagem da participante **[Deusa Tyche]** também considerada símbolo mítico-religioso acompanhada dos objetos/participantes **[Cetro]** que representa bastão de comando próprio da autoridade imperial e o **[Busto humano]**, e em posição inferior foi cunhado o participante **[Vaso]**, que são símbolos que representam as oferendas à deusa Tyche e o ato de libação. Já a terceira coluna finaliza a composição da imagem com o participante **[Águia legionária]** colocada em posição estratégica na imagem, que representa a visão excelente, nata da águia que simboliza o poder militar de Roma bem como o estandarte símbolo de poder e da Décima Legião Fretensis, defesa e honra da cidade, representando assim que a cidade está sob proteção divina das deusas Tyche e Vitória, bem como sob proteção imperial figurada na força militar romana, representada na águia legionária e *vexillum* (Décima Legião Fretensis). A análise mostrou que todos os participantes representados pelo Rema e os processos de **Legitimização** via **Voz de expert** e **Emoção** foram selecionados de forma individual, mas que na articulação e composição da imagem, ganharam um valor semântico significativo para a época.

6.3.1.2.2 Fator Contato, Atitude e Distância Social

Fig. 45 – Moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém, sob Trajano Décio

Fonte: Meshorer, *Aelia* 152

O **fator contato** na cunhagem da moeda se apresenta com a imagem no anverso do busto à direita, do imperador Trajano Décio, radiado, drapeado e encouraçado. No reverso – Tyche, à esquerda, segurando um busto humano e um longo

cetro; na frente dela, águia legionária, à direita; atrás dela, Vitória sobre uma coluna; aos pés um vaso, simbolizando a força militar e poder do imperador, presença dos atributos da deusa – mão segurando um busto humano e um longo cetro. Essa imagem logo chama atenção da comunidade local, principal contato desse gênero, por se remeter obrigatoriamente a relevância do papel do Estado com relação à troca de bens e consumo. Nas laterais da imagem há outros participantes – legendas – *IMPC G MES Q TRA DECIVS AVG* e *COLA EL KAPCOM PF*, e o suporte material do bronze, metal considerado pela sociedade da época como mediador de transações mercantis, que viabilizava a disseminação ideológica do poder imperial, da importância da Legião romana e do culto a deusa Tyche.

Quanto à **distância social** as imagens da moeda podem ser consideradas acessíveis e convincentes, uma vez que, o público alvo é uma comunidade provincial, e os elementos/participantes que compõem o anverso – do imperador Trajano Décio, radiado, drapeado e encouraçado e no reverso – Tyche, à esquerda, segurando um busto humano e um longo cetro; na frente dela, águia legionária, à direita; atrás dela, Vitória sobre uma coluna; aos pés um vaso, simbolizando a força militar e poder do imperador, presença dos atributos da deusa Tyche – mão segurando um busto humano e um longo cetro, simbolizando a força e poder do imperador bem como o bronze, têm total proximidade, já que fazem parte do frame mental deles, e por meio da disposição e composição dos participantes que dão sentido às imagens, evidencia que o texto visual é bem persuasivo, porque sugere a ideologia de honra e prestígio daqueles que detinham o domínio político e econômico da época.

As dimensões **horizontal** e **vertical**, no aspecto **atitude** evidencia uma intensa proximidade com a comunidade local, uma vez que há o diálogo entre as dimensões de horizontalidade e verticalidade. A imagem central do imperador, da deusa Tyche, da águia legionária, da deusa Vitória sobre uma coluna e do vaso aos pés de Tyche, se apresentam de maneira vertical, criando assim um envolvimento com a comunidade por meio da frontalidade, já os outros participantes – legenda, que compõem a imagem são mostrados de maneira circular e de sobreposição, ocasionando uma relação de poder com a comunidade provincial. Nota-se que a composição e disposição dos participantes na imagem reforçam a ideologia de poder e patronato de honra e prestígio. A complexidade dessa disposição contribui para a construção do sentido do texto visual, bem como para persuadir a comunidade para reflexão da relevância da hierarquização social.

6.3.2 Discussão geral

Na imagem do anverso, a autoridade emissora utilizou vários recursos para a construção de sentido que contribuem para progressão temática, e assim faz o uso de elementos associados ao poder imperial, com imagens centralizadas no campo de impressão da moeda, as quais chamam a atenção da comunidade provincial para a relevância da centralização do poder, bem como a cunhagem em alto relevo dos elementos em destaque e a maneira como foram dispostas na impressão além da disposição gráfica tais como o texto circular e superior, o tamanho de fonte selecionada, a borda ininterrupta dentre outros recursos. Para Pérez (1986), todos esses recursos utilizados pela autoridade emissora são construtos textuais, que remetem a intenção comunicativa e/ou finalidade do texto, que está diretamente relacionada ao discurso ideológico emanado do Império às províncias.

Em relação à **Localização** da produção monetária, não há elementos iconográficos que identifiquem a proveniência da casa monetária, e dessa forma, a identificação da **Produção e circulação** desta moeda está vinculada a associação das informações da legenda com o contexto de achado. A **Origem mítico-religiosa** está representada na imagem de Tyche e Vitória, deusas do panteão greco-romano. Os **Símbolos (imagem e letra/legenda)** estão associados tanto no anverso, quanto no reverso, os quais promovem a construção e legitimação do poder imperial, com o uso do busto do imperador radiado, drapeado e encouraçado, em consonância com as divindades imperiais e a representação do poder militar de Roma na figura da águia legionária. Os participantes cunhados no anverso e reverso desta moeda trazem sentido a mensagem na associação da **Relação imagem e legenda**, que viabilizam a veiculação das estruturas de poder por meio das escolhas imagéticas da **Iconografia da cunhagem (anverso e reverso)**, na construção do **Discurso ideológico** da elite local em honra ao poder do Imperador Trajano Décio.

Conclui-se que a relação **Tema-Rema** serve para não só focar um elemento da imagem, mas também marcar parte da informação como a mensagem que, de fato, o autor quer que perdure na lembrança do leitor.

Transportando o que é válido na língua, para o meio visual, o que se poderia dizer em relação à cunhagem em foco é que: a verbiagem – **IMP**= Imperador, *Caesar*, Caio Méssio Quinto Trajano Décio e *Augustus* e a imagem do Imperador, cunhadas no anverso da moeda são o Tema, enquanto os elementos da cultura mítico-religiosa –

Deusa Vitória, águia legionária, cetro e Deusa Tyche, cunhadas no reverso, constituem o Rema, ou mesmo o Novo-Rema, porque são informações complementares ao Tema, consideradas cruciais na construção ideológica multimodal para persuadir à mente do leitor.

Porém toda a cunhagem é apresentada em um conjunto em que se misturam texto escrito, imagem, forma, relevo, peso do metal e cor bronze, meramente como informação neutra da cunhagem, mas que na subjuncção há uma carga ideológica, que tem como finalidade apresentar o poder do imperador da época, provocando assim as mais diversas emoções de respeito e apreço às autoridades destes séculos.

A verbiagem das cunhagens pode ser considerada um slogan, segundo Iasbeck (2000), para quem slogans são frases breves e compactas – sedutoras e significativas, e que os slogans mais eficazes desprendem-se do caráter meramente referencial que os liga aos seus objetos, em vantagem das conotações simbólicas. É o que acontece com a verbiagem, em que as meras LETRAS INICIAIS dos imperadores adquirem um significado referencial: “grande” e com conotação simbólica, resultando no respeito da sociedade.

A multimodalidade – enunciado verbal e imagem das cunhagens apoiam-se na Metafunção Textual – Tema e Rema, nos processos de Legitimação – Voz de experts e emoção e nos fatores de contato, atitude e distância social.

6.4 Análise da moeda multimodal de Cesareia

A análise divide-se em duas partes: (a) da legenda monetária (anverso e reverso) e (b) da iconografia (anverso e reverso).

6.4.1 Análise da legenda monetária da moeda multimodal de Cesareia

Quadro 7 – Análise das legendas da moeda de Cesareia

ANVERSO

<u>HOSTILIANO QVINTO</u>	<u>C(AES)</u>
Soberano	Título de poder
Linhagem	Linhagem
Hostiliano Quinto=T]	[Caesar=T]
<p>*Tema múltiplo e Vozes de experts Participação da sociedade da época no mercado de circulação – LEG via Emoção.</p> <p>* O Tema aparece em posição inicial e é o que o falante/autor escolhe como ponto de partida para o que vai dizer/escrever para persuadir o outro (HALLIDAY, 1994:299).</p>	
<p>Enfoque da análise: Tema + Vozes de experts + Emoção</p> <p>Interpretação: O processo persuasivo inicia-se já no anverso, atribuindo aos léxicos – <i>Hostiliano Qvinto C(aes)</i> o papel de Tema múltiplo (grupo nominalizado), para que fique no frame do leitor de forma imediata o poder que o nome do imperador tinha na sociedade, contribuindo dessa forma para provocar a emoção daqueles que tinham contato com essa moeda na época. Assim, a simbologia do nome remetia de forma ideológica ao poderio do imperador amparado por via Legitimação de vozes de experts e Emoção. Logo, as Estruturas de Poder: Patronato – honra e prestígio do primeiro léxico Hostiliano, relacionava-se ao nome do imperador que estava no poder no momento da cunhagem monetária. O termo <i>C(aes)</i> indicava ao leitor/receptor que o Soberano Hostiliano Quinto era o herdeiro legítimo ao trono. Dessa forma, as escolhas lexicogramaticais presentes no anverso, estavam nitidamente relacionadas à exaltação do imperador e a representação de seus principais atributos relacionados à posição dele na hierarquização social do Império Romano.</p>	

REVERSO

<i>COL</i>	<i>PF AV</i>	<i>F</i>	<i>C</i>	<i>CAES</i>	<i>METR(O) P</i>
Status	Título honorífico	Título honorífico		Refundação/ nomeação da cidade	Status
Administrativo		Título de poder		Localização	administrativo
				Origem mítico-religiosa	
[Colônia= R]	[Prima Flavia= R]	[Augusta= T]	[Feliz=R]	[Concordia= T]	[Cesareia= R]
[Metrópole= R]	[Província= R]				

* Rema

*Para Halliday (1994) a estrutura Tema/Rema é considerada estrutura temática, porque dá à oração o seu caráter de mensagem.

Nota: o nome de Cesareia era *Colonia Prima Flavia Augusta Felix Concordia Cesarea Metropolis Provincie Syrie Palaestine*.

Enfoque da análise: Rema + Vozes de experts + Emoção

Interpretação: O reverso dá continuidade à proposta da persuasão das oficinas de cunhagens por meio dos léxicos *AV*= Augustus e *C*= Cesar, que se relacionam diretamente com a legenda do Anverso. A progressão ideológica das estruturas de poder do anverso está presente na descrição dos elementos do **Rema** – *COL*=Colônia; *PF*=*Prima Flavia*; *C*= Concórdia; *CAES*= Cesareia, *METR(O)* = *Metrópole* e *P*= *Provincia* considerados na totalidade como elementos do 2º plano da cunhagem, por ser o complemento da mensagem ideológica do **Tema** – imagem do imperador cunhada no anverso que era mais relevante, devido ao poder que era ressaltado pela força da figura. Os elementos representados pelo **Rema** também visavam à criação de sensibilizar à sociedade por meio do processo de **Legitimização via emoção**, principalmente porque alguns elementos retomados por **Legitimização via Vozes de experts** como *F*= *Felix*, que semanticamente significava (Feliz) e *C*= *Concordia* escolhidos para a cunhagem das moedas fundamentados na cultura mítico-religiosa e na exaltação do posicionamento de aliança entre Cesareia e Roma. Assim, as Estruturas de Poder apresentadas no reverso referiam-se à posição de submissão da província emissora, uma vez que seu *Status* administrativo (*COL*=Colônia e *P*= Província) a posicionava abaixo de Roma. O léxico (*CAES*= Cesareia), evidencia o poder do Império de refundar/nomear uma cidade, que em termos de identidade local, promoveria o reconhecimento de nova data de origem mítico-religiosa (*PF*=*Prima Flavia*), ao qual desvinculava a população nativa da fundação da cidade e assim, uma nova história provincial era criada a partir da dominação romana na região.

6.4.2 Análise iconográfica da moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém

Apresento, a seguir, as imagens cunhadas no anverso e reverso da moeda de Cesareia.

6.4.2.1 Metafunção Textual – Tema, Rema e Legitimização

Quadro 8 – Análise iconográfica da moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém

ANVERSO

[Imperador Hostiliano = **Tema e Voz de expert**]

Enfoque: Tema + Voz de expert + Emoção

Interpretação: A imagem frontal do Imperador Hostiliano surge estrategicamente como **Tema e Voz de expert** por ter sido cunhada em alto relevo no primeiro plano da moeda, com a finalidade de persuadir e mostrar à sociedade da época por meio do processo de [**Legitimização** via **emoção**, o poderio desta figura, que diretamente articulava com as oficinas de cunhagem fosse por prestígio ou interesses escusos].

REVERSO

Enfoque: Rema + Voz de expert + Emoção

Observa-se que os participantes da imagem – Deusa Tyche em alto relevo. Se olharmos fixamente, perceberemos que foi cunhada estrategicamente na vertical e que corresponde ao **Rema** e a **Legitimização** – elementos da cultura mítico-religiosa, com a finalidade de persuadir o frame mental da sociedade, bem como, a coroa em forma de torre, que está associada às fortificações e a segurança intramuros da colônia propiciada pela presença romana na região. Nota-se que todos os participantes foram escolhidos de forma ideológica para construção semântica da composição integral da imagem. A análise mostrou que todos os participantes representados pelo Rema e os processos de **Legitimização** via **Voz de expert** e **Emoção** foram selecionados de forma individual, mas que na articulação e composição da imagem, ganharam um valor semântico significativo para comunidade provincial.

6.4.2.2 Fator Contato, Atitude e Distância Social

Fig. 46 – Moeda de Cesareia, sob Hostiliano

Fonte: BMC 191-6, Kadman II 189

O **fator contato** na cunhagem da moeda se apresenta comum a imagem no anverso do busto à direita, do imperador Hostiliano, radiado, drapeado e encouraçado. No reverso – Tyche, à direita, com coroa em forma de torre chama atenção da comunidade local, principal contato desse gênero, por se remeter obrigatoriamente a relevância do papel do Estado na manutenção da segurança da colônia. Nas laterais da imagem há outros participantes – legendas – *COL PF AV FC CAES METR(O) P*, e o suporte material do bronze, metal considerado pela sociedade da época como mediador de transações mercantis, que viabilizava a disseminação ideológica do poder imperial, da importância do culto a deusa Tyche para a proteção divina da província.

Quanto à **distância social** as imagens da moeda podem ser consideradas acessíveis e convincentes, uma vez que, o público alvo é uma comunidade provincial, e os elementos/participantes que compõem o anverso – do imperador Hostiliano, radiado, drapeado e encouraçado e no reverso – Tyche, à direita, com coroa em forma de torre simbolizando o poder do imperador em manter a ordem e a fortificação da colônia, na

figura da divindade. O bronze permite a total proximidade da representação do imperador em relação a comunidade local, já que faz parte do frame mental dela, e por meio da disposição e composição dos participantes que dão sentido às imagens, evidencia que o texto visual é bem persuasivo, porque sugere a ideologia de honra e prestígio daqueles que detinham o domínio da época.

As dimensões **horizontal** e **vertical**, no aspecto **atitude** evidencia uma intensa proximidade com a comunidade local, uma vez que há o diálogo entre as dimensões de horizontalidade e verticalidade. A imagem central do imperador, da deusa Tyche, da águia legionária, da deusa Vitória sobre uma coluna e do vaso aos pés de Tyche, se apresentam de maneira vertical, criando assim um envolvimento com a comunidade por meio da frontalidade, já os outros participantes – legenda, que compõem a imagem são mostrados de maneira circular e de sobreposição, ocasionando uma relação de poder com a comunidade provincial. Nota-se que a composição e disposição dos participantes na imagem reforçam a ideologia de poder e patronato de honra e prestígio. A complexidade dessa disposição contribui para a construção do sentido do texto visual, bem como para persuadir a comunidade para reflexão da relevância da hierarquização social.

6.4.3 Discussão geral

Na imagem do anverso, a autoridade emissora utilizou vários recursos para a construção de sentido que contribuem para progressão temática, e assim faz o uso de elementos associados ao poder imperial, com imagens centralizadas no campo de impressão da moeda, as quais chamam a atenção da comunidade provincial para a relevância da centralização do poder, bem como a cunhagem em alto relevo dos elementos em destaque e a maneira como foram dispostas na impressão além da disposição gráfica tais como o texto circular e superior, o tamanho de fonte selecionada, a borda em pontos, dentre outros recursos. Para Pérez (1986), todos esses recursos utilizados pela autoridade emissora são construtos textuais, que remetem a intenção comunicativa e/ou finalidade do texto, que está diretamente relacionada ao discurso ideológico emanado do Império às províncias.

Em relação à **Localização** da produção monetária, não há elementos iconográficos que identifiquem a proveniência da casa monetária, e dessa forma, a

identificação da **Produção e circulação** desta moeda está vinculada a associação das informações da legenda com o contexto de achado. A **Origem mítico-religiosa** está representada na imagem de Tyche, deusa do panteão greco-romano. Os **Símbolos (imagem e letra/legenda)** estão associados tanto no anverso, quanto no reverso, os quais promovem a construção e legitimação do poder imperial, com o uso do busto do imperador radiado, drapeado e encouraçado, em consonância com a divindade imperial e a representação do poder imperial de proteção dos limites da colônia, na figura da coroa de torre da deusa Tyche. Os participantes cunhados no anverso e reverso desta moeda trazem sentido a mensagem na associação da **Relação imagem e legenda**, que viabilizam a veiculação das estruturas de poder por meio das escolhas imagéticas da **Iconografia da cunhagem (anverso e reverso)**, na construção do **Discurso ideológico** da elite local em honra ao poder do Imperador Hostiliano.

Conclui-se que a relação **Tema-Rema** serve para não só focar um elemento da imagem, mas também marcar parte da informação como a mensagem que, de fato, o autor quer que perdure na lembrança do leitor.

Transportando o que é válido na língua, para o meio visual, o que se poderia dizer em relação à cunhagem em foco é que: a verbiagem – **HOSTILIANO QUINTO (Quinto) C(AES) (Cesar)** e a imagem do Imperador, cunhadas no anverso da moeda são o Tema, enquanto os elementos da cultura mítico-religiosa – deusa Tyche, cunhada no reverso, constitui o Rema, ou mesmo o Novo-Rema, porque são informações complementares ao Tema, consideradas cruciais na construção ideológica multimodal para persuadir à mente do leitor.

Porém toda a cunhagem é apresentada em um conjunto em que se misturam texto escrito, imagem, forma, relevo, peso do metal e cor bronze, meramente como informação neutra da cunhagem, mas que na subjacência há uma carga ideológica, que tem como finalidade apresentar o poder do imperador da época, provocando assim as mais diversas emoções de respeito e apreço às autoridades destes séculos.

A verbiagem das cunhagens pode ser considerada um slogan, segundo Iasbeck (2000), para quem slogans são frases breves e compactas – sedutoras e significativas, e que os slogans mais eficazes desprendem-se do caráter meramente referencial que os liga aos seus objetos, em vantagem das conotações simbólicas. É o que acontece com a verbiagem, em que as meras LETRAS INICIAIS dos imperadores adquirem um significado referencial: “grande” e com conotação simbólica, resultando no respeito da sociedade.

A multimodalidade – enunciado verbal e imagem das cunhagens apoiam-se na Metafunção Textual – Tema e Rema, nos processos de Legitimação – Voz de experts e emoção e nos fatores de contato, atitude e distância social.

6.5 Discussão dos resultados

As análises numismáticas – que tratam das cunhagens das moedas: **Moeda de Aelia Capitolina/Jerusalém** e **Moeda de Cesareia**, do terceiro século da Era Comum, incluindo a questão das estruturas de poder representadas nas moedas provinciais, foco da presente dissertação de mestrado – tece o processo persuasivo com base nas teorias arqueológicas e numismáticas (LACROIX, 1974; CALTABIANO, 1998; PÉREZ, 1986 e PORTO, 2007) e da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994 e seus colaboradores) em três fatores: a leitura crítica da moeda (multimodalidade, legitimação e a metafunção textual).

Com relação ao estudo numismático com o aporte das teorias linguísticas evidenciaram que a cunhagem provincial de Aelia Capitolina, apresenta estruturas de poder – *status* administrativo da província; legendas em latim, nomeação da cidade e a Legião Romana, e patronato – honra e prestígio, da figura do imperador Caio Mécio Quinto Trajano Décio por meio dos processos persuasivos da metafunção textual – Tema e Rema, Multimodalidade e Legitimação via emoção e voz de expert. No anverso o tema central é o imperador, representado em trajes militar (encouraçado) e manto imperial (drapeado), na associação da figura do soberano a liderança do exército e vestimenta relacionada à nobreza.

A legenda do anverso é circular e em latim, que evidencia que o uso da língua oficial do império sobrepõe a língua e os dialetos locais nas cunhagens. O nome completo do imperador abreviado *Caesar Gaius Messius Quintus Traianus Decius Augustus*, informa ao receptor a linhagem nobre do soberano. A legenda está sobreposta ao busto de Trajano Décio radiado, na divinização do imperador e seu reinado. No reverso o tema central é a imagem de Tyche que está orientada em direção ao Ocidente, à esquerda. As escolhas imagéticas que representam o poder imperial são a águia legionária e Vitória. A legenda circular do reverso traz as siglas do nome da Colônia Aelia Capitolina Comodiana *Pia Felix* (Piedosa e Feliz), em latim na representação do *status* administrativo da província e de sua religiosidade.

Já com relação ao estudo numismático da cunhagem provincial de Cesareia, também apresentou estruturas de poder – *status* administrativo da província; legendas em latim, nomeação da cidade, e patronato – honra e prestígio, da figura do imperador Hostiliano.

No anverso o tema central é o imperador, representado em trajes militar (encouraçado) e manto imperial (drapeado), na associação da figura do soberano a liderança do exército e vestimenta relacionada à nobreza. A legenda do anverso é circular e em latim, que evidencia que o uso da língua oficial do império sobrepõe a língua e os dialetos locais nas cunhagens. O nome do imperador abreviado *Caesar Gaius Valens Hostilianus Messius Quintus Augustus*, informa ao receptor a linhagem nobre do soberano e reforça o seu poder por meio da ideia de herdeiro legítimo ao trono. A legenda está sobreposta ao busto de Hostiliano radiado, na divinização do imperador e seu reinado. No reverso o tema central é o busto de Tyche, drapeado e coroado em forma de torre, na representação das fortificações da província relacionadas ao poderio imperial e da segurança proporcionada pela presença romana na região, imbricadas as instâncias mítico-religiosas na figura de Tyche, que aproxima a comunidade provincial a crença da divinização do poder do imperador Hostiliano, que radiado associa-se ao culto solar. A legenda circular do reverso traz as siglas do nome da Metrópole de Cesareia, em latim.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou que a cunhagem provincial de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia do século III EC era totalmente de cunho ideológico, com a finalidade de persuadir a população local na crença de valores legitimadores do poder político, e a participar mesmo que de forma inconsciente das questões sociopolíticas, históricas e culturais da época, mas de forma hierarquizada, respeitando a rede multidirecional das estruturas de poder e patronato advindas das relações e negociações da Palestina romana com o Império.

Após a articulação das teorias arqueológica, linguísticas e numismáticas, conseguiu-se enxergar mecanismos epistemológicos e metodológicos que são suportes primordiais para a leitura crítica, que vão além das relações econômicas emanadas do estudo da cultura material. Assim, percebeu-se a possibilidade da interface do campo da Arqueologia com a Linguística Sistemico-Funcional (LSF), então, pode-se afirmar com mais segurança, que esta dissertação de mestrado referente às estruturas de poder e patronato observadas nas análises discursivas das moedas de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia no século III EC, pôde receber contribuições relevantes de estudos linguísticos.

A proposta metodológica desse estudo inovou ao articular duas ciências que apesar de terem métodos teóricos de naturezas distintas, possuem aspectos semelhantes, principalmente por levarem em consideração o contexto sociopolítico, histórico, cultural e situacional imediato, nos quais se situam as problemáticas sociais e as relações interpessoais do mundo real, que transcendem a própria época histórica. Portanto considera-se, que as reflexões feitas com embasamento nas abordagens teóricas e metodológicas na convergência da Arqueologia com a LSF foram primordiais na compreensão dos aspectos iconográficos e textuais das moedas provinciais na antiguidade tardia.

Verificou-se também a consonância entre a articulação das teorias embasadas nesta pesquisa, uma vez que seus aspectos se assemelham pela preocupação não só de solucionar os problemas em situações contextualizadas, mas também fazer interface com as diversas áreas do conhecimento com a responsabilidade de sempre estarem revendo e refletindo ações, métodos teóricos e metodologias utilizadas, além de produzirem conhecimento de qualidade que poderão contribuir satisfatoriamente para

outras áreas do conhecimento, as quais pretendam desenvolver uma análise pós-colonial no campo histórico-arqueológico.

A utilização metodológica da Linguística Sistêmico-Funcional mostrou-se relevante para essa pesquisa, uma vez que apresentou a construção da disposição gráfica e do que é tratado na moeda, bem como as múltiplas estratégias discursivas utilizadas na cunhagem monetária para materializar a posição ideológica da elite provincial.

As análises dessa dissertação foram direcionadas por dois questionamentos principais – i) Quais princípios socioculturais alicerçaram o patrocínio das elites locais em relação a comunidade provincial na Antiguidade Tardia? ii) Qual a contribuição da amoedação da Palestina Romana para veiculação e legitimação das estruturas de poder na região, no século III EC?

As discussões fundamentadas nas teorias de Polanyi (1944) evidenciaram que o sistema de trocas nas sociedades antigas, encontrava-se imbricado nas relações socioculturais e religiosas, conforme enunciado da primeira pergunta de pesquisa, que comprovou a relevância social na construção do sistema de trocas nas comunidades provinciais.

Com relação à segunda pergunta sobre a contribuição da amoedação da Palestina Romana para veiculação e legitimação das estruturas de poder e patronato na região, verificou-se pelas epistemologias numismáticas de Lacroix (1974), Caltabiano (1998), Porto (2007) e Pérez (1986), o entendimento de que as imagens monetárias da Palestina romana do séc. III EC, são representações discursivas de estruturas de poder: patronato – honra e prestígio, uma vez que, imagens, símbolos e palavras legitimavam o poder romano sobre as províncias.

As contribuições da LSF e de seus colaboradores Van Leeuwen e Kress (1996) deram suportes para a análise das moedas do séc. III EC, e evidenciaram por meio da Multimodalidade – imagem e texto, a ideologia presente na amoedação provincial, a qual permeava todas as relações da vida social da Palestina romana, que envolvia os âmbitos – histórico-social, político, econômico e cultural.

Acredito que esta pesquisa possa contribuir de forma satisfatória para as epistemologias arqueológicas com relação à análise monetária, uma vez que apresentou suportes analíticos eficazes na leitura iconográfica e textual do anverso e reverso das moedas de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia.

Como pôde ser observado no Primeiro Capítulo dessa dissertação, o Estado da Arte das pesquisas arqueológicas pós-processuais e pós-coloniais referentes às relações de poder existentes entre Roma e as províncias da Palestina, possibilitaram a investigação e análise das representações físicas do patronato romano, as quais demonstraram que os estudos contemporâneos em Arqueologia têm realizado análises de cunho crítico, ultrapassando os problemas enfrentados por essa disciplina no final do século XIX, início do século XX, a qual estava intimamente relacionada a pesquisas descritivas e não havia a preocupação com uma leitura multimodal e articulada, da cultura material e suas representações imateriais.

Na construção de coerência e significados relevantes para os estudos numismáticos, o Segundo Capítulo apresentou a base teórica para as análises socioculturais das estruturas de poder e patronato, o qual baseou-se fundamentalmente nas teorias de Foucault (1979, 2009 e 1999) e Bourdieu (1996, 1998, 1999 e 2001), no entendimento das relações sociais imbricadas e amalgamadas nas redes de poderes emanados nas trocas de mercadorias e na reciprocidade defendida por Polanyi (1944).

A percepção dos elementos legitimadores e persuasivos próprios das cunhagens provinciais de Aelia Capitolina/Jerusalém e Cesareia no século III EC, foi mapeada no Terceiro Capítulo dessa pesquisa, a qual preocupou-se na contextualização das emissões monetárias na Palestina desde o período persa, para o entendimento das escolhas textuais e iconográficas das moedas por um longo período histórico.

Para que houvesse a progressão temática, o Quarto Capítulo restringiu-se às emissões monetárias de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC, na construção quantitativa e gráfica de recorrências, mudanças e permanências nas escolhas textuais e imagéticas das moedas provinciais.

O Quinto Capítulo deteve-se nas epistemologias da Linguística Sistêmico-Funcional, que deram aporte as análises desta dissertação, para a evidenciação da possibilidade de diálogo entre as teorias arqueológicas e as teorias linguísticas.

O Sexto Capítulo evidenciou as ferramentas metodológicas das análises das imagens e textos das cunhagens monetárias, as quais demonstraram-se de extrema relevância na construção estrutural gráfica do significado que compõe a imagem como um todo, em se tratando de uma leitura crítica dos participantes que a compõem como uma figura de prestígio (imperador) ou até mesmo a questão mítica (representada por deuses e elementos locais), os quais transmitiam à sociedade aspectos ideológicos, com a finalidade de persuadir por meio da convicção ou sedução.

Observou-se que a monetarização da Palestina romana, por muito tempo foi vista somente relacionada ao estudo de dados descritivos e não ideológicos como apresentou esta pesquisa. Assim, estou convicta de que, por um lado, esta pesquisa arqueológica pode contribuir de forma relevante para o entendimento das questões sociopolíticas, as quais permeavam toda a vida social e são cunhadas de forma aparentemente neutra para persuadir e manipular, mas que na sua subjacência esconde significados ideológicos importantes; e por outro lado, a reflexão dos resultados dessa dissertação automaticamente colabora na manutenção da leitura e análise mais crítica dos artefatos arqueológicos e, assim, diminui a mera descrição tipológica artefactual.

Então, faz-se necessária a consideração dos aspectos primordiais dos elementos que compõem o discurso monetário, e também da compreensão dos aspectos ideológicos que envolviam as relações interpessoais no mundo antigo, e assim considerar ativa a participação das escolhas das imagens e dos elementos locais cunhados em um disco metálico, para a compreensão da totalidade material e suas representações imateriais nas relações sociopolíticas, histórico-sociais, religiosas e econômicas na Palestina romana do século III EC.

Penso, que sempre haja a possibilidade de se repensar outros modos de teorizar e fazer análise de moedas, que possam surgir de fato à reflexão, na qual a investigação é fundamentalmente centrada no contexto aplicado, onde há mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica, arraigada de interesses ideológicos.

Finalizo esta dissertação, com a convicção de que todos os pesquisadores na área da Arqueologia, que investigam a construção do significado nas cunhagens, precisam situar o seu trabalho nas contingências e vicissitudes sociopolíticas, históricas e culturais e não simplesmente indagar sobre a que interesses seu trabalho serve ou simplesmente desenvolver mera descrição do discurso impresso na cultura material.

REFERÊNCIAS

Fontes Textuais

APIANO. **Apian's Roman History**. The Loeb Classical Library, Londres: William Heinemann Ltd, 1960.

BÍBLIA HEBRAICA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CÁSSIO, D. **Roman History**. English translation by Eanest Cary. London: Harvard University Press, 1995.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Livro IV 6. Cambridge, Harvard University Press, 1994.

_____. **Vida de Constantino**. Tradução de Martín Gurruchaga. Madrid: Gredos, 1994.

FILO DE ALEXANDRIA. **De sacrificiis Abelis et Caini**. Paris, Éditions du Cerf, 1966.

JOSEFO, F. **Autobiografia**. Madrid. Editorial Cremos, 1994.

_____. **Contra Apião**. Madrid. Editorial Cremos, 1994.

_____. **Guerra dos judeus**. Livro I. Jurua Editora. 2ª ed. 2002

_____. **História dos Hebreus**. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro. CPAD, 1990.

GOLDWURM, H. (org.). **Talmud Bavli**. Publications Ltd: USA/Australia/South Africa/Europe, 2001.

KETTERER, E.; REMAUD, M. **Midrashim**. São Paulo: Paulus, 1996.

MARTÍNEZ, G. F. **Textos de Qumran: Edição Fiel e Completa dos Documentos do Mar Morto**. Tradução de Valmor da Silva. Petrópolis: Vozes, 1995.

NEUSNER, J. **The Mishnah**. New Haven and London: Yale University Press, 1988.

PORTEN, B. **The Elephantine Papyri in English: three Millennia of Cross-Cultural Continuity and Change**. Leiden: Brill, 1996.

SÊNECA. Moral Essays, Vol. III: **De Beneficiis**. New York: Harvard University Press, 1935.

Periódicos científicos

ATIQT, Israel Antiquities Authority.

DISCOVERIES IN THE JUDAEAN DESERT, Universidade Hebraica de Jerusalém.

EXCAVATIONS AND SURVEYS IN ISRAEL, Israel Antiquities Authority.
ISRAEL EXPLORATION JOURNAL, Israel Exploration Society.
ISRAEL NUMISMATIC RESEARCH, Israel Numismatic Society.
QADMONIOT, JOURNAL FOR THE ANTIQUITIES OF ERETZ-ISRAEL AND BIBLE LANDS, Israel Exploration Society.

Catálogos numismáticos

ARSLAN, M. **A third century AD hoard of bronzes, principally of Alexandria Troas**. Londres, 1996.

_____. The Coinage of Ancyra in the Roman Period. In: LIGHTFOOT, C. S. (ed.), **Recent Turkish Coin Hoards and Numismatic Studies**, Oxford, 1991, p. 3–42; p. 333–4

_____.; LIGHTFOOT, C. S. **Greek Coin Hoards in Turkey: the Antalya Archaeological Museum and the C.S. Okray Collection**: with additional material from the Burdur, Fethiye and Sinop Museums, Ankara, 1999.

BABELON, E. *Mélanges Numismatiques* II. Paris, 1893, p. 209–296

BALDUS, H. R. Denare des Uranius Antoninus (Anhang: neue Aurei), **JNG 40**, 1990, p. 29–34

_____. Die 'reformierten' Tetradrachmen des Uranius Antoninus im Lichte eines neuen Fundes. Mit Nachträgen zur übrigen Münzprägung dieses 'Kaisers', **Chiron**, n. 5, 1975, p. 443–84

_____. Neue Forschungen zu Uranius Antoninus und seinen Münzen (Nachtrag III)', **JNG 33**, 1983, p. 29–40

_____. Neue Münzen des Uranius Antoninus (Nachtrag II)', **JNG 27**, 1977, p. 69–74

BELLINGER, A. R. **Troy. The Coins. Supplementary Monograph 2**. Princeton, 1961.

_____. **Excavations at Dura-Europos, Final Report VI, The Coins**. New Haven, 1949.

BLAND, R. 'Six Hoards of Syrian Tetradrachms of the Third Century AD', **NC 151**, 1991, p. 1–33

BURNETT, A.; AMANDRY, M.; CARRADICE, I. **Roman Provincial Coinage II. From Vespasian to Domitian (AD 69–96)**. London and Paris, 1999.

_____.; _____. **Roman Provincial Coinage – RPC I: Supplement 1**. Londres-París, 1998.

_____.; _____. **Roman Provincial Coinage – RPC I: Supplement 2**. Londres-París, 2006.

_____.; _____.; SPOERRI, M. **Roman Provincial Coinage – RPC I: Supplement 3**. New York, 2014.

_____.; _____.; _____. **Roman Provincial Coinage – RPC I-III: Consolidated Supplement I-III**. Oxford, UK, 2015.

_____.; _____.; RIPOLLÈS, P. P. **Roman Provincial Coinage I. From the death of Caesar**

to the death of Vitellius (44 BC–AD 69). London and Paris, 1992.

BUTCHER, M. S. **Roman Provincial Coinage VII.1. De Gordien I à Gordien III, Province d'Asie,** Paris and London, 2006.

BUTCHER, K. **Coinage in Roman Syria. Northern Syria, 64 BC–AD 253,** London, 2004.

CALLU, J. P. **La politique monétaire des empereurs romains de 238 a 311,** Paris, 1969.

CARRADICE, I. A. **SNG British Isles VI. Corpus Christi College Cambridge. The Lewis Collection II. The Greek Imperial Coins,** London, 1992.

CASEY, J. et al. **Sinope. A Catalogue of the Greek, Roman and Byzantine Coins in Sinop Museum (Turkey) and related Historical and Numismatical Studies,** London, 2010.

CASTELIN, K. **The Coinage of Rhesaena in Mesopotamia, NNM,** vol. 108, New York, 1946.

CAYÓN, J. R. **Compendio de las monedas del Imperio Romano.** Vol. I e II . Madrid, 1995.

_____. **Compendio de las monedas del Imperio Romano.** Vol. III e IV. Madrid, 1985.

CHADŽIKOSTOV, A. 'Neue Münztypen von Augusta Traiana', in **Festschrift Schönert-Geiss,** p. 193–7

CHRISTIANSEN, E. **Coins of Alexandria and the Nomes: a Supplement to the British Museum Catalogue.** London, 1991.

CRAWFORD, M. H. **Roman Republican Coinage.** Vol. I e II. Cambridge, UK, 1974.

CURTIS, J. W. **The Tetradrachms of Roman Egypt,** Chicago, 1957, [reprint with supplements New York, 1969].

DESSAU, H. **Inscriptiones Latinae Selectae,** Berlin, 1892–1916.

DOMINGO, Saúl. **Catálogo General de Moneda Romana,** Vol. I – República. Valencia, 1983.

EVANS, J. **The Coins, and the Hellenistic, Roman and Byzantine Economy of Palestine . Joint Expedition to Caesarea Maritima, Excavation Reports 6,** Boston, 2006.

GRIERSON, P.; MAYS, M. **Catalogue of Late Roman Coins in the Dumbarton Oaks Collection.** Washington, 1992.

GNECCHI, F. **The Coin Types of Imperial Rome.** Londres, 1911.

HEAD, B. V. **Historia Numorum.** Oxford, 2^a ed., 1911.

HILL, P.V.; KENT, J. P. C.; CARSON, R. A. G. **Late Roman Bronze Coinage – LRBC.** Londres, 1978.

HOSTEIN, A.; MAIRAT, J. **Roman Provincial Coinage IX. From Trajan Decius to Uranius Antoninus (AD 249–254).** London and Paris, 2016.

HOWGEGO, C. **Greek Imperial Countermark. Studies in the Provincial Coinage of the Roman Empire,** London, 1985.

_____.; HEUCHERT, V.; BURNETT, A. (Eds), **Coinage and Identity in the Roman Provinces.** Oxford, 2005.

- _____.; _____.; MAIRAT, J. **Roman Provincial Coinage Online**. Oxford, since 2005.
- JOHNSTON, A. **Greek Imperial Denominations, ca. 200–275. A Study of the Roman Provincial Bronze Coinages of Asia Minor**. London, 2007.
- KADMAN, L. **Corpus Nummorum Palestinensium I, The Coins of Aelia Capitolina**, Jerusalem, 1956.
- _____. **Corpus Nummorum Palestinensium II, The Coins of Caesarea Maritima**, Jerusalem, 1957.
- _____. **Corpus Nummorum Palestinensium IV, The Coins of Akko Ptolemais**, Jerusalem, 1961.
- KARBACH, F.B. Die Münzprägung der Stadt Augusta in Kilikien, Teil 1, **JNG 40**, 1990, p. 35–68
- KINDLER, A. **The Coinage of Bostra**. Warminster, 1983.
- _____. The Coins from Geva. In: MAZAR, B. (ed.). **Geva**. 1988, p. 43–67
- _____. **The Coins of Tiberias**. Tiberias, 1961.
- KREMYDI-SICILIANOU, S. **The Coinage of the Roman Colony of Dion**, Athens, 1996.
- LANE, E. **Corpus Monumentorum Religionis Dei Menis, 2. The Coins and Gems**. Leiden, 1975.
- LEVANTE, E. **SNG Switzerland I. Levante. Cilicia**. Bern, 1986; **Supplement 1**, Bern, 1993.
- MACDONALD, D. J. **Greek and Roman Coins from Aphrodisias**. Oxford, 1976.
- MARTINI, R.; VISMARA, N. **Monetazione Provinciale Romana. Collezione Winsemann Falghera I–VI**, Milan, 1992.
- MATTINGLY, H. **Roman Coins, from the earliest times to the fall of the Western Empire**. Londres, 1928 [1977].
- _____.; SUTHERLAND, C.H.V.; et. al. **Roman Imperial Coinage – RIC IX**. Londres, 1951.
- _____.; SYDENHAM, E.A. **Roman Imperial Coinage – RIC IVa**. Londres, 1936.
- _____.; _____. **Roman Imperial Coinage – RIC IVb**. Londres, 1939.
- _____.; _____. **Roman Imperial Coinage – RIC IVc**. Londres, 1949.
- _____.; _____. **Roman Imperial Coinage – RIC II**. Londres, 1929 [1997].
- _____.; _____. **Roman Imperial Coinage – RIC III**. Londres, 1930.
- _____.; _____.; WEBB, P. H. **Roman Imperial Coinage – RIC Va**. Londres, 1927 [1972].
- _____.; _____.; _____. **Roman Imperial Coinage – RIC Vb**. Londres, 1933 [1972].
- MAZZINI, G. **Monete Imperiali Romane. IV: da Pacaziano a Valeria**, Milan, 1957.
- MAZARD, J. **Corpus Nummorum Numidiae Mauretaniaeque**. Paris, 1955.
- MESHORER, Y. **City-Coins of Eretz-Israel and the Decapolis in the Roman Period**, Jerusalem, 1985.
- _____. 'Monnaies de Raphia', **RN**, 1976, p. 57–68

- _____. **The Coinage of Aelia Capitolina**, Jerusalem, 1989.
- _____. 'The Coins of Caesarea Paneas', *INJ* 8, 1984–5, p. 37–58
- _____. 'The Coins of Dora', *INJ* 9, 1986, p. 59–72
- METCALF, W. E. **The Silver Coinage of Cappadocia, Vespasian-Commodus**, *NNM* 166, New York, 1996.
- METER, D. V. **The Handbook of Roman Imperial Coins**. New York, 1991 [2000].
- MILNE, J. G. **A Catalogue of the Alexandrian Coins in the Ashmolean Museum**, Oxford, 1933, [reprint with supplement, 1971].
- _____. **Kolophon and its Coinage: a Study**, *NNM*, vol. 96, New York, 1941.
- MINOKOVA, M. 'Supplementum at the coinage of Augusta Traiana'. In: **Kongress Berlin 1997**, p. 703–5
- MIONNET, T. E. **Description des médailles antiques, grecques et romaine**, Paris, 1806–37.
- MISSERE, G.; FONTANA, F. M. **La collezione Missere di monete romane provinciali**, Modena, 1999.
- PARKS, D. A. **Roman Coinage of Cyprus**. Thesis Presented to the Faculty of the Graduate School, University of Missouri-Columbia, 1991.
- PRICE, M. J.; TRELL, B. L. **Coins and their Cities**, London, 1977.
- PRIEUR, K.; PRIEUR, M. **The Syro-Phoenician Tetradrachms and their fractions from 57 BC to AD 258**, Lancaster PA and London, 2000.
- RIPOLLÈS, P. P. **The G.D. Lorichs Collection – SNG**. Stockholm, 2003.
- _____.; BURNETT, A.; AMANDRY, M.; CARRADICE, I.; BUTCHER, M. S. **Roman Provincial Coinage. Consolidated Supplement I–III** (1992–2015), *RPC* online, 2015.
- ROBINSON, A. S. **Roman Imperial Coins in the Hunter Coin Cabinet. II. Trajan to Commodus**. London, 1971.
- ROGERS, E. **The Copper Coinage of Thessaly**. London, 1932.
- ROSENBERGER, M. **The Rosenberger Israel Collection I–III**, Jerusalem, 1972–77
- _____. **The Coinage of Eastern Palestine and Legionary Countermarks**, Bar-Kochba Overstrucks Jerusalem, 1978.
- ROUVIER, J. Numismatique des Villes de la Phénicie, *JIAN* 3, 1900.
- SAULCY, F. de **Numismatique de la Terre Sainte**, Paris, 1874.
- SCHÖNERT-GEISS, E. **Die Münzprägung von Augusta Traiana und Traianopolis**. Berlin, 1991.
- SPIJKERMAN, A. A hoard of Syrian tetradrachms and eastern antoniniani from Capharnaum, **Studium Biblicum Franciscanum Liber Annus IX**, 1958–9, p. 283–329
- _____. **The Coins of the Decapolis and Provincia Arabia**, Jerusalem, 1978.
- SUTHERLAND, C.H.V.; CARSON, R.A.G. **Roman Imperial Coinage – RIC I**. Londres,

1984.

_____; _____. **Roman Imperial Coinage – RIC VII.** Londres, 1966.

_____; _____. **Roman Imperial Coinage – RIC VI.** Londres, 1967.

_____; _____. **Roman Imperial Coinage – RIC VIII.** Londres, 1981.

SYDENHAM, E. A. **The Roman monetary system.** Londres, 1919.

_____. **The Coinage of Caesarea in Cappadocia.** London, 1933 [reprinted with a Supplement by A.G. Malloy, New York, 1978].

SZAIVERT, W. **Die Münzprägung der Kaiser Marcus Aurelius, Lucius Verus und Commodus (161–192),** Vienna, 1986.

TEKIN, O. **Grek ve Roma sikkeleri: Yapı Kredi koleksiyonu (Greek and Roman coins: the Yapı Kredi collection).** Istanbul, 1994.

_____.; ALTINOLUK, S.; KÖRPE, F. SNG Turkey 3: Çanakkale Museum I: **Roman Provincial Coins of Mysia, Troas.** Istanbul, 2009.

TOURATSOGLU, I. **Die Münzstätte von Thessaloniki in der römischen Kaiserzeit,** Berlin, 1988.

WAAGE, D. B. **Antioch-on-the-Orontes, IV, Part Two: Greek, Roman, Byzantine and Crusaders' Coins.** Princeton, 1952.

Bibliografia

ABEL, F. M. **Geographie de la Palestine.** Paris: J. Gabalda, 1938.

ALLEGRO, J. **O Povo Eleito – uma interpretação revolucionária da origem dos judeus.** Ed Três, 1976.

ANDERSON, J. D. The impact of Rome on the periphery: the case of Palestina – Roman period (63a.C. – 324 d.C.). In: **The Archaeology of Society in the Holy Land,** New York, Facts on File, 1995, p. 46-469.

ANDRADE, A. L. P. Como Jerusalém se tornou a Cidade Santa. **VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar** Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, PI, 2012.

ANDREAU, J. Il Liberto. In: GIARDINA, A. **Il L'Uomo Romano.** Prima edizione. Roma: Editori Laterza, 1993.

APPLEBAUM, S. “Economic life in Palestine”. In: **The Jewish people in the First Century,** vol. 2, Assen, 1976, p. 631-700.

_____. “Judaea as a Roman Province”. In: **ANRW,** vol. 2, 1977, p. 355-96.

_____. “The Settlement Pattern of Western Samaria from Hellenistic to Byzantine Times. A historical commentary”. In: **Landscape and Pattern: an Archaeological survey**

of Samaria 800 BCE-636 CE. **BAR - British Archaeological Reports International Series 308**, Oxford, 1986, p. 255-69.

_____. "Judea in Hellenistic and Roman Times". In: **Studies in Judaism in Late Antiquity**, Vol. 40, Leiden, ed. J. Neusner, 1989, p. 1-8.

ARAUJO, B. O. Uma introdução ao Baixo Império Romano: Pesquisa e Debate Científico no Brasil. **Revista Plêthos**, v. 2, 2012, p. 114-130.

ARIEL, D.T. A Survey of the Coin Finds in Jerusalem (until the end of Byzantine Period). **Liber Annuus** 32, 1982, p. 273-326.

ARIEL, D.T. Which Side is Up? The Jerusalem Mint and its Bevelled Coins. **Israel Numismatic Research** 11, 2016, p. 63-94.

AVNER, R. G. A; ECKER, H. M. C. Special Announcement: A New-Old Monumental Inscription from Jerusalem Honoring Hadrian. In: *New Studies in the archaeology of Jerusalem of region*, vol. 8, 2014, p. 96-101.

AVI-YONAH, M. (Ed.). **Israel Exploration Journal**, vol. 8, n. 2, 1958.

BARAG, D.; QEDAR, S. The Beginning of Hasmonean Coinage. **Israel Numismatic Journal** 4, 1980, p. 8-21.

BARNARD, B. E. **Evergetismo e generosidade em Elêusis**: Um Estudo de Caso de Estruturas Mecenato Antiga. 2011.

BASTOS, M. T. Arqueologia Romana em Israel: o uso da Petrografia Cerâmica para análises de cultura material. **Cadernos do LEPAARQ**, v. XII, nº24, 2015.

BEN-DAVID, A. Jewish and Roman Bronze and Copper Coins: Their Reciprocal Relations in Mishnah and Talmud from Herod the Great to Trajan and Hadrian. *Palestine Exploration Quarterly* 102, 1970, p. 109-129.

BERNAL, M. **Black Athena**: Afroasiatic Roots of Classical Civilization, Volume I: The Fabrication of Ancient Greece, 1785-1985. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.

BIJOVSKY, G. I. The currency of the fifth century C.E. in Palestine: some reflections in light of the numismatic evidence. **Israel Numismatic Journal** 14, 2001.

_____. G; RAPHAEL, K. The Coin Hoard from Caesarea Maritima and the 363 CE Earthquake. **Israel Numismatic Journal**, vol. 9, 2014, p. 173-191.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. Conferência do prêmio Goffman: adominação masculina revisitada. In: LINS, D. (Org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papirus, 1998, p. 11-27.

_____. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (Orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a.

_____. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996b.

BROWN, P. Antiguidade Tardia. In: VEYNE, P. (org.) **A História da Vida Privada**, v.1., São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **Authority and the Sacred**: Aspects of the Christianization of the Roman World. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1995.

_____. **The World of Late Antiquity**. Thames and Hudson, 1971.

_____. **O Fim do Mundo Clássico** – de Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

_____. **The Rise of Western Christendom**: triumph and diversity, A.D. 200–1000. Oxford: Blackwell, 1996.

BUSTAMANTE, R. M. da C. A construção romana das representações sociais da África através das moedas. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 18, 2014, p. 69-77.

_____. Representação do espaço rural em dois mosaicos: Laberii e Dominus Iulius. **Phoinix** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2002, p. 328-358.

_____. 'Ressignificando o lixo': análise de um mosaico de 'asarôtos oikos' da África Romana. **Phoinix**, v. 15, p. 99-113, 2009.

CALTABIANO, M. C. Immagini-parola, grammatica e sintassi di un lessico iconografico monetale. In: A. E. ARSLAN (a cura di), **La “parola” delle immagini e delle forme di scrittura**: modi e tecniche di comunicazione nel mondo antico. Messina, 1998, p. 57–74.

CASSIRER, E. **Antropologia Filosófica** – Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CAVEDONI, C. Numismatica Biblica o sia Dichiarazione delle monete antiche memorate nell Sante Scritturi. Modena, 1850.

CHADWICK, Henry. **The Church in Ancient Society**: From Galilee to Gregory the Great. United States. New York: Oxford University Press, 2001.

CLEGG, S. R. **Frameworks of power**. London: Sage, 1993.

_____. Tecnologia, instrumentalidade e poder nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**, [S.l.], v. 32, n. 5, nov./dez. 1992.

_____; HARDY, C. Introdução: organização e estudos organizacionais. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. (Eds.). **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999.

COSTA JUNIOR, J. G. **Judaea Romana: negociação e resistência**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 2010.

_____. A aplicação do conceito de resistência ideológica nas moedas judaicas da primeira revolta dos Judeus contra os romanos. **Revista Jesus Histórico**, v. 6, 2011, p. 68-80.

CROZIER, M.; FRIEDBERG, E. **El actor y el sistema**: las restricciones de la acción colectiva. México: Alianza Mexicana, 1990.

DALTON, G. **Economic Theory and Primitive Society**. In: *American Anthropologist*, vol. 63, nº1, 1961, p. 1-25.

EGGINS, S. **An Introduction Systemic Functional Linguistics**. London: Pinter Publisher Ltd. 1994.

ECKER, A.; COTTON, "Tituli Picti and Graffiti," in: W. Ameling, H.M. Cotton, W. Eck et al. (eds.), **Corpus Inscriptionum Iudaeae/Palaestinae Vol II** – Caesarea and the Middle Coast, Walter De-Gruyter, Berlin/New York, 2011.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.

_____; Wodak, R. Análisis crítico del discurso. In: _____. **El discurso como interacción social. Estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria**. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2000, p. 367-404.

FAVERSANI, F. O Estado Imperial e os Pequenos Impérios. **História**, São Paulo, v. 26, 2007, p. 53-62.

FLEMING, M. I. D. A.; BASTOS, M. T.; PORTO, V. C. P. Arqueologia Clássica e as Humanidades Digitais no Brasil. **Cadernos do LEPAARQ do LABORATÓRIO DE ENSINO E PESQUISA EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - LEPAARQ/UFPEL**. vol. 14, n. 27, 2017. p.p. 10-28.

FLEMING, M. I. D'A. **Aplicação da arqueometria no estudo de coleções arqueológicas**. Revista CPC, São Paulo, n. 6, 2008, p. 219-230.

_____. Apresentação. **R. Museu Arq. Etn. Supl**, n. 18, Anais do I Simpósio do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial “Representações da romanização no mundo provincial romano”, 2014, p. 11.

_____. Poder Político e cultura material: as vasilhas de metal romanas no contexto imperial e nas áreas periféricas da Europa central e do norte. In: BENOIT, H.; FUNARI, P. P. A. (Org.) **Ética e Política no Mundo Antigo**. Campinas: UNICAMP, **Revista FAPESP**, 2001. p. 101-116.

FISCHER, R. M. O círculo do poder: as práticas invisíveis de sujeição nas organizações complexas. In: FLEURY, M. T. L. et al. **Cultura e poder nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1989.

FLORENZANO, M. B. B. Numismática e História Antiga. In: **Anais do 1º Simpósio Nacional de História Antiga**. João Pessoa, 1984.

_____. Notes on the Imagery of Dionysus on Greek coins. In: **RBN**, CXLV, 1999, p. 1-10.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **A verdade e as normas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRIES, P. H. On Theme, Rheme and discoursegoals. In: COULTHARD, M. (ed.) **Advances in WrittenText Analysis**. London: Routledge. 1994.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: contexto, 2003.

_____. Arqueologia: por quê, para quê, em benefício de quem? III REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS, Rio de Janeiro. **Caderno de Resumos**, 1988, p. 2.

_____. **Cultura material Histórica e Patrimônio**. Campinas, IFCH/Unicamp, Abril/2003.

_____. European archaeology and two Brazilian offspring: classical archaeology and art history. **Journal of European Archaeology**, v. 5, n. 2, 1997, p. 137-148.

_____. La contribution d'une approche postprocessual pour la compréhension de la consommation d'huile d'olive en Bretagne romaine. *Studio Historica*. **Historia Antigua**, v. 26, 2008b, p. 271-302.

_____. Latin epigraphy, an interdisciplinary approach to the ancient world. **Revista Clássica**, São Paulo, v. 17/18, 2006, p. 311-322.

_____. **Roma Vida Pública e Vida Privada**. 4ª ed. São Paulo: Atual, 1993.

_____. The Economic history of Roman Britain: olive oil contribution to the debate. **História e economia**, v. 1, 2005, p. 29-46.

_____. Brasileños y romanos: colonialismo, identidades y el rol de la cultura material. In: FUNARI, P. P. A.; PÉREZ-SANCHES, D.; DA SILVA, G. J. (Eds.). *Arqueología e História del mundo antiguo: contribuciones brasileñas y españolas*. Oxford: **BAR Internations Series** 1791, 2008a, p. 41-45.

GALBRAITH, J. K. **Anatomia do poder**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GARRAFFONI, R. S.; CAVICCHIOLI, M.; SILVA, G. J. Escavação arqueológica em uma cidade romana: a experiência de três brasileiros. **Boletim do CPA**, ano VI, n. 11, 2001, p. 149-153.

_____. ; FUNARI, P. P. A. Roman Past and Contemporary Brazil: How Classics Shape Modern Identity. In: **Why does the past matter?** Amherst: University of Massachussets Press, v. 1, 2011, p. 48-48.

_____. ; FUNARI, P. P. A. The uses of Roman heritage in Brazil. **Heritage and Society**, v. 5, 2012, p.53-76.

GITLER, H. Different Aspects of the Quantification of Persian Period Coinages of Palestine. In: CALLATAY, F. de (ed.). **Quantifying Monetary Supplies in Greco-Roman Times** (Pragmateiai 19). Bari, 2011, p. 267–284.

_____. TAL, O. The Coinage of Philistia of the Fifth and Fourth Centuries BC: A Study of the Earliest Coins of Palestine. **Collezioni Numismatiche** 6, 2006.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

GRUEN, Erich. Herod, Rome, and the Diaspora. In: JACOBSON, D. and KOKKINOS, N. **Herod and Augustus: Papers held at the IJS Conference, 21st – 23rd June 2005**. Leiden: Brill, 2009, p. 13-28.

GUARINELLO, N. L. Análise espacial de um Edifício Rural Romano - a vila da localidade de Sette Termini no ager pompeianus. **Dédalo**, São Paulo, v. 24, 1985, p. 207-234.

_____. Império e Imperialismo, realidades antigas e conceitos contemporâneos. In: Feldman, S. A. et al. (Org.). **Os impérios e suas matrizes políticas e culturais**. Vitória e Paris: Flor & Cultura; Université de Paris-Est, 2008.

_____. O Império Romano e Nós (Introdução) In: MENDES, N. M. & SILVA, G. V.(org.) **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: Edufes, 2006, p. 13-19.

HALLIDAY, M. A. K. An applicable description of the grammar of a language. In: WEBSTER, Jonathan J. (ed.). *Collected Works of M. A. K. Halliday*, v. 7, **Studies in English Language**. Continuum, 2005.

_____. **An Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. Revisada por Mathiessen, M.I.M. London: Arnold, 2004.

_____. **An Introduction to Functional Grammar**. Londres: Edward Arnold, 1994 [1985].

- _____. **Exploration in the Functions of Language.** London: Arnold, 1973.
- _____. **Language as Social Semiotics: The Social Interpretation of Language and Meaning.** University Park Press, Baltimore, 1978.
- _____.; HASAN, R. **Cohesion in English.** Londres: Longman, 1976.
- _____.; _____. **Language' Context and text.** Gcolong, Vic.: Deakin University, 1985.
- _____.; _____. **Language, context, and text: Aspects of language in a socialsemiotic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1989.
- _____.; MARTIN, J.R. **Writing Science: Literacy and Discursive Power.** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. 1993.
- _____.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar.** 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.
- HENDIN, D. **Guide to Biblical Coins.** 5th ed. New York: Amphora, 2010.
- HINGLEY, R. **Roman officers and English gentlemen: the imperial origins of Roman Archaeology.** London: Routledge, 2000.
- HILL, G.F. **Catalogue of the Greek Coins in the British Museum: Palestine.** London, 1914.
- HODDER, I. **Symbolic And Structural Archaeology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982b.
- _____. **Archaeology As Long-Term History.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- _____. **Reading The Past: Current Approaches To Interpretation In Archaeology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- _____. **Symbols In Action: Ethnoarchaeological Studies Of Material Culture.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982a.
- _____. **The Archaeological Process. An Introduction.** Oxford, Blackwell Publ, 1999.
- _____. **Theoretical Archaeology: A Reactionary View.** In: Hodder, Ian (Ed.) **Symbolic And Structural Archaeology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982, pp. 69-79.
- _____. **Theory And Practice In Archaeology.** Londres, Nova Iorque: Routledge. 1992.
- ISAAC, B. e ROLL, I. **Judaea in the Early Years of Hadrian's Reign.** Tel Aviv, Latomus, 1979.

KIPPENBERG, H. G. **Religião e formação de classes na antiga Judeia**, São Paulo: Paulus, 1988.

KINDLER, A. The status of cities in the Syro-Palestinian area as reflected by their coins. **Israel Numismatic Journal**, 6-7, 1982/83, P.79-87.

KONSTAN, D. **Friendship and Patronage**, in A Companion to Latin Literature (ed S. Harrison), Blackwell Publishing Ltd, Malden, MA, USA. 2005.

KORMIKIARI, M. C. N. **Norte a África autóctone do século III ao I a.C:** as imagens monetárias reais berberes. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2001.

_____. **Moedas púnicas em coleções brasileiras:** iconografia e circulação. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 1995.

_____. O cavalo nas moedas púnicas: um ensaio de interpretações. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 1999, p.111-125.

KRESS, G.; HODGE, R.I.V. **Language and Ideology**, Londres: Routledge, 1979.

_____; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: The grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

_____; _____. **Reading images:** the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

LACTÂNCIO. **De Mortibus Persecutorum**. Paris: Ed. J. Moreau, 1954.

LEVINE, L. I. **A History of Caesarea under Roman Rule**. Leiden: Brill, 1975.

LI, J. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. **Journal of Pragmatics**, 2010, p. 34-58.

LOBIANCO, E. **O outono na Judeia**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999.

MACGILLIVRAY, E. D. Re-evaluating Patronage and Reciprocity in Antiquity and New Testament Studies. **Journal of Greco-Roman, Christianity and Judaism**. University of Aberdeen, Scotland, UK. 2009, p. 37-81.

MACHADO, C. A. Aristocratic Houses and the Making of Late Antique Rome and Constantinople. In: GRIG, L.; GAVIN, K. (Org.) **Two Romes. Rome and Constantinople in Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 136-158.

_____. Building the Past: Monuments and Memory in the Forum Romanum. In: BOWDEN, W.;GUTTERIDGE, A.; MACHADO, C. A. (Org.). **Social and Political Life in Late Antiquity**. Leiden: Brill, 2006 p.157-192.

_____. The City as Stage: Aristocratic commemorations in late antique Rome. In: REBILLARD, E.;SOTINEL, C. (Org.). **Lesfrontières du profane dansl'Antiquité Tardive**. Roma: École Française de Rome, 2010, p. 287-317.

- MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MADDEN, F. W. **Coins of the Jews**. London, 1881.
- MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. C. **Potestas populi. Participation populaire et action collective dans les villes de l'Afrique romaine tardive** (vers 300-430 apr. J.-C.). Turnhout: Brepols, 2012.
- _____. Travail, habitation et sociabilités populaires dans les villes de l'Afrique romaine: les quartiers commerçants et artisanaux de Carthage et de Timgad. In: FONTAINE, S.; SARTRE, S.; TEKKEIENDO (Org.). **La ville au quotidien. Regards croisés sur l'habitat et l'artisanat antiques** (Afrique du Nord, Gaule, Italie). Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 2011, p. 59-69.
- MAGNESS, J. **The Archaeology of the Holy Land: From the Destruction of Solomon's Temple to the Muslim Conquest**. New York: Cambridge University Press, 2012.
- MAIER, F. **Las Transformaciones a Mundo Mediterráneo**. Siglos III-VIII. Madrid: Siglo XXI de España, 1972.
- MALINA, Bruce J. **O Evangelho Social de Jesus**. O Reino de Deus em perspectiva mediterrânea. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARSHALL, F. (Ed.). História Antiga e Arqueologia. Dossiê Projeto Apollonia. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 10, n. 17, 2003.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical Cartography: English Systems**. Tokyo: International Language Sciences Publishers. 1995.
- MATTINGLY, D.J. From one Colonialism to another: Imperialism and the Maghreb. In: WEBSTER, J.; COOPER, N. (orgs.). **Roman Imperialism: PostColonial Perspectives** (Leicester Archaeology Monographs, 3). Leicester, 1996, p. 49-69.
- MEADOWS, A.; SHIPTON, K. (eds.). **Money and Its Uses in the Ancient Greek World**. Oxford, 2001.
- MENDES, N. M. A documentação de cultura material e o sistema de economia imperial romano no litoral sul da Lusitânia. In: LESSA, F. de S.; BUSTAMANTE, R. M. da C.(Org.). **Dialogando com Clio**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p. 185-204.
- _____. **Sistema Político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- MENDES, N. M.; CORREIA, Y. Epigrafia, Sociedade e Religião: O caso da Lusitânia. **Phoenix (UFRJ)**, v. 12, 2007, p. 257-279.
- MENESES, U. T. Bezerra de. A situação atual da pesquisa arqueológica no Brasil. **Dédalo**, Revista de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 17/18, 1973, p. 5-10.
- MESHORER, Y. **A treasury of Jewish Coins**. Jerusalém: Yad Ben-Zvi Press, 2001.

- MILDENBERG, L. **The Coinage of the Bar Kokhba War**. Salzburg: Verlag Sauerlander. 1984.
- MILLAR, F. **The Roman Coloniae of the Near East: A Study of Cultural Relations**. In: Solin and Kajava, 1990, p. 7–58.
- MINTZBERG, H. Power and organization life cycles. **Strategic Management Journal**, [S.l.], v. 9, n. 2, 1983.
- MOITA LOPEZ, L. P. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **Revista Delta**, v. 1, n. 2, 2001.
- MORAN, W. L. (ed.). **The Amarna Letters**, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000.
- MUNZI, M. **L’epica del ritorno**: archeologia e politica nella Tripolitania italiana. Roma: “L’Erma” di Bretschneider, 2001.
- LACROIX, L. **Études d’archéologie numismatique**. Universidade de Lion. Publicações da Biblioteca Salomon Reiach, Diffusion de Boccard, 1974.
- LAGO, L. A. C. D. **A moeda metálica em perspectiva histórica**: notas em torno de uma exposição – 1ª Parte: De cerca de 600 a.C ao Séc. XV d.C. Puc – Rio, 2004.
- LEVINE, L.I. **Roman Caesarea, an Archeological-Topographical Study** (Qedem 2). Jerusalem, 1975.
- LEVY, M. A. **Geschichte der jüdischen Münzen gemeinfasslich dargestellt**. Leipzig, 1862.
- OSTERMANN, S. Die Münzen der Hasmonäer. Ein kritischer Bericht zur Systematik und Chronologie . **Novum Testamentum et Orbis Antiquus 55** . Freiburg, 2005.
- PÉREZ, C. **Monnaie du pouvoir. Pouvoir de la monnaie**. Une pratique discursive originale: le discours figuratif monétaire. Annales Littéraires de l’Université de Besançon, Paris, 1986.
- PETTIGREW, A. M. **Strategy formulation as a political process**. International Studies of Management and Organizations , [S.l.], v. 7, n. 2, 1977, p. 78-87.
- POLANYI, K. **A grande transformação – As origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 1944.
- PORTELLI, H. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- PORTO, V. C. **Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo, 2007.
- _____. A iconografia judaica e as moedas da Judeia. **Lumen et Virtus**: revista de cultura e imagem, v. IV, 2013, p. 22-48.

_____. **As moedas romanas da Península Ibérica e da Síria-Palestina: uma tentativa de diálogo.** Revista Mare Nostrum, n. 3, 2012, p.13-32.

_____. **Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo, 2007.

_____. O Império Romano e as cidades da Judéia/Palestina: um estudo iconográfico das moedas. In: FUNARI, P. P. A.; SILVA, M. A. O. (Org.) Política e identidades no mundo antigo. São Paulo: Annablume; **Revista FAPESP**, 2009, p. 107-130.

PRICE, M. J.; TRELL, B. L. **Coins and their Cities**, London, 1984.

PRIEUR, M.; K. PRIEUR. **A Type Corpus of the Syro-Phoenician Tetradrachms and Their Fractions from 57 BC to AD 253.** London, 2000.

RAJAK, T.; NORTH, J.; LIEU, J. (Ed.) **The Jews among Pagans and Christians in the Roman Empire.** London and New York: Routledge, 1992.

RECH, R. M. Apollonia Romana e sua Villa Maritima. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n. 17, 2003.

REECE, R. **Catalogue of Coins of the Roman Empire in the Ashmolean Museum.** Part I, Augustus. Oxford: Clarendon Press, 1975.

REIFENBERG, A. **Ancient Jewish Coins.** Jerusalém, 1940.

REINACH, T. **Les monnaies juives.** Paris, Leroux, in 18°, 1887.

REVELL, L. **Roman Imperialism and Local Identities.** Cambridge, Cambridge University Press. 2009.

ROLDÁN HERVÁS, J. M. **Introducción a la Historia Antigua.** Madrid: Ediciones Istmo, 1975.

ROLL, I.; TALL, O. Apollonia-Arsuf. **Final Report of Excavations I.** Tel Aviv, 1999.

ROSENBERGER, M. City coins of Palestine. (**The Rosenberger Israel Collection**) 3 vols. Jerusalém: The Author, 1972, 1975, 1977.

SALLER, Richard. **Personal Patronage under the Early Empire.** Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

SAULCY, F. De. **Recherches sur la numismatique judaïque.** Paris, 1854.

SCHÜRER, E. **Storia del popolo giudaico al tempo di Gesù Cristo**, vol. I, Brescia, 1985.

SILVA, D.A. **Honor, Patronage, Kingship and Purity: Unlocking New Testament Culture.** Inter-Varsity Press, 2000.

SILVA, G. V. da Cristianismo e helenismo na Antiguidade Tardia: uma abordagem à luz dos mosaicos de Antioquia. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, v. 5, 2013, p. 64-80.

_____. **Considérations sur l'intolérance religieuse au IV e siècle:** à propos de la Ve Oratio de Thémisthius de Byzance. *Revue Française d'Histoire des Idées Politiques*, Paris, v. 23, 2006, p. 3-20.

SITCHIN, Z. **A escada para o céu:** O Caminho percorrido pelos Povos Antigos para atingir a Imortalidade. São Paulo, Editora Best Seller, 1980.

SMALLWOOD, E. M. **The jews under Roman rule from Pompey to Diocletian:** a study in political relations. Leiden, Brill, 1981.

STEIN, A. K. City eras on Palestinian coinage. In: (HOWGEGO C.; HEUCHERT, V.; BURNETT, A. (eds). **Coinage and Identity in the Roman Provinces**. Oxford University Press, 2005, p. 157-161.

STERN, E. **The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land**. 4 vols. New York: Simon & Schuster, 1990.

STERN, M. **Greek and Latin Authors on Jews and Judaism I**. Jerusalem, The Israel Academy of Sciences and Humanities, 1976.

SYON, D. Small Change in Hellenistic-Roman Galilee: The Evidence from Numismatic Site Finds as a Tool for Historical Reconstruction. Jerusalem: **The Israel Numismatic Society**, 2015.

TAI, O. Greek Coinages of Palestine. In: METCALF, W. E., (ed.). **The Oxford Handbook of Greek and Roman Coinage**. Oxford: Oxford University Press. 2012, p. 252–274.

TILLESSE, C. M. A acessão de Davi. **Revista Bíblica Brasileira**, Fortaleza, v. 4, n. 2, 1987.

WILLIAMS, M. Jews and Jewish Communities in the Roman Empire – Essay Eleven. In: HUSKINSON, J. (Ed.) **Experiencing Rome: culture, identity, and Power in the Roman Empire**. London, Routledge. 2000.

ZANKER, P. **Augusto y el Poder de las Imágenes**. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

ZARANKIN, A. **Paredes que Domesticam:** Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista. Campinas: UNICAMP, 2002.

ZLOTNIKY, Y. Were Jewish Coins Struck on Attached Strips of Flans? **Israel Numismatic Research** 7, 2012, p. 81-93.

ANEXO – GLOSSÁRIO DE TERMOS DA LÍNGUÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL

Os termos da Linguística Sistêmico-Funcional apresentados nas análises dessa pesquisa seguem as proposições de Halliday (1994) e seus colaboradores.

ATTITUDE: Sistema linguístico que considera duas dimensões do discurso – a **dimensão horizontal**, que cria envolvimento dos espectadores (por meio da frontalidade) ou afastamento (através da lateralidade), e da **dimensão vertical**, que cria a relação de poder entre o espectador e participantes representados (hierárquico ou solidário).

CONTATO: Sistema linguístico através do qual a imagem age sobre o expectador de alguma maneira (exigindo uma resposta ou oferecendo uma “informação” visual).

DISTÂNCIA SOCIAL: Sistema linguístico através do qual o espectador é convidado a aproximar-se dos participantes representados (distância social íntima), mantida a uma distância razoável (distância social) ou na posição de afastamento (distância impessoal).

LEGITIMIZAÇÃO: Termo criado a partir da palavra em latim “*legitimus*” (e.g., legal), relacionando-se assim a “*lex/legis*” (e.g. lei, acordo). Hoje, a palavra é também usada fora do jargão legal e em geral envolve a semântica de “justificação”. Em teoria e origem, “legitimação” significa tornar algo legal ou legalizado. Assim, a legitimação (doravante, LEG) refere-se ao processo pelo qual os falantes dão crédito ou licenciam um tipo de comportamento social (mental ou físico).

LÍNGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF): Teoria iniciada por Halliday, linguista britânico, e seus colaboradores, que tem por embasamento teórico a descrição sistêmica da língua, na interpretação simultânea tanto de código quanto de comportamento, para especificar os sistemas dos quais se deriva um item linguístico. Assim, os sistemicistas entendem que, ao se analisar instâncias da língua em um texto, seja oral, seja escrito, correlaciona-se simultaneamente diversos sistemas da língua para fornecer um tratamento compreensível dos fenômenos linguísticos em funcionamento.

METAFUNÇÕES: Para a LSF, os usuários da língua não interagem apenas para trocar sons uns com outros, nem palavras ou sentenças, mas para construir significados. Esses significados são chamados de metafunções, e são três: metafunção ideacional; metafunção interpessoal e metafunção textual.

MULTIMODALIDADE: O termo técnico "Multimodalidade" surgiu na década de 1920, criado em um novo campo – a psicologia da percepção – denotando os diferentes efeitos de percepções sensoriais (VAN LEEUWEN, 2011). Dessa forma, a LSF emprega esse termo para definir o fenômeno linguístico do texto composto (imagem e texto) ou multimodal. Na década de 1990, inspirada pelo linguista M.A.K. Halliday (1978, 1994), foi adotado e ampliado o termo "multimodalidade", que, assim, foi introduzido na Linguística Aplicada.

REMA: O resto da mensagem, a parte ao qual o Tema é desenvolvido, é chamado de Rema.

TEMA: Segundo Halliday (1994), tema é o elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é aquilo de que trata a oração.